

# Caderno de *O Estandarte*



**A FÉ REFORMADA E A GLOBALIZAÇÃO**  
**VOZES DA CORÉIA, ESTADOS UNIDOS E BRASIL**



---

# APRESENTAÇÃO

---



Rev. Eduardo Galasso

A decisão da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos de realizar um seminário de estudos para líderes de igrejas presbiterianas no mundo sobre o tema da globalização e a fé reformada, que se concretizou em uma jornada por três continentes, durante 20 dias, no ano de 2000, chama nossa atenção por diversos motivos.

As muitas despesas e o cuidadoso preparo para que os seus objetivos – “estimular reflexões internacionais, bíblicas e teológicas sobre questões éticas emergindo da economia global” - fossem alcançados, demonstram a seriedade com que a nossa igreja irmã (mãe) vê a urgência de um testemunho cristão que seja pertinente em meio ao mundo globalizado em que vivemos. Por outro lado, o modo de fazer isso – juntando igrejas irmãs de lugares tão distantes e culturas tão diferentes como a Coreia, Estados Unidos e Brasil – revela a compreensão de que o diálogo sincero, a troca de experiências e a comunhão podem ser o terreno fértil para uma profunda compreensão da ação do Espírito Santo, instruindo-nos nos dias de hoje.

As estruturas globalizadas do mundo atual, embora tenham aspectos positivos, refletem mais os interesses imediatos do mercado e do capital. Ao excluir milhões de pessoas, requerem que as examinemos e denunciemos. Seu canto de sereia não nos pode iludir. O chamado profético convoca todos ao arrependimento e a uma nova prática, que nos conduza a uma maneira mais evangélica de nos conduzir na relação com o próximo e a natureza em nosso planeta.

A perplexidade frente a novas e tão inesperadas questões, muitas vezes nos paralizam, sem que tenhamos outras perspectivas de atuação. Em nossa viagem, vimos pastores e igrejas irmãs preocupados em servir a Jesus em um mundo marcado por sofrimentos, injustiças e violência, que clamam por nossa participação, atuando em seu nome. Em tal situação, procuramos refletir e descobrir como a nossa fé reformada pode responder aos desafios encontrados. Foi isso que nos ensinou a fazer o mestre Calvino, desejoso de que a vida na cidade de Genebra, no século dezesseis, fosse um reflexo do reino de Deus.

Os textos à nossa frente, mostram respostas do povo de Deus em diversas partes, na busca humilde da voz do bom pastor, em tempos difíceis mas muito importantes de se viver como servos do Senhor, proclamando a boa nova nova de paz, amor e esperança para a humanidade.

*Rev. Eduardo Galasso Faria*

---

# SUMÁRIO

---



- 3 Apresentação
- 5 Prefácio
- 6 Introdução
- 27 Declaração dos Participantes

## REFLEXÕES COREANAS

- 32 O Impacto da Globalização sobre o Povo Coreano - **Sung Bihn Yim**
- 38 Economia é uma Questão de Fé - **Keun Soo Hong**
- 46 O Papel e a Missão da Igreja para a Economia Global - **Yong Kyu Kang**
- 51 Sobre o Sofrimento do Povo Causado pela Globalização Econômica: A Comissão Diaconal e a Tarefa da Igreja - **Tae Sun Lyu**
  
- 56 A Economia Global e a Terra
- 58 Os Gigantes Globais
- 60 E Os Que “Ficaram Para Trás”?
- 63 A Igreja Em Solidariedade
- 66 A Economia Global E A Terra

## REFLEXÕES NORTE-AMERICANAS

- 70 O Impacto da Globalização sobre os Povos Indígenas nos Três Países  
*Elona Street-Stewart*
- 75 Economia Global – Lições para a Educação Teológica - **Heidi Hadsell**  
*do Nascimento*
- 81 A Igreja Global Encontra a Economia Global - *Peter Arpad Sulyok*

## REFLEXÕES BRASILEIRAS

- 90 O Movimento dos Sem-Terra: Sobrevivência e Desafios - *Eduardo Galasso Faria*
- 97 O Impacto da Economia Globalizada nos Três Países: uma Perspectiva Brasileira - *Rev. Clayton Leal da Silva*
- 102 A Cultura da Globalização Econômica nos Três Países - *Ulisses Louzada Mantovani*
- 107 O Jubileu e a Dívida Externa - *Josué da Silva Melo*

## APÊNDICES

- 116 Apêndice A - Questões para Aprofundar a Discussão
- 117 Apêndice B - Participantes do Diálogo
- 119 Apêndice C - Relatório nº 26 à 212ª Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana (EUA)

---

## PREFÁCIO

---



Quando líderes das Igrejas Presbiteriana Independente do Brasil (IPI), Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), Presbiteriana da Coréia (PCK), Presbiteriana da República da Coréia (PROK) e Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA) se reuniram em uma viagem de três semanas de diálogo sobre “A Fé Reformada e a Economia Global”, uma das preocupações era que o resultado deste encontro não ficasse restrito aos participantes do diálogo ou viesse a se perder. Eles sentiram que os efeitos da globalização em todo o mundo constituem um problema tão sério que quiseram partilhar suas reflexões com os membros de suas igrejas e pessoas interessadas de outras igrejas, instituições teológicas e acadêmicas, bem como do mundo dos negócios.

Uma vez que todos os participantes são cristãos presbiterianos, o diálogo e as reflexões estão permeados pelas raízes calvinistas de nossas igrejas que convocam os cristãos reformados a:

- serem atuantes no mundo;
- lembrarem, de forma clara, que nenhum sistema econômico deveria ser equiparado à vontade de Deus;
- afirmarem que Deus é o Senhor sobre a igreja e o mundo; e
- lembrarem-se de que a preocupação com a comunidade está no centro da teologia de Calvino.

Ao considerar o impacto que a economia global tem em sua comunidade, igreja, nação e no mundo, você é convidado a ler estas reflexões dos participantes do diálogo, utilizando as questões para reflexão que se acham no final de cada capítulo, para orientar sua própria discussão.

*Kathy Reeves*

*Associada para a Facilitação do Programa Ecumênico da  
Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos*

---

# INTRODUÇÃO

---



Rev. Walter Owensby



**Walter Owensby** – Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. *O Rev. Walter Owensby atuou por muitos anos como assessor para Assuntos Internacionais da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, falando em nome do setor de política social da Assembléia Geral. Anteriormente, atuou como pastor em duas igrejas nos Estados Unidos, como colaborador de missão no México e na Colômbia e como diretor de um programa denominacional que fornecia subsídios relativos a assuntos de justiça econômica a sinodos e presbitérios. O Dr. Owensby possui Mestrado em Divindade pelo Seminário Teológico de Princeton e o título de Doutor em Teologia (Ph. D.) pela Universidade de Wisconsin em estudos sobre desenvolvimento internacional. É autor de Economia para Profetas: uma Cartilha de Conceitos, Realidades e Valores em Nosso Sistema Econômico. Como parte de seu trabalho, atuou no Comitê Executivo do Jubileu 2000/Estados Unidos.*

A 209ª Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA), reunida em 1997, convocou um diálogo entre líderes de igrejas do Brasil, Coréia do Sul e Estados Unidos para:

- entender as forças políticas, sociais e econômicas que dirigem a economia global;
- ver como estas forças estão afetando as pessoas comuns em suas bases nesses três países; e
- explorar o que pode ser feito na igreja para promover mudanças a fim de que a economia global atenda melhor às necessidades das pessoas e, especialmente, daqueles a quem o Senhor Jesus chamou “estes pequeninos”.

Quando o diálogo foi proposto em 1997, parecia a muitos que, na nova economia, a Coréia do Sul havia tomado as decisões corretas, havia prosperado e tinha muito o que ensinar sobre o processo de desenvolvimento econômico para outros países como o Brasil, e que os presbiterianos americanos poderiam ser intermediários de uma proveitosa troca de idéias.

Veio então o colapso econômico da Ásia no final de 1997, que abalou a confiança dos então chamados Tigres Asiáticos. Economias Nacionais promissoras retrocederam uma década ou mais. Na Coréia, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu quase à metade e o desemprego triplicou. No Brasil, o Governo havia instituído

um programa rigoroso de austeridade com conseqüências desastrosas para os pobres e as classes trabalhadoras, já abaladas, à beira do colapso. Para o Brasil, isto não ocorreu devido a novas políticas, mas ao medo dos investidores internacionais de que o “contágio asiático” iria inevitavelmente afetar todos os países em desenvolvimento, independentemente da sanidade de suas políticas nacionais. Dois anos mais tarde, quando a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos se sentiu preparada para iniciar o diálogo entre os três países propostos pela Assembléia de 1997, o mundo econômico havia mudado. Estava claro que não havia verdades a serem transferidas, mas, sim, uma enormidade de questões éticas e econômicas a serem encaradas.

---

*A questão implícita para as igrejas era se a fé partilhada pelas igrejas reformadas/presbiterianas em sociedades tão diferentes garantia ou não uma percepção comum das realidades econômicas e uma base para um testemunho unificado em meio à globalização.*

---

A partir desta questão surgiu o propósito claro do diálogo/seminário: estimular sérias reflexões internacionais, bíblicas e teológicas sobre questões éticas provenientes da economia global, para que as igrejas possam ter uma compreensão do mundo a partir da perspectiva do povo em pontos-chaves do espectro econômico. Este documento, partilhando fundamentos e reflexões emergentes do diálogo, foi preparado com a esperança de que estimulará discussões sérias e contínuas sobre as questões levantadas a partir da economia global pelas igrejas reformadas ao redor do mundo.

## **1. Expectativas e Realidades**

### **A. Contextualizando**

Doze pessoas representando cinco igrejas presbiterianas/reformadas na Coreia, nos Estados Unidos e no Brasil partilharam um seminário/diálogo de três semanas *in loco*, o que as levou juntamente com o pessoal de apoio da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos a cada país, em fevereiro e março de 2000. O grupo se encontrou primeiro em Seul, Coreia, onde os participantes visitaram igrejas, programas sociais, empresas, sindicatos, oficiais do governo e outros, passando uma semana imersos na cultura coreana e examinando questões a partir da perspectiva coreana. Houve visitas *in loco* à Zona Desmilitarizada (DMZ) a fim de sensibilizar o grupo para a importância da unificação das duas Coreias para os nossos parceiros na Coreia do Sul, a programas de missão com os sem-teto para ouvir das angústias

causadas pela crise financeira, e a um enorme e bem sucedido conglomerado ou *chaebols*, a Samsung, onde foram apresentadas ao grupo, com orgulho, as mais recentes inovações no campo da tecnologia. Nossos anfitriões coreanos tentaram, realmente, proporcionar a todos uma experiência intensa, para facilitar a compreensão dos múltiplos aspectos da situação em que viviam.

Da Coréia, o grupo prosseguiu para Seattle, estado de Washington, para uma visão rápida dos Estados Unidos. A visita incluiu mais uma vez a participação no culto em uma igreja local, um painel de discussões com vários líderes e visitas para contextualização. As apresentações incluíram um painel com líderes de igrejas envolvidos em protestos na reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizada poucos meses antes do seminário/diálogo, apresentações sobre a responsabilidade missionária por meio de investimentos, questões de sindicatos e preocupações com os povos indígenas.

Os locais visitados proporcionaram também grandes contrastes, como o Porto de Tacoma, altamente automatizado e os escritórios centrais da Boeing, Starbucks<sup>1</sup> e Weyerhaeuser,<sup>2</sup> contrastando ainda com as visitas às missões aos sem-teto e ao mercado (Pike Place Market).

---

*Muitos participantes brasileiros e coreanos manifestaram grande surpresa com relação à diversidade do impacto da economia global nos Estados Unidos e com a boa vontade das corporações norte-americanas em dialogar com o grupo.*

---

No Brasil, um programa muito variado incluiu cultos em igrejas locais, visitas com lideranças de igrejas, painéis com teólogos, legisladores, líderes em negócios e economistas, bem como visitas a muitos projetos que mostram as respostas dos pobres aos seus problemas econômicos. O grupo visitou um projeto de cooperativa de habitação, uma “ocupação” urbana, uma cooperativa de coletores de lixo/papel, e passou um dia inteiro viajando a um assentamento rural do movimento dos sem-terra. Lá o grupo teve uma compreensão mais profunda das questões da propriedade e administração da terra, que são tão importantes para os brasileiros.

Em cada país o grupo esteve imerso na cultura local, foi graciosamente recepcionado por líderes nacionais de igrejas e pôde discutir com pessoas de diversas origens e com diferentes perspectivas. Os dias foram completados por contatos com dezenas de economistas, líderes empresariais e sindicais, oficiais de igrejas, pastores, lideranças comunitárias e gente comum trabalhadora – alguns

---

<sup>1</sup> Poderosa indústria norte-americana de café que compra os melhores cafês do mundo e possui quiosques de café em várias cidades dos Estados Unidos e em outros países.

<sup>2</sup> Indústria de papel e celulose.

empregados, outros não. Houve momentos de discussão e debate entre os participantes, enquanto estes processavam o que tinham visto e ouvido.

Os participantes trouxeram da igreja, de outros empreendimentos e academia uma mistura variada de habilidades para a tarefa de melhor entender as realidades da globalização econômica e o seu impacto sobre nações, instituições e pessoas.

## **B. Uma Visão dos Problemas**

“Globalização econômica” é um termo comum, mas são constantes os debates sobre exatamente quão nova é esta realidade. Poucos apresentadores tinham dúvidas quanto às mudanças dramáticas que estão acontecendo, mas freqüentemente ficava claro que as novas relações de investimento, produção, comércio e finança têm raízes no passado recente e distante. Alguns observaram que a globalização econômica começou há mais de 500 anos atrás, com a expansão colonial européia que buscava riquezas extraindo recursos de terras e povos do leste, oeste e sul.

Quando o colonialismo formal passou, em muitos países a produção da terra e o trabalho ainda serviam para satisfazer primeiro as necessidades, desejos e interesses de pessoas e mercados distantes. Para a maior parte dos países em desenvolvimento, a vida permanece em grande parte dependente do comércio de uma grande quantidade de mercadorias – açúcar, cobre, café – que servem como elo com o resto do mundo. Um dos painelistas no Brasil ressaltou que o próprio nome do país vem do pau-brasil, primeiro produto de exportação. Concluiu, então, que a vida nacional sempre foi determinada por um comércio sobre o qual existiu muito pouco controle.

Recentemente, uns poucos países têm se beneficiado com o investimento estrangeiro, que também focaliza desproporcionalmente a produção de bens mais para consumidores nos Estados Unidos e Europa, do que para satisfazerem as necessidades daqueles que estão bem próximos. A economia da Coreia durante a guerra fria começou a se desenvolver com tal plataforma de exportação: suprimento de mão-de-obra barata para produzir principalmente bens projetados por norte-americanos em fábricas financiadas pelos Estados Unidos para consumidores nos Estados Unidos. Mas esse padrão se tornou a base para a construção da potência industrial em que a Coreia se tornou.

Com a cooperação do governo, imensos conglomerados privados (*chaebols*) prosperaram. O fluxo de capital externo para a Coreia deixou de estar atrelado a indústrias estrangeiras ou mesmo de ser definido por contratos de produção. Ao contrário, o capital entrou progressivamente como investimento feito por agentes financeiros externos, bancos de investimentos e administradores de fundos, comprando participação em companhias particulares ou fazendo empréstimos aos *chaebols* ou aos bancos que os apoiavam.

---

*Freqüentemente, nos três países visitados, palestristas de todos setores da sociedade apontavam para a nova dinâmica do capital financeiro como sendo a força que conduz à globalização econômica, uma prática que tem apresentado efeitos passageiros.*

---

Na Coreia, como em outras economias de rápido crescimento econômico da Ásia, o capital financeiro internacional foi despejado para tirar vantagem da situação e aumentar as exportações de companhias com base em mão-de-obra qualificada, mas barata, bem como em governos dispostos a confiar em teorias econômicas vacilantes e estratégias de intervenção social minimalistas. Os Tigres Asiáticos estavam se enriquecendo e, por anos, poucos financistas estrangeiros se preocuparam em reparar que grande parte do investimento ia para alimentar uma explosão de crescimento de propriedades e construções, ou para dar apoio a governos corruptos, ou ainda para fortalecer grupos de corporações gigantes e indivíduos, ao invés de erguer economias nacionais e populações inteiras. Quando os investidores notaram isto, os resultados já eram desastrosos. Com poucas fábricas e equipamentos em risco, eles estavam livres para simplesmente levar o seu dinheiro e fugir ao primeiro sinal de dificuldade econômica. O último a sair perde! Um dos participantes da equipe deste diálogo econômico com experiência em negócios se referiu a estes investidores como “capitalistas abutres” e argumentou que é preciso agir para refrear seus efeitos destrutivos.

Enquanto a Coreia era menos culpada pelos excessos que iniciaram a fuga de capital a partir da Tailândia e da Indonésia, os financistas globais faziam pouca diferenciação. O capital abandonou virtualmente todos os países em desenvolvimento e deixou governos lutando com as conseqüências econômicas, que podem ser equiparadas às da Grande Depressão. Estima-se que 20.000 companhias coreanas faliram em 1997 e 1998 antes da economia atingir a estagnação, em 1999. O grupo do diálogo viu grandes canteiros de obras com prédios inacabados, como esqueletos industriais, onde a atividade havia parado há mais de dois anos. Noventa por cento da indústria da construção civil faliu. A taxa nacional de desemprego mais do que triplicou. Os pastores coreanos falaram sobre o aumento dramático dos casos de suicídio entre desempregados, que não mais podiam sustentar suas famílias.

Com quase quatro vezes a população coreana e aproximadamente cem vezes o território daquele país, os desafios de desenvolvimento do Brasil têm sido bem diferentes daqueles enfrentados pela Coreia. De forma perversa, a mesma divisão, que trouxe guerra entre a comunista Coreia do Norte e a capitalista Coreia do Sul, separação de famílias e uma tragédia humana contínua, desempenhou um papel importante na criação de circunstâncias favoráveis, que levaram ao que tem sido freqüentemente chamado de milagre econômico coreano.

O Brasil não teve o estímulo econômico de uma maciça ajuda estrangeira e das relações comerciais especiais estabelecidas pelos Estados Unidos com a Coréia, por causa de seu status de linha de frente na guerra fria.

---

*As estruturas de posse da terra no Brasil, provenientes das desigualdades da época colonial, ainda se refletem na alta concentração da propriedade da terra nas mãos de famílias e grandes corporações. A maioria dos camponeses não possui um título de terra e tem pouca esperança de ter acesso à propriedade de sítios.*

---

A dificuldade da vida no interior continua a levar as pessoas do campo para as cidades. Cerca de três quartos da população brasileira vive nas áreas urbanas com a esperança de encontrar trabalho no moderno setor industrial-tecnológico-comercial. Aqueles que conseguem tornam-se uma parte da elite trabalhadora que ganha bons salários e se assemelha à classe média da sociedade norte-americana.<sup>3</sup> Os executivos brasileiros estão entre os mais bem pagos do mundo, e são parte da nata de 1% da população que recebe mais da renda nacional do que os 25% que estão por baixo.

São estes os que possuem, administram e trabalham no setor industrial, e os negócios que criam são os mais diretamente relacionados à globalização da economia. Este, no entanto, é um grupo pequeno. Apenas 70% das casas brasileiras gozam o luxo de possuir água encanada e só um terço está conectado ao sistema de esgoto.<sup>4</sup> Corporações estrangeiras estão, sem sombra de dúvida, aumentando a produtividade dos negócios no Brasil e suas forças competitivas forçam empresas nacionais a fazer o mesmo. Estas podem resistir bem economicamente a longo prazo, no futuro. Entretanto, o capital financeiro externo veio mais vagarosamente para o Brasil do que para a Coréia, e o deixa rapidamente, ao primeiro sinal de dificuldade, causando os mesmos problemas de falência e desemprego, deixando o governo na luta para pagar suas dívidas internacionais enquanto tenta manter, pelo menos, o mínimo compromisso com as necessidades sociais de 170 milhões de pessoas.

Entre a visita do grupo à Coréia e ao Brasil passou-se quase uma semana de diálogo em uma certa área dos Estados Unidos. A cidade de Seattle pode ser, com algumas ressalvas, a quinta-essência do símbolo americano da globalização econômica, com o seu comércio à margem do Pacífico, uma grande corporação de aviação, que contribui pesadamente para as exportações dos Estados Unidos, e empresas de software, que fornecem tecnologia de informação que tornam as es-

---

<sup>3</sup> "Survey", The Economist (29 de Abril, 1995): 23.

<sup>4</sup> Idem, 26.

estratégias globais possíveis. Mesmo em tal conexão global, o grupo de diálogo notou uma ambivalência com respeito à globalização.

Ouvimos sobre a preocupação de trabalhadores norte-americanos que temiam a perda de seus empregos, caso os mercados dos Estados Unidos fossem abertos a produtos confeccionados em regime de semi-escravidão por crianças, detentos e mão-de-obra desumanamente barata. Ouvimos também pessoas que obtiveram grande sucesso econômico, mas que se preocupam com os riscos morais e espirituais de viver em um sistema econômico em que muitos se sentem movidos pelo medo e pela ganância. Soubemos também dos perigos do rápido crescimento que é indiferente a conseqüências ecológicas, que atingem a geração presente e as futuras. Contar com uma indígena norte-americana como parte da equipe de diálogo ajudou manter diante de nós a tensão presente nos Estados Unidos entre o desenvolvimento econômico e a terra. Contudo, uma preocupação semelhante sobre o impacto do desenvolvimento econômico foi manifestada em Seul e São Paulo, bem como em Seattle. A ecologia é companheira da economia na globalização.

## II. Fatores Financeiros Centrais

Nas décadas anteriores, os elos da economia internacional eram estabelecidos pelos governos que controlavam a moeda de países individualmente, o que era facilitado pelos valores relativamente fixos ligados ao dólar norte-americano, que estava atrelado a um preço fixo do ouro. Ao Fundo Monetário Internacional (FMI) foi confiada a tarefa de fornecer empréstimos de curto prazo a países que entravam em dificuldades no balanço de pagamentos e no câmbio, enquanto sua instituição companheira, o Banco Mundial, deveria usar empréstimos de longo prazo e a baixas taxas de juros para ajudar os países mais pobres e fracos a se desenvolver.

Este mundo acabou em 1973, quando os Estados Unidos abandonaram o ouro como padrão. De repente, os valores do dólar e de todas as outras moedas foram abandonados à livre flutuação, sem ponto de referência algum. Questionou-se que, ao remover o controle de governos individuais, os mercados estariam livres da intromissão da política que agia como uma draga na atividade econômica e muito freqüentemente distorcia as decisões relativas ao comércio e ao investimento. Na nova ordem, decisões sadias sobre negócios deveriam conduzir mais as relações entre países e povos.

Entretanto, isto não funcionou desta forma no mundo real.

---

*Em todos os três países visitados, o grupo de diálogo ouviu críticas amargas a respeito do diferente e importante papel assumido pelo FMI nos anos recentes. Nações como o Brasil tiveram permissão e até foram encorajadas a tomar emprestado pesadamente dos mercados*

*internacionais para dar um salto no início do seu processo de desenvolvimento. Com frequência, os projetos eram mal concebidos e não surtiram o bom resultado esperado. Muitas vezes, a maior parte do dinheiro emprestado aos governos terminava em contas privadas de líderes corruptos e seus companheiros.*

---

Os banqueiros, que deveriam ser os mais esclarecidos, continuaram a emprestar dinheiro sem dar muita atenção à forma como ele era usado e à análise das reais probabilidades dos empréstimos serem pagos.

Por anos, a comunidade financeira internacional participou do jogo do “vamos fingir”. Ao encarar o fato de que os saldos dos países não seriam suficientes para pagar os empréstimos feitos nas décadas de 1980 e 1990, o FMI assumiu o papel de disciplinador econômico. Ao invés de reconhecer mais cedo que os empréstimos não poderiam ser pagos, velhos empréstimos foram rolados e novos foram estendidos para pagar os primeiros. Bancos privados, que eram as principais fontes de empréstimos de países de renda média como o Brasil, seguiram a liderança do FMI.

A prudência tradicional no empréstimo privado foi abandonada uma vez pressuposto que ninguém permitiria uma falha nas grandes instituições financeiras do mundo. O preço deste “selo de aprovação” foi a concordância do governo em implementar programas de ajustes estruturais (SAP). Enquanto se supunham estar implementados de acordo com as necessidades de cada país, a intenção e as linhas mestras parecem suspeitosamente as mesmas. Então, quando, em 1997, ocorreu o colapso econômico da Coreia, a solução do FMI teve os mesmos elementos básicos do que foi sugerido ao Brasil, cuja economia é significativamente diferente.

Um estudo preparado para o diálogo pelos delegados coreanos afirma: “Muitos coreanos chamaram a data (1997) em que o governo assinou seu acordo com o FMI de ‘a maior crise da nação desde a Guerra da Coreia...’ Foi, de fato, assinar um acordo que faria da economia coreana uma economia submetida, tanto como as dos países sul-americanos.”<sup>5</sup>

Em quase todos os casos, os SAPs têm o objetivo de assegurar mais fundos para o pagamento da dívida externa cortando subsídios e programas sociais, aumentando exportações (o que inevitavelmente significa baixar salários), exigindo privatizações de companhias do governo e abrindo a economia local não somente para mais comércio internacional e investimento estrangeiro direto, mas também ao fluxo mais livre de capital financeiro – tudo em nome do incremento da competição.

Quase todos os críticos apontaram para o impacto devastador sobre os pobres,

---

<sup>5</sup> Keun Soo Hong, “Korea’s Economic Crisis and the Task of the Church: Korea’s Suffering in the Context of Globalization and the Economic System of the IMF”, (artigo apresentado aos participantes do diálogo, 2000), 1, 3.

por causa dos cortes em serviços sociais, como programas governamentais de saúde e educação e reduções salariais da classe trabalhadora. Alguns expressaram a convicção de que a privatização e a liberalização do mercado, especialmente a desejada convertibilidade livre da moeda e a insistência em que o capital estrangeiro seja tratado de forma igualitária ao capital nacional, eram conduzidas mais por ideologia do que por economia.

---

*Essa não é uma preocupação insignificante em um mundo em que mais de US\$ 1 trilhão cruzam as fronteiras nacionais a cada dia.*

---

Até nos Estados Unidos, ouvimos temores de que uma economia global guiada pelas forças do mercado apenas estava levando a uma espiral descendente, na qual as conquistas alcançadas tão duramente pela classe trabalhadora norte-americana seriam totalmente perdidas. Uma parte significativa do debate sobre a globalização econômica tem a ver com a questão do papel do governo. Os governos nacionais deveriam simplesmente ser postos de lado no mundo econômico? Organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial deveriam ter um papel maior ou menor em decisões econômicas globais? Os mesmos deveriam existir? Deveria haver instituições financeiras internacionais que garantissem maior participação dos países pobres ao invés das atuais estruturas do FMI e do Banco Mundial que, por causa das suas regras de votação, são instrumentos efetivos dos países ricos? Por último, não deveria haver uma supervisão e regulação do movimento de capital para prevenir uma economia global onde o especulador financeiro é a peça principal?

### **III. Realidades das Bases**

A globalização econômica está acontecendo em um mundo dramaticamente tendencioso. O *Relatório das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano de 1996* aponta para o fato de que, no mundo, 358 bilionários controlam ativos maiores dos que a renda anual de países com 45% da população mundial. Metade da população do mundo insiste em viver com menos de dois dólares por dia. Oitenta e nove países estão economicamente piores do que há pouco mais de uma década atrás. Em 70 destes países, a renda média de um indivíduo é menor do que era na década de 60 e 70. Esta distância econômica mundial está se ampliando. O *Relatório das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano de 1999* descobriu que a renda média dos vinte países mais ricos do mundo é 37 vezes maior do que a dos vinte países mais pobres, o dobro da diferença de 40 anos atrás.

Os países visitados não estão entre os mais pobres do mundo. Pelos padrões internacionais, a Coreia entrou no quadro das sociedades industriais avançadas,

ainda que a falta de moradia tenha se tornado um grande problema, especialmente depois colapso econômico de 1997.

---

*O Brasil está entre os países de renda média, mas tem a maior concentração de renda do mundo. Dez por cento da população recebe metade da renda nacional, enquanto os 20% das classes mais baixas partilham apenas de 2,5% e os 20% que estão no topo possuem uma renda que equivale a 26 vezes à renda dos 20% mais pobres.*

---

(Dados do censo brasileiro de 1990 citados por Peter Kemmerle, associado para Conexões Missionárias da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos).

Até nos Estados Unidos, os 20% do alto da escala econômica têm uma renda nove vezes maior do que a dos 20% dos degraus mais baixos. Esta distância não parou de crescer oito anos após o atual crescimento econômico. Assim, fomos lembrados que, em tempos bons ou ruins, algumas partes da comunidade norte-americana parecem nunca progredir. “Os indígenas norte-americanos nas suas reservas são outro exemplo de pessoas que não figuram na economia global. Há pouco investimento e o desemprego é de 80%”, de acordo com a participante do diálogo, Elona Street-Stewart.

Existe alguma relação entre tais realidades nacionais e a globalização econômica? A relação de causa e efeito é difícil de ser provada, mas a realidade perturbadora do trabalho infantil indica um problema implícito do sistema moderno. A Organização Internacional do Trabalho relata que 120 milhões de crianças, com idades entre 5 e 14 anos, estão trabalhando em tempo integral e 130 milhões trabalham sob regime de tempo parcial.<sup>6</sup> Isto é três vezes mais do que as estimativas anteriores, crescimento atribuído a uma coleta de dados mais acurada e a crescentes pressões econômicas que fazem com que empregadores busquem a mão de obra mais barata das crianças. As crianças trabalham em muitos setores da economia, da agricultura e trabalho doméstico à produção industrial e ao comércio internacional do sexo. Somente uma porção do abuso econômico das crianças está diretamente ligado ao comércio internacional, mas recentemente uma corrente contínua de rumores indica que este é um dos problemas persistentes na produção de vestimentas e outros bens para vendas a varejo nos países ricos do mundo.

Em situações de colapso econômico, as famílias colocam seus filhos para trabalhar como uma forma de tentar lidar com suas necessidades em circunstâncias que não podem controlar. Durante a visita aos três países, o grupo do diálogo se viu diante de outros exemplos. Na Coreia, após o colapso econômico de 1997, a

---

<sup>6</sup> Wall Street Journal, 12 de novembro de 1996.

renda média per capita caiu 40% e a moradia própria 10%. As favelas, que se pensava ser algo do passado, estão sendo reconstruídas para atender às necessidades do número crescente de pessoas sem teto. De acordo com Chung Sung-Moon, do Centro de Reforma Urbana, a maioria dos casos dos sem-teto remontam à perda de emprego causada pelas exigências de ajustes estruturais feitas pelo FMI.<sup>7</sup>

O grupo de diálogo encontrou-se com mulheres sem-teto que moravam nos escritórios de uma agência de serviço social como única forma de sobreviver. Missões industriais cristãs e igrejas locais estão dando a moradores de rua comida, roupa e lugar para descansar. Uma das igrejas visitadas utiliza metade do seu orçamento em ministérios sociais na tentativa de ajudar as pessoas a lutarem com a dura realidade econômica. Mas o pastor logo ressaltou que a igreja só podia atuar desta forma porque os membros da igreja eram de uma classe profissional e salarial que havia sido grandemente poupada do trauma do desastre econômico de 1997.

---

*No Brasil, moradia e a falta desta são problemas muito antigos. As favelas circundam o território das cidades. Dez milhões de pessoas vivem em favelas nos morros, sem direitos legais de propriedade e com poucos serviços municipais. Há um crescente movimento de pessoas que se unem, encontram um prédio do governo ou particular, que é abordado e simplesmente ocupado.*

---

O grupo de diálogo visitou uma destas ocupações urbanas em que quarenta famílias encontraram um lar. Elas vivem, porém, com medo de que a polícia possa despejá-las antes do governo ser compelido a comprar o prédio e tornar a ocupação legal.

Apesar de ser uma sociedade predominantemente urbana, um dos problemas mais urgentes do Brasil talvez sejam os milhões de trabalhadores rurais. Sem qualquer habilidade urbana, insuficiente emprego na agricultura e nenhuma terra disponível para trabalhar, resta-lhes muito pouca esperança econômica. Ainda assim, há enormes espaços de terra de propriedade privada, muito embora abandonadas. Grupos de famílias no campo começaram a se organizar e a ocupar essas terras, a plantar e a forçar o governo a comprá-las para revender a famílias que as ocupam.

O grupo visitou uma comunidade agrícola que resultou dessa estratégia de invasão. Lá, 350 famílias possuem agora seu título de terra. Cerca de metade possui e cultiva a terra independentemente, enquanto a outra metade estabeleceu uma cooperativa agrícola com uma variedade de empreendimentos rurais. Todos partilham escolas e instalações médicas, que foram conseguidas com a coopera-

---

<sup>7</sup>“Homeless Persons Multiply in the IMF era”, *Civil Society*, Agosto 1998:7.

ção do governo, que tem sido obrigado, em circunstâncias difíceis, a acolher estas ações diretas dos pobres da zona rural. Até agora, 285 mil famílias foram assentadas e o presidente Fernando Henrique Cardoso prometeu que, até 2003, vai assentar mais 400 mil que ocuparam terras. Os organizadores do movimento rural alegam que o problema do Brasil é o enorme débito internacional, que tem mantido o governo incapaz de avançar mais decisivamente com relação aos problemas das famílias sem-terra.

Para o grupo de diálogo das igrejas, a questão implícita nos três países visitados era em que medida os problemas sociais encontrados resultavam da globalização econômica. Não há uma resposta fácil para esta questão.

---

*Evidentemente, problemas de desigualdade de renda e outras realidades sociais dolorosas não são invenções de décadas recentes. Não foi esta a alegação ouvida da maioria dos críticos. Ao contrário, eles enfatizaram que dificuldades sociais antigas foram ignoradas e até exacerbadas pelas novas realidades econômicas.*

---

As pessoas economicamente marginalizadas nem de longe se beneficiaram da globalização econômica e há pouca esperança de que o façam no futuro. A ampliação da base dos beneficiários vai depender de ações intencionais de governos, instituições internacionais, interesses da iniciativa privada e organizações voluntárias privadas.

#### **IV. Reflexão Teológica**

Uma das riquezas do diálogo entre as cinco igrejas e os três países foi a oportunidade de compartilhar intuições provenientes da nossa fé comum e da tradição reformada. A globalização pode representar uma nova terminologia na sociedade econômica, mas o conceito não é novo para a fé bíblica. As histórias da criação de Gênesis instruem a humanidade para cuidar de toda a criação. O conceito de pacto logo superou qualquer estreiteza das suas raízes abraâmicas quando o profeta Isaías declarou: “Eis aqui o meu servo... pus sobre ele o meu Espírito e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1) Os cristãos entendem esta visão universal como sendo cumprida unicamente em Cristo, de tal forma que uma autêntica expressão de nossa fé nunca pode ser limitada por fronteiras nacionais ao pensarmos em relações econômicas e sociais justas.

Na medida em que o grupo fazia contato com outras pessoas nos três países, éramos lembrados de como a realidade da comunidade era central para a nossa experiência de fé. Na Bíblia a fé em si é experiência da comunidade e não simplesmente do indivíduo. E os profetas evidenciam que a justiça é responsabilidade da

comunidade de fé. Isto é particularmente verdadeiro em matéria de dinheiro. A lei e os profetas do Antigo Testamento e as parábolas de Jesus no Novo Testamento têm muito a dizer sobre como as pessoas estão e como deveriam estar ligadas ao dinheiro.

---

*Em um sentido bem real, a relação econômica humana deve ser vivida como um sinal e símbolo da relação divina - humana.*

---

Por causa do mandato bíblico, nossas igrejas reformadas não têm condições de escolher realmente entre estar ou não envolvidas em uma reflexão ou ação acerca da ordem econômica e suas crescentes dimensões globais. A pobreza desumanizante, onde quer que ocorra, não é meramente uma tragédia individual mas um ataque à coesão e integridade da comunidade humana confiada por Deus a cada geração.

A fé cristã não pode estar em paz, em qualquer ordem econômica que, com indiferença, combine grande pobreza com grande riqueza. Jung Mo Sung, em um texto preparado para o grupo de estudo do diálogo, escreveu, “Se nós quisermos viver de acordo com a graça de nosso Senhor, teremos de reconhecer, livremente, além da lógica do mercado, o direito que todas as pessoas têm de ter uma possibilidade real de viver uma vida boa e decente.”<sup>8</sup>

Eduardo Galasso Faria, um participante brasileiro do diálogo, assinalou que nossa tradição reformada dá um passo a mais ao afirmar a responsabilidade cristã de agir assim. Ele nota que Calvino, nosso antecessor teológico, considerava os ricos como ministros de Deus para os pobres. Calvino também considerava o pobre como “vítima do pecado coletivo dos homens” ou “vítima social da anarquia que invade o coração humano e suas repercussões econômicas diabólicas. Deus é o Senhor do Universo... Ele é soberano mestre e senhor de tudo. Pense portanto, cada um que é despenseiro de Deus, em tudo aquilo que possui.”<sup>9</sup>

Estes não são os sentimentos comumente atribuídos ao suposto impacto de Calvino sobre o capitalismo por parte daqueles que superficialmente supõem que ele abençoou facilmente o novo sucessor do feudalismo. Não era esse o caso. Qualquer que tenha sido o impulso dado por Calvino ao empreendimento do capitalismo, ele de forma alguma aceitou o direito irrestrito ao lucro individual.

Calvino igualmente teria concordado com o teólogo reformado posterior Reinhold Niebuhr, quando notou que a “teoria do laissez-faire não compreendeu que a liberdade humana se expressa tanto de forma destrutiva quanto criativa. Uma vez plenamente entendido que não há harmonia e equilíbrio natural de poder na história, como há na natureza, e que a civilização em ascensão, ao invés de diminuir, tende a aumentar tais desproporções de poder que existem inclusive em

---

<sup>8</sup> Jung Mo Sung, “Fé Cristã e Globalização” (artigo apresentado aos participantes do diálogo, 2000).

<sup>9</sup> Veja o texto de Eduardo Galasso Faria neste livro, “A Globalização e os Sem-Terra: Sobrevivência e Desafios”, p. 90

comunidades primitivas, deve ficar evidente que os direitos de propriedade se tornam instrumento de injustiça.”<sup>10</sup>

Apesar disto, Calvino, muito mais do que os outros reformadores, foi capaz de fazer as pazes com o novo sistema econômico que estava surgindo. A diferença está em sua doutrina fundamental da soberania de Deus. Porque Deus é soberano, Calvino não sentiu necessidade alguma de defender a velha ordem ou resistir à sua passagem. Porque Deus era soberano sobre a ordem emergente, Calvino podia ver nela valores positivos e oportunidades legítimas para o exercício do chamado cristão. Poderiam ser feitas as pazes com as forças do mercado, embora fosse somente uma paz receosa, cheia de cautela. O grupo de diálogo debateu se os herdeiros de Calvino deveriam ou não ter a mesma atitude com relação à atual globalização econômica. Alguns, pelo menos, sentiam que mesmo com todos os seus problemas e ameaças, a nova realidade é inevitável. Para a fé, a questão é como ela deve ser moldada e controlada.

No centro da participação cristã neste debate está a rejeição bíblica de toda a idolatria. Somente Deus merece nosso comprometimento absoluto. Qualquer ideologia, sistema, ou nação considerada absoluta na vida humana é um ídolo. Portanto, as pessoas com fé bíblica não podem aceitar a noção da globalização, ou qualquer sistema sócio-econômico, como final, inquestionável, além da necessidade de regulamentação ou correção.

---

*Nenhum exemplo foi mais discutido pelo grupo do que a necessidade de falar sobre a carga insuportável da grande dívida dos países em desenvolvimento.*

---

Isto foi percebido não meramente como uma questão social ou econômica mas também como uma preocupação teológica. Existe na fé bíblica um ritmo que é profundamente econômico em seu caráter. Os capítulos de abertura de Gênesis nos dizem como Deus trabalhou por seis dias criando a terra e como tudo era muito bom. Contudo, veio o sétimo dia, e Deus “descansou...de todo o trabalho que havia feito. Então Deus abençoou o sétimo dia e o santificou” (Gn 2. 2-3). Desde o começo do plano de Deus, produção não era tudo. Equilíbrio era a chave. Esta idéia foi santificada na instituição do Sabbath – o sétimo dia separado para algo na vida que vai além da produção. Todo dia de culto é uma celebração daquele fato econômico.

Então veio Levítico 25. O povo hebreu havia escapado recentemente do cativo no Egito. Vagaram no deserto esperando que Deus os conduzisse – para dizer-lhes como devia ser a vida em sua liberdade recém descoberta. A chave era o Sabbath dos anos. Todo sétimo ano, até a terra tinha de descansar e permanecer

---

<sup>10</sup> Harry R. Davis e Robert C. Good (ed.) “Reinhold Niebuhr on Politics” (Nova Iorque: Scribners, 1960) 216-217.

em repouso. A terra pertencia a Deus e devia ser aproveitada por todo o povo de Deus. Sua produtividade não devia ser usada para lucro a curto prazo por parte daqueles que eventualmente detinham um título de posse. Todo sétimo ano era uma lembrança de que a propriedade humana tinha limites estabelecidos pela demarcação prévia de Deus. Após sete destes ciclos de sete anos vinha o momento culminante do Jubileu. Escravos deviam ser postos em liberdade, a terra retornava aos seus donos originais e as dívidas eram canceladas.

Enquanto estudiosos debatem o quão fielmente os hebreus observavam o Ano do Jubileu, seu princípio moral e econômico não pode ser ignorado. No mundo visualizado por Deus, ninguém, nenhuma família, e por extensão, nenhuma nação, tem o direito de ser permanentemente empobrecida. O Jubileu nos lembra um princípio operativo da fé bíblica: que a perda ou desventura econômica, qualquer que seja a causa, não deve ser permitida permanentemente, de forma a destruir a vida humana ou distorcer as relações sociais. Estruturas econômicas que tornam a vida desesperadora não devem ser permitidas. Deve haver um momento de restauração e novo começo em todo tempo da vida. Este é um ponto de partida apropriado para os cristãos reformados, no encontro com a globalização econômica.

## **V. A Resposta da Igreja à Globalização**

Na medida em que o grupo de diálogo refletia sobre as responsabilidades da igreja ao abordar a globalização econômica, as discussões e recomendações se agruparam em duas áreas: proclamando o que a igreja acredita e advogando políticas econômicas justas.

### **A. Nossas Igrejas Precisam Dizer em Que Cremos**

Isto começa com a pregação e o ensino fiel à visão bíblica e à nossa tradição reformada. Os participantes do diálogo concordaram que os sermões e os currículos de educação cristã deveriam ser os veículos para tornar claro os valores econômicos implícitos que brotam da nossa fé e aplicá-los não somente a indivíduos mas também às realidades concretas da vida econômica nacional e global.

---

*Os sermões e materiais educacionais devem enfatizar que, para os cristãos e para a igreja, o envolvimento para compreender e dar forma à ação humana em políticas econômicas não é uma opção mas uma obrigação da nossa fé. A visão global da justiça implícita na fé bíblica deveria iluminar e desafiar a globalização econômica. A proclamação da palavra deveria deixar isto claro aos membros de nossas igrejas.*

---

Os participantes do diálogo concordaram que tal pregação e ensino nas igrejas vão depender de uma educação teológica que prepare pastores e professores para estarem informados no diálogo social em que a ética e a economia se cruzam. Os seminários deveriam ver isto como uma responsabilidade básica para ajudar os seus estudantes a entender a importância de temas econômicos tanto na história bíblica como na teologia reformada. Embora formar economistas não seja uma tarefa das instituições teológicas, é sua incumbência munir seus graduados com uma compreensão suficiente de teoria econômica e prática para se empenhar em diálogos éticos e morais sérios sobre sistemas econômicos e seus efeitos globais. Os participantes do diálogo também repararam que declarações e resoluções sobre questões de justiça econômica feitas por denominações individuais são cruciais para orientar seus membros, bem como meio de tornar claro para a sociedade a profunda convicção da igreja em tais assuntos e as questões morais que estão em risco nas tomadas de decisão. É crucial que as assembleias das nossas igrejas não se silenciem sobre a orientação e o controle da globalização econômica, a fim de que este silêncio não seja percebido como indiferença.

Finalmente, os participantes perceberam a importância das igrejas procurarem cada vez mais refletir e agir ecumênica e internacionalmente em questões a respeito da globalização econômica. É importante que as igrejas reformadas explorem continuamente sua herança teológica comum e aumentem os contatos e reflexões entre seus membros como uma forma importante de alargar sua compreensão de como um sistema econômico global produz efeitos muito diferentes nas vidas de pessoas e de nações. O diálogo ecumênico internacional é crucial para prevenir o uso limitado e egocêntrico do poder econômico exercido por indivíduos, corporações, instituições financeiras e governos.

## **B. Em Defesa de Políticas Econômicas Justas**

A reflexão séria sobre a economia não tem como mero objetivo o aperfeiçoamento de uma filosofia, mas o estabelecimento de uma base para planejar o impacto humano da globalização. Uma vez que não existe um local com poder de tomar decisão, cada uma de nossas igrejas deve assumir a responsabilidade de buscar políticas econômicas justas e formas de atuação em nossos próprios países. Mas nossas igrejas deveriam buscar também os modos mais eficientes de trabalhar em conjunto para formular políticas que estejam além do controle de qualquer nação ou governo.

Embora os participantes do diálogo não tenham tentado delinear um programa de proteção completo, as seguintes questões abordadas superficialmente nas discussões poderiam constituir elementos concretos na busca de um sistema econômico internacional mais equitativo.

## 1. Limitando o Fluxo de Capital Financeiro

Nos últimos anos se tornou lógica padronizada que o preço da participação em uma economia globalizada deve garantir ao capital o direito irrestrito de entrar e sair dos países livremente. Esse direito colocou os bancos internacionais e especuladores financeiros em uma posição demasiadamente poderosa. Quando quantidades massivas de dinheiro fogem ao primeiro sinal de dificuldade, os governos são forçados a adotar medidas draconianas, que atingem mais pesadamente os mais pobres e mais fracos desses países.

Os governos dos países em desenvolvimento não deveriam se apressar para abrir suas economias ao capital estrangeiro e certamente não deveriam ser forçados a fazer isso até que descobrissem formas de canalizar seus efeitos e se proteger contra influxos repentinos que abastecem as bolhas e imediatamente saem lançando o país na depressão.

---

*O propósito de uma economia é garantir as necessidades básicas de todas as pessoas nas limitações de uma sustentabilidade circundante. Não se deve permitir que a busca de rentabilidade privada tenha precedência sobre esse objetivo.*

---

O colapso de diversas economias asiáticas em 1997 e a proximidade do colapso de países como o México e o Brasil, ameaçaram todo o sistema econômico internacional. É evidente que mesmo os países ricos se beneficiarão com a descoberta de formas para moderar a circulação selvagem das finanças internacionais causada pela movimentação irrestrita do capital financeiro. Alguns países em particular precisam assumir uma parte dessa responsabilidade. A Malásia de alguma forma se saiu melhor que seus vizinhos ao estabelecer, após 1997, restrições à saída de capital. O Chile tem sido bem sucedido ao evitar as bolhas de capital especulativo, diminuindo a entrada do dinheiro internacional ávido.

Outros países precisam aprender com estas experiências. A comunidade internacional também precisa atuar para diminuir o capital especulativo, a fim de assegurar que o fluxo financeiro internacional privado beneficie todas as populações e não apenas os grupos de elite, assim como para garantir recursos para assistir nações em momentos de dificuldades financeiras. Muitos economistas têm sugerido uma taxa de embarque internacional de cargas, que poderia ser utilizada principalmente para proteção ambiental, bem como para suplementar o desenvolvimento de subvenções e empréstimos para alguns países.

A chamada “taxa Tobin” também encerra uma esperança. Uma pequena taxa de transação sobre movimentações financeiras internacionais poderia ser acumulada como um fundo para países cuja vida econômica tem sido complicada por

fugas repentinas de capital internacional, e para assistir projetos econômicos de desenvolvimento em pequenos países. O economista James Tobin, laureado com o prêmio Nobel, sugeriu uma taxa de 0.5 por cento, que produziria de 300 a 400 bilhões de dólares anualmente. Isto superaria toda a ajuda internacional atual para desastres financeiros. Tal monitoração dos fluxos financeiros por si mesma ajudaria a refrear os efeitos da movimentação do capital predatório.

## **2. Cancelamento da Dívida**

Compromissos já têm sido assumidos por governos credores e instituições financeiras internacionais para cancelar grande parte da dívida dos países mais pobres. Dois passos são necessários ainda: garantir que os fundos necessários estejam realmente disponíveis e estender o compromisso para assegurar o cancelamento total da dívida desses países.

O próximo estágio para o indulto da dívida será muito mais difícil. O Brasil e a Coréia não estão entre as nações mais empobrecidas, mas o débito acumulado por décadas está se tornando um pesado tributo para eles e para um grande número dos chamados “países de média renda em desenvolvimento”. Uma vez que a dívida desses países é muito maior e principalmente junto a bancos privados e não instituições oficiais, esses governos não podem agir sozinhos mas devem assumir a liderança. Deve-se encontrar formas para encorajar ou exigir dos prestamistas privados que participem de forma significativa no esforço para diminuir o peso da dívida, de forma que o desenvolvimento possa ser retomado e a esperança restaurada para centenas de milhões de pessoas vulneráveis. Uma vez que os Estados Unidos constituem uma poderosa economia global, a atuação tanto de seu governo como do setor privado, será crucial.

## **3. Uma Nova Arquitetura Financeira**

Não surpreende que o FMI e o Banco Mundial tenham se esforçado para redefinir seu papel em um novo momento econômico. O mundo da Conferência de Breton Woods\* não existe mais. Alguns participantes do grupo de diálogo manifestaram grande raiva e frustração, particularmente frente aos atos do FMI que eles desejariam que fosse posto de lado completamente. Outros viam uma necessidade crescente dessas instituições internacionais em uma economia globalizada. Houve um acordo unânime porém: se o FMI deve continuar, ele deve ser drasticamente reformado.

A imposição de programas estruturais prejudiciais de ajuste aos países em

---

\* Breton Woods, em New Hampshire (EUA), foi o local da Conferência Monetária Internacional que, em julho de 1944, planejou duas agências da ONU: o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. Nota da Editora.

dificuldades devem cessar. O FMI também tem assumido prontamente o papel de disciplinador econômico em defesa dos interesses de governos credores, bancos privados e corporações, bem como da ideologia das estruturas de mercado, de modo geral. As instituições financeiras internacionais perderam de vista o fato de que o objetivo de uma economia é satisfazer as necessidades básicas de todos os que vivem nela. O mundo precisa retomar esta noção e manifestar este compromisso em suas instituições mundiais.

Se a nova economia global cria novos riscos, a carga precisa ser partilhada de modo justo por todos, e não somente pelos governos fracos e pessoas vulneráveis, incapazes de se defender. O atual sistema econômico global é administrado principalmente pelas nações industrializadas do Grupo G7 e pelas instituições financeiras internacionais controladas por elas. Há uma necessidade de aumentar dramaticamente a participação de outros países. Em 1998, o Tesouro norte-americano convidou o G7 e quinze “países importantes do mercado emergente” para constituir um novo G 22, a fim de se encontrarem em três grupos de trabalho para tratar de como aumentar a transparência e a responsabilidade, fortalecer os sistemas financeiros domésticos e administrar as crises financeiras. Foi um passo na direção correta, mas o novo grupo não tem qualquer reputação oficial institucionalizada e não inclui nenhuma das nações mais pobres.

---

*Em último lugar, um papel maior deveria ser concedido às Nações Unidas nas deliberações econômicas globais, a fim de garantir respeito para com os negócios e interesse de todos os países.*

---

#### **4. Os Trabalhadores e a Globalização Econômica**

Poucas áreas da economia global são inerentemente mais conflitivas que a questão dos direitos dos trabalhadores. As diferentes circunstâncias de cada país fazem com que seja bastante improvável, para breve, um entendimento geral sobre esta questão nos acordos internacionais de comércio. As corporações e investidores das economias industriais avançadas têm firme interesse em manter os mercados abertos e exercer o direito absoluto de usar o trabalho e recursos disponíveis em todos os países para proteger a quota de mercado e aumentar os lucros. Esses conflitos com os interesses dos trabalhadores de países industriais, que temem a competição com os trabalhadores de baixos salários em outros países, ameaçarão seus próprios empregos ou, no mínimo, forçam os salários para baixo.

Os governos de países em desenvolvimento são inflexíveis quanto a não permitir que os países industrializados coloquem sua política social e de trabalho em acordos governamentais de comércio internacional. Eles argumentam que a abun-

dância de trabalho a baixo custo é sua principal vantagem no comércio internacional e que os trabalhadores se beneficiam com os empregos conseguidos, mesmo que os salários sejam baixos pelos padrões internacionais. Os trabalhadores dos países pobres temem também que seus mercados sejam totalmente abertos a exportações de países mais adiantados. Os trabalhadores chineses, por exemplo, temem que quando a China se juntar à Organização Mundial de Comércio, as importações de aço da Coréia e de produtos agrícolas ocidentais farão empregos desaparecerem em todos os setores de sua economia e causarão um enorme desemprego durante um longo período de ajustamento.<sup>11</sup> Embora não existam respostas simples para estes complexos problemas, existem padrões mínimos de decência humana e bem-estar que podem e devem ser combinados no comércio internacional.

- Governos com economias vulneráveis não devem ser pressionados a abrir completamente seus mercados à participação estrangeira antes que medidas adequadas sejam estabelecidas para proteger os elementos mais frágeis da sociedade. Os países economicamente mais avançados devem pensar em arcar com parte desse custo como o preço para fazer negócio em uma economia global.
- Nem todos os países podem alcançar os padrões de salário do grupo G7, mas os bens produzidos para o comércio mundial deveriam, pelo menos, estar baseados em salários que sustentem uma família nesses países.
- Mesmo quando os níveis de salário difiram entre as nações, essa diferença não poderia ser mantida pela força e intimidação. Os trabalhadores em qualquer lugar, devem ser livres para organizar e negociar coletivamente para melhorar sua situação.
- As sociedades diferem por uma pequena margem no que se refere à idade exata da transição entre a infância e a maioridade. No entanto, é inquestionável que cerca de 120 milhões de crianças entre 5 e 14 anos estarão trabalhando em tempo integral, e que e outras 130 milhões trabalham em tempo parcial.<sup>12</sup> É razoável tanto social como economicamente insistir em excluir do comércio internacional mercadorias produzidas com o trabalho de crianças abaixo de dezesseis anos. Ao mesmo tempo, a comunidade internacional deveria aumentar os esforços para assistir aos países em desenvolvimento a fim de garantir educação universal como uma alternativa ao emprego assalariado precoce.

---

<sup>11</sup> Washington Post, 24 de setembro de 2000.

<sup>12</sup> Wall Street Journal, 12 de novembro de 1996, relatando um estudo da Organização Internacional do Trabalho.

- O meio ambiente é um dom de Deus para todas as pessoas, todas as espécies e sempre. A administração desse dom é tanto uma questão econômica quanto moral. A globalização não deve estar firmada em interesses econômicos que sejam livres para explorar a indiferença ou necessidade de alguns países em busca de alguma vantagem no comércio internacional. Proteger o meio ambiente deve ser uma consideração indispensável para se moldar a economia global.

## **5. O Papel dos Governos na Globalização**

Como a fé bíblica rejeita a noção de que qualquer instituição humana seja autônoma e esteja além da moral, o mercado se impõe sozinho, levado como é pelos estritos interesses da lucratividade, mas nunca deve ter permissão de moldar a era da globalização. Por causa de todas as suas fraquezas e falhas, os governos precisam continuar a ter, em todos os níveis, um grande papel como mediador entre os poderosos agentes econômicos e os indivíduos relativamente fracos, com as organizações que os representam. Pode ser que as forças da globalização sejam inexoráveis. Mesmo assim, moldar o impacto desta nova realidade e proteger as pessoas mais vulneráveis são responsabilidades inevitáveis nas quais os governos, instituições e organizações internacionais desempenharão um papel crucial.

### **Conclusão e Convite**

Por três semanas a equipe multinacional de líderes das igrejas observou, ouviu, discutiu, prestou culto e lutou com aspectos diversos da seguinte questão básica: a fé partilhada pelas igrejas reformadas/presbiterianas em sociedades tão diferentes proporciona uma visão comum das realidades econômicas e uma base para um testemunho unificado em meio à globalização? Sua curta resposta foi um ressonante “Sim”. Para um entendimento de suas percepções, experiências e desafios, nós o convidamos a ler as reflexões dos doze participantes que foram escolhidos por suas igrejas, em cada país, para viver este seminário intensivo de viagem e diálogo, considerar e discutir as questões que seguem cada reflexão e começar a formular suas respostas.

---

# DECLARAÇÃO DOS PARTICIPANTES

---



*Delegações da Igreja Presbiteriana (EUA), da Igreja Presbiteriana da Coréia (PCK), da Igreja Presbiteriana da República da Coréia (PROK), da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI) e da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) reunidas de 26 de fevereiro a 16 de março de 2000 na Coréia, Estados Unidos e Brasil.*

Em nome das Igrejas Reformadas na Coréia (PCK e PROK), nos Estados Unidos (PC(USA)) e no Brasil (IPI e IPU), participamos em um encontro cujo tema foi: “A Fé Reformada e a Economia Global: Um Diálogo.”

Nossa jornada de diálogo cobriu três continentes, começando em Seul, continuando em Seattle nos Estados Unidos e concluindo em São Paulo durante um período de três semanas, de 25 de fevereiro a 16 de março de 2000. O diálogo foi uma pronta resposta ao convite da 209<sup>a</sup> Assembléia Geral (1997) da Igreja Presbiteriana (EUA) para um diálogo entre líderes das igrejas do Brasil, Coréia e Estados Unidos em busca de uma melhor compreensão, ao nível do povo comum, do impacto das forças econômicas, sociais e políticas que dirigem a economia global e para ver como as igrejas podem promover mudanças que façam a economia global atender melhor às necessidades do povo. Posteriormente, o seminário se tornou parte da resposta das igrejas-membros ao chamado da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR) em 1998 para estarem empenhadas em um processo comprometido de reconhecimento, educação e confissão (*processus confessionis*) em relação à injustiça econômica e à destruição ecológica.

O propósito do nosso diálogo continua sendo nosso desafio atual: estimular a reflexão séria internacional, bíblica e teológica sobre as questões éticas que emergem da realidade da economia global. A esperança é que todos nós, das igrejas participantes, possamos adquirir uma compreensão melhor da economia global a partir da perspectiva dos povos envolvidos como pontos chave no espectro econômico, de forma a estarmos capacitados a desenvolver uma visão comum e nos engajar em uma ação transformadora.

Entendemos que nossa fé em Jesus Cristo como Criador e Senhor exige que participemos no bom pacto de Deus para que o mundo seja habitável para todas as crianças e que todos possam ter “vida e a tenham em abundância” (João 10.10). A soberania de Deus - o centro histórico de nossa fé reformada partilhada - nos convoca para sermos administradores responsáveis por todos os aspectos da vida neste mundo e, ao mesmo tempo, negarmos qualquer tentativa de se estabelecer um centro alternativo que concorra com a adoração fiel e o serviço a Jesus Cristo.

Nossa tradição reformada afirma que o propósito da ordem econômica é manter a vida na comunidade. Assim o corpo de Cristo testemunha para uma comunidade humana justa e sustentável.

Ao visitar os três países, encontramos muitas pessoas sofrendo como vítimas da exclusão, devida ao rápido e contínuo processo de globalização econômica. Lastimamos as formas atuais de globalização econômica que são indiferentes aos valores da comunidade humana. Muitos poderes dirigentes têm se mostrado injustos, fortalecendo as economias dos fortes e tornando as economias dos fracos ainda mais dependente e pobre, ao mesmo tempo em que causam cruel degradação ecológica.

Em Seul, experimentamos o impacto da economia global nas visitas aos abrigos de mulheres, aos projetos de missões com pessoas desempregadas e trabalhadores migrantes, aos complexos industriais avançados e a uma federação de pequenas empresas. Na verdade, nossa primeira visita foi a Panmunjum, na Zona Desmilitarizada (DMZ), há muito vista como símbolo da divisão sociopolítica. As dificuldades econômicas da Coreia do Norte nos lembram que a divisão é a realidade não apenas na política mas também na economia. Reconhecemos que tal situação, entre outros fatores causais, não pode ser resolvida sem que as sanções econômicas impostas contra aquele país, sejam revogadas.

Através da imersão nas realidades enfrentadas pela Coreia e na discussão com vários sindicalistas, governo, economistas e representantes dos *minjung* (*pobres*), tanto ouvimos como vimos por nós mesmos quão sério é o impacto da economia global na sociedade coreana. Ouvimos acerca do colapso fatal da agro-indústria, das mínimas perspectivas para os trabalhadores migrantes, os sem-teto e os desempregados. Manifestamos nossa tristeza e sentimos profunda solidariedade para com essas pessoas.

Em Seattle ficamos a cinco minutos de um grande centro comercial (*shopping mall*) – uma vitrine da globalização. Nossa visita aos Estados Unidos começou com a participação em um culto com uma congregação que estava reorganizando sua vida de adoração para melhor alcançar uma população mais jovem. A apresentação de um painel por representantes do conselho ecumênico de igrejas, que recentemente haviam participado de protestos contra a Organização Mundial de Comércio (OMC) nos permitiu ouvir sobre o meio ambiente, direitos humanos, trabalho e luta do povo da igreja contra os efeitos destruidores da globalização. Na medida em que conexões locais e globais eram feitas, soubemos da solidariedade descoberta por eles entre o povo dos Estados Unidos e de outros de países ao redor do mundo. Ouvimos do desafio e também da esperança partilhada por eles ao fundamentar seu movimento, no momento em que o evento da OMC havia passado.

Antes de nos encontrar com os representantes de uma grande empresa aérea comercial, encontramos rapidamente com os piqueteiros do seu sindicato. Tivemos encontros com três corporações internacionais que falaram do desafio da responsabilidade social nos negócios que chegam com o crescimento corporativo. Uma equipe comprometida de esposos e esposas, que desenvolvia um ministério explícito

em favor da justiça econômica, articulava formas para evitar que o medo e a ganância impulsionassem a mentalidade de risco e recompensa existente nos negócios. Ouvimos o testemunho de uma índia americana que descreveu as redes que saíam vazias dos rios de salmão e a erosão que escoava da terra poluindo as águas.

O Brasil tem sido abalado pela globalização econômica que se acentua com uma dívida externa que tem crescido tremendamente nos últimos trinta anos. Visitamos um projeto urbano de cooperativa para construção de casas populares; encontramos uma cooperativa de catadores de papel e participamos de uma mesa redonda com teólogos, legisladores, homens de negócios e economistas. As consequências da globalização podem ser vistas claramente na concentração de riquezas nas mãos de poucos, desemprego em massa e injustiça social. Podem ser vistas também no crescimento da pobreza e da violência e na falta de visão ou de esperança no futuro. Isto se reflete no consumo ilegal de drogas, no desemprego e nos movimentos fundamentalistas. As visitas aos sem-teto nas cidades e aos sem-terra no campo, nos mostraram que a reforma agrária é uma das questões mais urgentes para os excluídos da sociedade brasileira.

Esforços sérios são necessários para uma revisão responsável dos acordos relacionados com a dívida externa e a justa distribuição da renda e da terra para os que precisam trabalhar na agricultura. Como cidadãos do reino de Deus e deste mundo, precisamos incentivar qualquer esforço para vencer uma crise que destrói a natureza e a dignidade daqueles que cada vez mais se sentem excluídos.

---

*Aprendemos em nosso diálogo que muitas dessas pessoas poderiam não ter sido vitimadas se os poderosos agentes que dirigem a economia global tivessem atuado globalmente, de forma mais responsável.*

---

Reconhecemos que as corporações transnacionais, os conglomerados, investidores, especuladores financeiros internacionais e instituições financeiras internacionais, especialmente o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, no caso tanto da Coreia como do Brasil, são os agentes principais da economia global.

Ao enfatizar a necessidade de reforma contínua dos sistemas econômicos locais, solicitamos insistentemente ao FMI para reformar seu próprio sistema antidemocrático e não transparente de tomada de decisões. O próprio FMI deveria aumentar sua responsabilidade pelas políticas que oferece a um país. Ao mesmo tempo, solicitamos com insistência aos países poderosos como os Estados Unidos, para atuarem nas agências financeiras internacionais baseados em princípios democráticos, como se faz na arena doméstica. Além disso, recomendamos a estas poderosas entidades para que se conscientizem dos interesses de todos os povos – em todo o mundo – e não apenas e principalmente dos mais poderosos, como os que controlam as companhias transnacionais, cujo centro de interesse se

encontra localizado em seu país de origem.

Todos nós afirmamos a relação inerente entre a fé reformada e a preocupação com a economia global. Reconhecemos a responsabilidade global como parte da vivência de nossa fé responsável na soberania de Deus. Crendo que as questões mais prementes nesta época de globalização econômica acelerada referem-se aos valores éticos e espirituais, prosseguiremos em nosso diálogo para assistir nossas igrejas em seu testemunho acerca destes valores. Como uma igreja comprometida com Jesus Cristo, é apropriado que reflitamos, analisemos, denunciemos e apresentemos alternativas éticas capazes de subjugar o ídolo do mercado e o poder do estado para legitimar as reivindicações dos cidadãos em todo o mundo.

Recomendamos às congregações e seus membros para que se empenhem atentamente nos ministérios de cura das vítimas que sofrem os efeitos prejudiciais da globalização e se envolvam na defesa de uma ordem social mais justa, que inclua e não exclua os pobres e que garanta um meio ambiente sustentável para as futuras gerações, assumindo, especialmente, a responsabilidade de falar aos agentes da globalização em suas próprias congregações.

Recomendamos às congregações e presbitérios que se empenhem atentamente com o *Processus Confessionis: Processo de Reconhecimento, Educação, Confissão e Ação Relacionados com a Injustiça Econômica e a Destruição Ecológica*, da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR) e utilizem os critérios desta Afirmção sobre “A Fé Reformada e a Economia Global”, para estudar seu texto básico e reflexões pessoais, enviando as reflexões e respostas do estudo para os escritórios de suas Assembléias Gerais.

Recomendamos às Assembléias Gerais de nossas igrejas que recebam o material das congregações e presbitérios, usando adequadamente as respostas para atender às urgentes necessidades das missões e para preparar uma resposta que resuma as reflexões, oferecendo uma análise para ser submetida à Aliança Mundial de Igrejas Reformadas.

Recomendamos a criação e partilha de recursos litúrgicos sobre questões de justiça exigidos pelo impacto da globalização, para que sejam usados nos cultos e orações.

Recomendamos às nossas Assembléias Gerais para que defendam reformas nas políticas da Organização Mundial do Comércio, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial a fim de que a transparência, responsabilidade e participação democrática sejam integradas ao processo de tomada de decisões. Além disso, recomendamos que sejam controlados os movimentos prejudiciais de capital especulativo e que programas de ação batalhem por uma estabilização do mercado mundial do trabalho.

Como parte da Igreja de Jesus Cristo, acreditamos que é necessário lembrar que o verdadeiro bem-estar humano é o objetivo a ser alcançado, e não o consumismo das leis de mercado. É imperativo portanto, que elevemos nossos corações para orar e lutar com vigor pelo estabelecimento de uma nova ordem de justiça e paz para todos, que vislumbre o reino de Deus entre nós como o nosso testemunho confessional reformado.

---

# REFLEXÕES COREANAS

---



---

# O IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE O POVO COREANO

---



*Sung Bihn Yim*



**Sung Bihn Yim** – Igreja Presbiteriana da Coréia (PCK). O reverendo Sung Bihn Yim é professor assistente do Departamento de Cristianismo e Cultura da Faculdade Presbiteriana e Seminário Teológico em Seul, Coréia do Sul. Além disto, atua como membro administrativo do Conselho da Área Nordeste da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas e como diretor do Instituto Cristão de Missão Cultural. Ele completou seus estudos teológicos o Seminário Teológico de Princeton, onde obteve o Doutorado ( Ph. D.) em 1994. Dr. Yim é casado e tem dois filhos.

Orgulhosa de um crescimento econômico sem precedentes em sua história, a Coréia, no final de 1997, experimentou repentinamente uma séria crise econômica. Como a maioria do povo coreano encarou esta crise de forma tão inesperada, desde então surgiram várias análises sobre as suas causas. Apesar do grande espectro de visões, todos concordam que a crise esteve profundamente relacionada ao processo de globalização. O seu impacto foi tão devastador que a visão romântica de uma globalização positiva se desintegrou. Tão logo o programa de ajuste estrutural solicitado pelo FMI começou, o fechamento de numerosas companhias, instituições financeiras e bancos insolventes se acelerou.

No começo da crise econômica, houve uma estimativa oficial de 10% de desemprego, 2 milhões de pessoas em uma força de trabalho de 20 milhões. Todavia, juntando o número de pessoas sem condições de encontrar até um trabalho de tempo parcial e aqueles que acabavam de entrar no mercado de trabalho, o número total de desempregados foi mais realisticamente estimado em 4 milhões de pessoas. O número pessoas sem teto incapazes de encontrar trabalho ou comida cresceu a cada dia, o crime e a violência aumentaram. Como não havia uma rede de seguridade social adequada na Coréia, o impacto do colapso econômico foi literalmente fatal para muitas pessoas. O número de suicídios foi de 2.288, entre janeiro e março de 1998, o que significa que todo dia pelo menos 25 pessoas escolhiam o suicídio como meio de pôr um fim ao sofrimento neste período turbulento. É interessante notar também que 20,4% dos coreanos acham que o seu status econômico caiu, indo da classe média para baixa.

Resumindo, para a maioria dos coreanos, a abertura à globalização deixou amargura ao invés de uma visão cor-de-rosa. O fato de que a crise econômica aconteceu um pouco antes do século XXI fez o povo coreano compreender que a realidade da globalização – que parece irresistível e, ainda assim, ambígua e ameaçadora – tem de ser controlada.

## **A Reflexão da Igreja sobre a Crise Econômica**

As razões por trás do colapso econômico de nosso país foram múltiplas. Entre elas estão a nossa desorientada política governamental, uma mudança radical na economia global e uma ordem financeira internacional irresponsável. A dependência no governo está profundamente enraizada na mentalidade do povo coreano, que dá prioridade à política. Familiarizado com um governo centralizado, ele se sente bastante orientado politicamente. Nós tendemos a pensar que a política pode resolver a maior parte dos problemas e que ela sempre tem prioridade absoluta.

Em atitudes com base no absoluto sentimento confucionista do estado centralizado, na Coreia a política tem prioridade sobre a cultura, a religião e a economia: acredita-se que ela deveria alimentar ou controlar estes outros campos. Quando um dos nossos colegas brasileiros durante nossa visita a São Paulo me disse que “todo problema no Brasil é político” me fez pensar a respeito das semelhanças e diferenças entre Brasil e Coreia. Enquanto no Brasil a política parece significar a dinâmica do poder entre os diferentes grupos sócio-econômicos, na Coreia significa dependência do governo ou da autoridade pública.

A política industrial do governo, levada adiante pelo setor financeiro manipulado, induziu companhias à expansão e conseqüentemente ajudou na formação dos *chaebols*, uma espécie de conglomerado único para a Coreia. O rendimento dos *chaebols* em 1996 constituiu 45,8% do PNB e 14% do total de empréstimos feitos pelos bancos coreanos para os *chaebols*. Poderia se evitar que muitas pessoas sofressem se os poderosos agentes da economia doméstica, como os *chaebols* e da economia global, como as corporações transnacionais, financistas internacionais e instituições financeiras internacionais (especialmente o FMI), tivessem agido de uma maneira globalmente responsável.

Mesmo quando acusamos as políticas equivocadas e agentes irresponsáveis pela crise econômica no processo de globalização, não podemos omitir o fator “oculto” – a corrupção moral e espiritual da maioria dos setores da sociedade. Embora as razões identificadas para a crise sejam a falha governamental em administrar a economia do país e o investimento especulativo estrangeiro, eu acredito que haja uma razão adicional implícita. Teria nossa economia quebrado tão repentinamente se nossos homens de negócio, banqueiros, políticos e funcionários do governo tivessem agido com o mínimo de consciência moral e responsabilidade? O que aconteceria se tivéssemos um sistema econômico e político mais transparente baseado em regras justas e linhas mestras firmadas na responsabilidade e consciência moral?

Como nossa crise econômica tem suas raízes na corrupção em níveis globais e nacionais, a recuperação econômica e social se baseia na restauração de valores éticos. A grande prioridade da igreja coreana deve ser, em princípio, formular e proclamar um conjunto de valores eticamente corretos para a atividade econômica. A igreja coreana precisa prestar uma grande atenção nas relações entre fé e economia no contexto da globalização acelerada.

## **Reafirmar a Fé Reformada na era de Globalização Acelerada**

É instrutivo que nos lembremos do sentido original da palavra “economia”, formada pela combinação das palavras gregas *oikos* (casa) e *nomos* (lei, padrão), ou seja, “administração da casa”. Economia originalmente significava a administração do bem-estar dos indivíduos em uma comunidade. Isto inclui as necessidades individuais para o dia-a-dia como também as preocupações com o status social e a autoridade entre as pessoas. Assim, todos os sistemas econômicos são baseados em padrões e esforços dentro de um quadro ético para moldar as ações e valores do sistema econômico.

A igreja e os cristãos estão interessados em matérias econômicas porque as ações econômicas têm um impacto direto no bem-estar do indivíduo e, conseqüentemente, trazem responsabilidade com relação à comunidade e aos vizinhos. Daí porque o Antigo e o Novo Testamento tratam de assuntos de economia como um tema importante, ao mesmo tempo que instam o indivíduo a ver e entender todos os aspectos econômicos presentes na fé.

Com relação à corrupção ético-espiritual identificada como causa fundamental da crise econômica, a Igreja Presbiteriana da Coréia afirmou os seguintes pontos:

1. Da perspectiva bíblica, a atividade econômica de um indivíduo é o fiel cumprimento de sua responsabilidade como administrador da criação de Deus (Gn 1.28, 2.15). Logo, todos as pessoas devem se esforçar para agir economicamente de forma correta, para realizar a vontade e o amor de Deus na terra. Todos os bens materiais e mercadorias produzidos através da atividade econômica pertencem ao Criador e devem ser utilizados de acordo com a vontade divina. É imperativo que os administradores não se apropriem deles como se fossem seus.
2. Toda atividade econômica envolve o trabalho de indivíduos que não podem comer ou ter suas necessidades vitais atendidas sem ele. Ao mesmo tempo, todo trabalho desempenhado pelo indivíduo deve ser recompensado de forma justa ( I Tm 5.18, Jr 22.13). O trabalho é uma responsabilidade do indivíduo e ao mesmo tempo, um direito dado por Deus. O desemprego, que tira do indivíduo o direito de trabalhar, é contra a vontade de Deus.

3. Um dos principais ensinamentos na Bíblia com relação a assuntos de atividade econômica é que se deve considerar o apelo do pobre e do fraco à luz da justiça do reino de Deus (Dt 15.4-11, 24.18-22, Mt 11.5, 25.40, Mc 10.17-27, Lc 16.19-31).
4. A Bíblia também ensina que o sistema econômico deve ser justo para que não haja ninguém que tire vantagem dele ou fique de fora. Em muitos casos, a pobreza é resultado direto das ações de alguns indivíduos que injustamente tomam mais do que é seu. A Lei e os Profetas estimulavam vigorosamente o povo de Israel a acabar com leis injustas e sistemas que privavam o pobre de oportunidades e lhe causavam sofrimento permanente, bem como a estabelecer uma sociedade moral na qual todos se beneficiassem (Is 10.1-2; Ex 22.25-26; Am 5.7, 11; Tg 5.1-4).
5. Não podemos dizer que a Bíblia encare negativamente a acumulação de riqueza através de esforço honesto e diligente, mas ela reprova a ganância tanto quanto a idolatria. Os profetas denunciaram principalmente ações injustas para acumular riquezas através de métodos anti-éticos e injustos. Ao se posicionar firmemente na perspectiva bíblica acerca da relação entre economia e fé cristã, a igreja assume de forma ativa a responsabilidade de atuar profeticamente neste mundo que cultua a riqueza e a abundância de riqueza e que ruidosamente barra a justiça, a paz e a integridade da criação divina, bem como dos seres humanos sob os enganosos valores e ideologias do materialismo, tais como o neo-liberalismo.

## **A Tarefa Missiológica da Igreja em Favor de uma Comunidade Econômica Justa**

Somente quando a igreja perceber corretamente os ensinamentos bíblicos sobre os assuntos de fé e ética econômica é que vai perceber sua responsabilidade pela construção de estruturas econômicas justas e sustentáveis, que se conformem à vontade de Deus. A partir desta perspectiva, deveríamos nos comprometer em melhorar a estrutura econômica e a realidade. É trágico observar que as chamadas “divisões digitais azuis” ou divisão tecnológica, está prevalecendo em toda a sociedade. De fato, à medida em que a população da classe média radicalmente diminui após as crises econômicas, a polarização da sociedade também aumenta.

A polarização social não é somente uma questão coreana, mas possui um caráter global. De acordo com um relatório do Banco Mundial, aproximadamente 25% da população mundial (totalizando 1,3 bilhões de pessoas) estão em estado de absoluta pobreza, sem comida ou água potável. A disparidade na distribuição da riqueza aumentou ao ponto de 358 conglomerados internacionais possuírem uma riqueza equivalente à de 2,5 bilhões de pessoas. A distribuição desigual de

riqueza é tão severa que 20% da população possui 80% da riqueza e 80% dela partilham os 20% restantes. De acordo com um relatório feito pelo Conselho Mundial de Igrejas, os empréstimos feitos pelos países pobres junto aos países mais ricos, ao Banco Mundial, o FMI e a outras instituições financeiras internacionais durante o período de dez anos, de 1980 a 1989, chegou a US\$ 972 bilhões. O montante de juros que esses países pagaram já atingiu US\$ 1,4 trilhões. No entanto, restam ainda US\$ 1,65 trilhões em dívidas. Assim, os países pobres são forçados a fazer mais empréstimos para saldar seus juros. Todo esforço que fazem para pagar suas dívidas é vão já que dívida gera mais dívida. No contexto de uma estrutura econômica global injusta, o trabalho e os recursos naturais dos países em desenvolvimento são facilmente explorados, os direitos humanos são desrespeitados, a violência aumenta e a devastação ambiental se torna mais intensa. Observamos tal fenômeno de Seul a São Paulo e Seattle.

Refletindo sobre este contexto global injusto, devemos humildemente confessar que a Coréia – sob o jargão da globalização – prontamente se juntou à Organização Mundial do Comércio e à Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento sem abordar com clareza as implicações econômicas globais disso, mesmo tendo a pomposa ambição de ser um outro país rico. Agora é hora da igreja coreana ser uma guardiã responsável de seu país para que a Coréia possa ser mais responsável globalmente e mais consciente de sua parte em construir uma comunidade justa, pacífica e estável. Para servir como modelo para o mundo, devemos também trabalhar para assegurar que os negócios financeiros da igreja sejam transparentes, honestos e justos.

Antes de mais nada, a igreja deveria fazer todo esforço para ajudar as pessoas que estão perdidas na competição sem limites, desencadeada pela acelerada globalização. Para isto, ela deveria providenciar programas que lidem com os desafios apresentados pela crise econômica, tais como aconselhamento, educação, bem-estar e programas de reabilitação como redes de informação e outros.

Ao mesmo tempo, a igreja deveria participar em ações para reformar os *chaebols* na Coréia e as instituições internacionais como o FMI. A igreja deveria se juntar em solidariedade aos movimentos civis que trabalham para reformar estas entidades econômicas para serem mais democráticas e transparentes em seu processo decisório. A igreja deveria se posicionar para que o FMI aumentasse sua responsabilidade por qualquer política que venha sugerir a um país. Mais ainda, precisamos estimular governos poderosos como os Estados Unidos para serem conscientes quanto a uma política centrada na pessoa, ao invés de protegerem os interesses de alguns poucos poderosos.

## Questões para Reflexão

1. Como sua comunidade foi impactada pela “divisão tecnológica” que separa aqueles que têm conhecimento dos que não o têm?
2. Qual seria o papel de sua igreja (tanto local quanto nacional) para ajudar pessoas a lidarem com as questões de distribuição do conhecimento?
3. A globalização econômica com a cultura do consumismo parece muito atrativa para muitas pessoas em todo o mundo. Explore os diferentes papéis que a igreja poderia desempenhar neste contexto. O que seria apropriado para sua igreja local?
4. Até que ponto você concorda com a afirmação “A grande prioridade da igreja ... deve ser, em princípio, formular e proclamar um conjunto de valores eticamente corretos para a atividade econômica”? Se você concorda em grande parte com isso, como a igreja poderia começar a considerar esta prioridade? Se não concorda, por quê?

Na nova distribuição digital, o conhecimento tecnológico está criando muitos ricos, e os que não têm estas habilidades estão ficando de fora.

*Jung Hwa Han, Instituto de Pesquisa Venture da Coreia*

É preciso ir além da denúncia e da luta pelas reformas que precisam ser realizadas e de como a igreja se enquadra aí. A questão é como administrar a economia global.

*Heidi Hadsell, especialista em ética dos Estados Unidos*

---

# ECONOMIA É UMA QUESTÃO DE FÉ

---



Keun Soo Hong



**Keun Soo Hong** – Igreja Presbiteriana da República da Coreia (PROK). O reverendo Keun Soo Hong é pastor titular da Igreja Hyangrin em Seul. É membro da diretoria administrativa da Universidade de Hansin e tem atuado como moderador do Presbitério de Seul da PROK. De 1989 a 1991, foi presidente da Sociedade de Ética Social da Coreia e de 1977 a 1986 trabalhou como pastor titular na Igreja Cristã PC(USA) em Boston (Massachusetts). É formado pelo Seminário Teológico Hankuk e recebeu o grau de Doutor (Ph. D.) em 1983 da Escola Luterana de Teologia, Saint Louis. O Dr. Hong publicou vários artigos, trabalhos, coletânea de sermões e livros.

## O Mundo da Economia Global

Qual é a situação do mundo globalizado hoje? Apesar de todas as visões esplêndidas anunciadas pela globalização econômica, suas conseqüências são a transformação do mundo em uma imensa sociedade de mercado, um inferno no qual os ricos se tornam mais ricos e os pobres, mais pobres. As pessoas estão sofrendo com isto, o seu clamor contra os seus “algozes” chega até Deus.

De acordo com Ulrich Duchrow, um teólogo alemão, os 20% mais ricos da população mundial recebem 82,7% da renda mundial, enquanto os 20% mais pobres recebem apenas 1,4%. No relatório recente de um jornal cristão publicado em Seul, há 1,3 bilhões de pessoas cujo gasto diário é 1 dólar americano. Um outro jornal ainda relata que cerca de 56% da população mundial vivem abaixo da linha de pobreza. Até nos Estados Unidos, o gigante econômico que tem gozado de prosperidade há muito tempo, podemos ver que o abismo entre os ricos e os pobres está aumentando e muitos estão vivendo abaixo da linha de pobreza. A desigualdade econômica tem sido um assunto doméstico característico em todo lugar do mundo.

Entretanto, a questão Norte-Sul está surgindo agora como um problema internacional. O abismo entre os países ricos no norte e os pobres no sul está em constante crescimento. Da perspectiva ética e religiosa é problemático que uma superpotência como os Estados Unidos, usando o bonito nome de globalização, tente submeter todas as nações à sua soberania.

## **O que Aprendi do Seminário sobre a Fé Reformada e a Economia Global**

### **Em Seul, Coréia**

Todos os participantes deste diálogo, com exceção dos delegados coreanos, visitaram Panmunjum, o símbolo da divisão nacional e observaram sua miséria nacional histórica. No passado, as pessoas olhavam para a divisão da Coréia do ponto de vista da política internacional ou da guerra fria (ideologia anticomunista). Agora, entretanto, as pessoas estão começando a encará-la a partir de uma perspectiva econômica, notando que a divisão nacional piorou a situação econômica não somente no norte, mas também no sul.

As recomendações acerca de vários problemas econômicos na Coréia sob a globalização econômica e o domínio do sistema econômico do FMI foram resumidas no artigo *A Crise Econômica da Coréia e a Tarefa da Igreja*, que apresentei aos participantes do diálogo: cancelamento de todas as dívidas das pessoas que trabalham na agricultura coreana; redução das horas de trabalho de 44 para 40 semanais; imposição de penalidades sobre as indústrias que poluem o meio ambiente; fim da privatização das indústrias públicas como as companhias de eletricidade, o sistema ferroviário e o serviço postal; taxaço dos lucros do investimento especulativo; retirada do controle e dos programas de ajuste estrutural do FMI, que negam a autonomia econômica nacional da Coréia; e o corte do orçamento militar.

---

*O sofrimento dos minjung (pobres) que resultou da globalização econômica e das políticas do FMI não é uma história isolada da Coréia, mas a história de muitos outros lugares do mundo.*

---

### **Em Seattle, Washington, Estados Unidos**

Quando estivemos em Seattle, nossas visitas e diálogo com pessoas da Boeing, Starbucks Coffee, Porto de Tacoma e da Weyerhaeuser foram proveitosas de muitas maneiras. Um porta-voz do departamento de aviação civil internacional disse que a “Boeing é a melhor companhia do mundo,” uma declaração que nos desafiou. Perguntamos como ele podia fazer tal afirmação, especialmente porque havia uma greve de engenheiros da Boeing naquele momento na rua. Também perguntamos quais eram os critérios para se definir a “melhor” companhia.

Nas nossas visitas e diálogos com as pessoas de várias indústrias em Seattle, encontrei muitas características comuns existentes na economia americana. Pri-

meiro, a economia americana é típica do capitalismo, no qual a competição sem limite e a ganância são a regra. Segundo, os Estados Unidos têm nos negócios uma política de “vencer sempre”, cuja única preocupação é produzir rendimento econômico, sem se preocupar com o que acontece aos outros. Terceiro, os Estados Unidos, gozando de uma prosperidade econômica contínua por muitos anos está lutando para tomar uma porção maior do bolo econômico não só na economia nacional, como também na internacional. Minha conclusão foi que as práticas nos negócios americanos não são éticas nem cristãs.

## **Em São Paulo, Brasil**

O que é comum tanto no Brasil quanto na Coréia é que a dívida externa, originalmente de empréstimos privados para conglomerados empresariais, é uma dívida nacional, isto é, uma dívida do povo. Os que estão sofrendo em meio à crise econômica não são nem os devedores originais nem o governo, mas o povo que não tem nada a ver com as dívidas externas. Outro fator em comum é que tanto o Brasil quanto a Coréia devem aos Estados Unidos.

Embora os cristãos nos Estados Unidos estejam promovendo a campanha do *Jubileu 2000*, nem o Brasil nem a Coréia vão se beneficiar dela, mesmo que alcance seus objetivos, uma vez que ela é para os países mais pobres do mundo. De qualquer maneira, seria desejável não só para a Coréia e o Brasil, mas também para os Estados Unidos e o resto do mundo, que as dívidas de ambos os países fossem canceladas.

Apesar da turbulência econômica, as pessoas que lá encontramos têm esperança no Brasil. Encontramo-nos com os despossuídos – os catadores de lixo, os sem-teto e os sem-terra – e aprendemos de sua luta, reclamando seus direitos de viver uma vida humana decente. Fiquei tocado ao ver uma certa sacralidade e esperança. Acredito firmemente que um movimento progressista e um espírito transformador estão no centro do ensino de Jesus e da fé cristã.

---

*Temos um evangelho para proclamar às pessoas do século vinte e um?*

---

## **Os Ensinos de Jesus sobre a Economia**

Com freqüência a igreja tem a tendência de limitar os seus sermões e programas de ministério à vida dentro da igreja, com o objetivo de receber reconhecimento, favor e apoio por parte dos membros. Entretanto, o objetivo de entreter os membros da igreja está errado, pois a igreja, seguindo a tradição profética, tem uma responsabilidade missionária mais ampla: testemunhar e proclamar a vontade de Deus para o mundo. Assim, a igreja tem de se preocupar com o mundo secular e testemunhar a respeito de questões políticas, sociais e econômicas.

A igreja deveria participar de diálogos soando a trombeta com antecedência para acordar as pessoas a fim de discernirem os sinais dos tempos, bem como sugerir alternativas e criticar as políticas existentes. A igreja de hoje deveria testemunhar ou proclamar a natureza fundamental do evangelho com relação a questões sociais e econômicas importantes. Nosso diálogo seguiu esta ordenança pois o seu propósito foi “estimular reflexões internacionais, bíblicas e teológicas sérias sobre questões éticas emergindo da realidade da economia global.” A esperança foi de que as igrejas participantes pudessem obter um entendimento melhor da economia global a partir da perspectiva das pessoas envolvidas em pontos chave do espectro econômico, habilitando-as a “desenvolver uma visão comum e a se engajar em uma ação transformadora.” Para cumprir este mandato, a igreja deveria buscar entender claramente e advogar fielmente o ensino de Jesus sobre justiça econômica. No que se refere a isto, posso apontar três ensinamentos negativos e dois positivos.

## **TRÊS ENSINOS NEGATIVOS SOBRE AS RELAÇÕES ECONÔMICAS**

### **A Vida Humana Envolve Realidades Econômicas**

Antes de mais nada, Jesus disse que os seres humanos não vivem de pão somente (Mt. 4.4). Ainda assim, isto não deveria ser entendido como se o ser humano pudesse viver sem pão. Ao contrário, deveríamos também lembrar da última parte desta passagem, que diz que o ser humano vive da palavra de Deus. Este ensinamento desconhece que as pessoas vivam somente do pão e sem a Palavra de Deus, o que é tão impensável quanto viver da palavra de Deus apenas, sem pão.

### **Não se Preocupem com o que Comer, Beber ou Vestir**

Em segundo lugar, Jesus disse para não nos preocuparmos com o que comer, beber ou vestir (Mt. 6.25). De qualquer forma, estamos freqüentemente confusos e não conseguimos entender esta palavra de Jesus. Quando notamos que o público de Jesus naquele tempo era de desempregados, pobres, sem-teto e sem-terra – isto é, *minjung* – este ensinamento parece ainda mais misterioso. Jesus não sabia disto? Se sabia, por quê então lhes proporcionou tal ensinamento?

Sim, Jesus conhecia a realidade da pobreza tão bem quanto qualquer um. Precisamente porque sabia, ele deu esta lição aos pobres. Quando a sociedade se torna injusta e desigual, esforços infundáveis para viver se tornam fúteis e inúteis. Em tal situação, como aquela em Israel, a única opção possível era transformar a realidade injusta.

Preste atenção à observação final de Jesus: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas”(Mt 6.33). Isto significa que precisamos nos reformar e transformar totalmente. De qualquer forma, as reformas que Jesus exige não significam desemprego em massa, colapso das pe-

quenas e médias empresas, privatização de empresas públicas que afetam as pessoas, requeridas pelo sistema econômico do FMI, mas, ao contrário, uma transformação da realidade no reino de Deus e na sua justiça.

O que Jesus nos pede com este ensinamento não é para desconsiderarmos ou ignorarmos questões econômicas, mas para transformá-las fundamentalmente. Desta forma, uma economia justa e sustentável que dê espaço para todos viverem como seres humanos, é possível.

O sistema que o reino de Deus e sua justiça pode realizar é um sistema de economia justa e sustentável que integra as dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, ecológicas e espirituais da vida. “Em face de uma economia global que nega vida a muitos, nós afirmamos a vida. Comprometemo-nos ativamente a resistir e mudar a ordem econômica mundial e a participar na busca por uma economia justa que afirme a vida para todos. Consideramos que esta afirmação de vida, compromisso à resistência e luta por transformação, seja parte integral da fé e confissão reformadas hoje.”<sup>1</sup>

## **Os Ricos Podem Ser Salvos?**

Terceiro, Jesus disse que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Mc 10.25). Este ensino não nega a possibilidade dos ricos serem salvos. Ao contrário, Jesus disse que o que parece impossível para os seres humanos é possível a Deus (Mc 10. 27). A mensagem básica desta palavra é que não deveríamos servir ao dinheiro e a Deus (Lc 16.13).

Na parábola do rico e Lázaro (Lc 16.19-31) a mensagem era que o rico, por servir ao dinheiro e não a Deus, que ama a humanidade, não se importava com o mendigo Lázaro. Nesta parábola, Abraão mencionou Moisés e os profetas (Lc 16. 29, 31), referindo-se aos livros da Lei e aos Profetas. Claramente, o que Deus requer de nós é que, entre outras coisas, façamos justiça na comunidade humana (Mq 6.8).

## **DOIS ENSINOS POSITIVOS SOBRE REALIDADES ECONÔMICAS**

### **Toda Pessoa Tem o Direito de Gozar uma Vida Decente**

Primeiro, na parábola dos trabalhadores na vinha, Jesus mostra claramente que o modo capitalista de acertar salários, baseado em competição e mérito, é injusto. O cálculo salarial do proprietário da vinha parece pouco razoável, particularmente para aqueles que usam uma forma de pensar capitalista, pois o mesmo salário, um denário, que equivale à média diária salarial, foi pago tanto aos que trabalharam apenas uma hora quanto aos que trabalharam desde manhã cedo. Isto

---

<sup>1</sup> *Processus Confessionis: Process of Recognition, Education, Confession and Action Regarding Economic Injustice and Ecological Destruction*, Background Papers no.1 (Genebra, Suíça: World Alliance of Reformed Churches, 1998), 16.

é contra o sentimento predominante e o modo de pensar capitalista. De qualquer modo, o denário que o dono da vinha pagou a todos os trabalhadores significava o gasto mínimo de uma família daquele tempo. Isto revela a natureza fundamental do reino de Deus. Com esta parábola, Jesus parece nos dizer que o reino de Deus é dado a nós não pela habilidade, boas ações ou mérito, mas pela graça de Deus. Neste reino há garantia de que todos podem viver como seres humanos. Os retardatários que foram contratados à última hora e puderam receber um ganho para se sustentar, representam “um destes pequeninos” (Mt 25.40). A igreja tem de ser transformada para melhor servi-los em suas necessidades e trabalhar para mudar a economia global.

### **A Oração do Senhor: “Perdoa-nos as Nossas Dívidas assim como nós Perdoamos aos Nossos devedores”**

Jesus nos ensinou a perdoar nossos devedores. Aqueles que vivem em países do assim chamado Terceiro Mundo, e até aqueles pobres que vivem nos países ricos, estão sofrendo por causa do pesado fardo da dívida. As dívidas dos países do Terceiro Mundo deveriam ser canceladas, não somente do ponto de vista econômico ou moral, mas também do ponto de vista cristão, se quisermos continuar recitando a oração do Senhor.

### **Cconclusão**

Como Jesus ensinou, vinho novo deveria ser conservado em odres novos. A igreja deveria se preocupar com a reforma de seus métodos de comunicar o evangelho de Jesus efetivamente para uma nova era e um novo povo. A igreja do século vinte e um deveria pregar a libertação, os direitos humanos, a justiça, a paz, a autonomia (nacional) e a unificação. A igreja deveria ser capaz de propor uma alternativa concreta para alcançar a paz mundial, não como um ideal de utopia pacífica, mas como um programa alternativo político-econômico para a paz.

A proclamação de paz da igreja deveria incluir não só uma crítica ou negação da guerra em princípio, mas um testemunho e uma proclamação concretos para criar e forjar um novo mundo de justiça. Seu testemunho deveria incluir o discernimento do Deus verdadeiro, a quem Jesus apresenta, diferente do falso deus que oprime e ameaça os seres humanos e sua liberdade. Um deus ou cristo que nega a liberdade humana deve ser negado.

---

*A igreja não pode adotar uma posição neutra quando é levada a assumir uma posição entre o rico e o pobre.*

---

O Deus do Êxodo que libertou o povo oprimido (*minjung*) do trabalho escravo não adotou uma posição neutra em uma luta entre o opressor e o oprimido, o rico

e o pobre. O Deus a quem testemunhamos é o Deus do Êxodo, que tem um amor preferencial pelo pobre e pelo escravizado.

Jesus, que veio ao mundo como um membro dos *minjung* e foi crucificado no processo de libertar os *minjung* por forças *anti-minjung*, nunca tomou uma posição neutra nos campos da economia e da política. Se ele fosse neutro, sua crucificação jamais teria acontecido e o cristianismo não existiria de forma alguma.

Um cristianismo que advoga, abençoa e se identifica com o capitalismo que racionaliza a competição ilimitada, a posse ilimitada da propriedade privada e a ganância, louvando e abençoando os ricos como vencedores, tem sua existência em grande pecado.

Quando o cristianismo se transformou em uma religião do estado no Império Romano e um aliado dos governantes ao longo da história, ele se tornou amigo dos inimigos de Jesus, do rico e dos governantes, que foram responsáveis pela sua crucificação, ao mesmo tempo que se tornou inimigo dos amigos de Jesus, o pobre, o sem poder e os “pecadores” excluídos pela autoridade religiosa do tempo de Jesus. Tal cristianismo não pode ser o cristianismo real e tal igreja não pode ser a verdadeira igreja de Cristo.

Existe um otimismo entre aqueles que se encantam com a tecnologia e o crescimento... Eles possuem uma grande confiança na razão humana e uma fé inabalável no mercado... A mão invisível, como foi dito, converte a ação egoísta em bem social... A idéia de que a providência divina guia toda história, sacraliza o sistema existente. Quando a providência está associada ao desempenho do mercado, uma nova visão moral emerge. Sofrimento e morte emergem como parte da providência divina.

*Dr. Jung Mo Sung, teólogo católico romano de família coreana, falando*

## Questões para Reflexão

1. De que formas sua experiência confirma ou contradiz a declaração inicial do autor de que a globalização transformou o mundo em uma “imensa sociedade de mercado”? Como você descreveria seus resultados?
2. Como você reage às caracterizações dos negócios e do capitalismo, feitas em Seattle? Quais as características dos negócios e dos sistemas econômicos que você conhece melhor e que os une em uma só economia?
3. Por que você concorda ou discorda da declaração de que a igreja deveria projetar uma ordem econômica alternativa? Imagine uma ordem econômica ideal. Quais valores você gostaria que constituíssem uma ordem econômica alternativa? Como esta ordem se assemelharia ou seria diferente da ordem atual?

Há uma suspeita de que alguns países foram empurrados para a crise para aumentar os lucros de outros. Eu não acredito em tal conspiração. Os países entram em crise porque já são fracos, os especuladores sentem isto e naturalmente protegem seus próprios interesses em lucros, fugindo em um determinado momento.

*Sang Ku Kim, professor e economista coreano.*

Nós somos todos reféns do conhecimento e da informação. Como parte da história, somos como crianças da era industrial. Não ajuda em nada sermos ludistas.

**Dr. Luís Antônio Jóia,**  
professor da  
Universidade  
Federal do

---

# O PAPEL E A MISSÃO DA IGREJA PARA A ECONOMIA GLOBAL

---



*Yong Kyu Kang*



*Yong Kyu Kang – Igreja Presbiteriana da República da Coreia (PROK). Pastor titular da Igreja Hanil, o Rev. Yong Kyu Kang atua na Comissão de Missão Além-mar da PROK. Em 2000, trabalhou como vice-moderador do Conselho do Setor Nordeste da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas. Começou seus estudos teológicos no Seminário Teológico de Hanshin em Seul, graduando mais tarde no Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI). Completou seus estudos pastorais (Doutor em Ministério) no Seminário Teológico de São Francisco. Ele e sua esposa têm três filhas.*

## **Quem Manda no Mundo?**

Com o começo do novo milênio, as forças que governam o mundo podem ser expressas com a palavra “globalização”, um conceito que está afetando todos os setores de nossas vidas. Em seu sentido amplo, a globalização significa o processo através do qual todas as formas de estruturas nacionais e sociais estão intimamente relacionadas umas com as outras.

A força motriz que conduz e manipula este processo não é outra senão a globalização. A globalização econômica, derrubando as fronteiras nacionais em todo o mundo, está agora rearranjando o globo em um grande mercado no qual todos os tipos de instrumentos financeiros operam livremente para a acumulação máxima de capital. A assim chamada globalização econômica neoliberal se tornou a ideologia dominante de nossos dias.

As forças que lideram a globalização econômica insistem que se trata de um fenômeno naturalmente emergente, que deveríamos aceitar como uma realidade inevitável. De qualquer forma, a globalização econômica não é uma realidade mas uma ideologia forçada, que está sendo intencionalmente implantada em nossas consciências pelas forças dominantes.

O grupo de Lisboa\* afirmou que a “competição” agora ganhou a posição de credo ou ideologia universal. Expressões como “credo” e “ideologia” mostram

que a globalização econômica não é uma realidade que emerge naturalmente, mas uma ideologia inventada que somos compelidos a aceitar às custas da humanidade e da ecologia. Sobre este altar da globalização econômica, muitos países como o México em 1994, a Rússia, o Brasil, a Tailândia, a Indonésia, a Malásia e a Coreia, são oferecidos em sacrifício. Estamos testemunhando agora os augurentos sinais de possíveis sacrifícios de outros países.

Michel Chossudovsky, autor de *A Globalização da Pobreza: Impactos das Reformas do FMI e do Banco Mundial*, afirmou que a globalização econômica trouxe a globalização da pobreza e está trazendo agora ao mundo a globalização da agonia econômica. A severa crise financeira que varreu o leste da Ásia no fim dos anos 90 é somente um dos vívidos exemplos deste tipo de agonia. Logo após a desvalorização econômica, as economias do leste asiático foram deixadas praticamente desoladas na medida em que o capital especulativo internacional como os *hedge funds* (medidas compensatórias) abandonaram freneticamente os mercados locais.

A ilimitada competição pan-global que resultou da globalização econômica está aumentando a distância entre vencedores e perdedores, países pobres e ricos. Inclusive, enfraquece a unidade interna das nações, dando origem a vários conflitos entre comunidades locais e classes sociais. Além disso, a lógica do capitalismo e um mercado ferozmente competitivo têm frustrado o crescimento de pequenos capitalistas, ao encorajar a expansão dos grandes capitalistas e das grandes estruturas econômicas.

O altar da globalização econômica está clamando agora pelo sacrifício da ecologia bem como da humanidade. Grandes florestas tropicais como as da Coreia do Sul estão desaparecendo da terra a cada ano. Irian Jaya, uma ilha da Indonésia, sofre com a descuidada destruição de suas minas de ouro e cobre, por companhias americanas. Por trás desta realidade mortal espregueia a lógica destrutiva da globalização econômica.

O efeito colateral mais sério causado pela globalização econômica pode ser encontrado no enfraquecimento da capitalização e na privatização de um estado-nação. O capital internacional está se tornando a força reguladora que controla e reina completamente sobre o destino dos seres humanos no mundo.

A taxa do capital global investido no hemisfério sul, o mais pobre, caiu de 50% em 1980 para 2% em 1990. Para assegurar o lucro para os investidores de capital, países pobres não têm outra escolha senão cortar o orçamento de setores da educação, seguro social e saúde.

Confrontada com as operações desiguais e injustas da economia global, a igreja deve assumir uma missão e um papel extremamente importantes.

**Antes de tudo, a igreja deve restaurar a soberania de Deus sobre todo o**

---

\* O grupo de Lisboa é composto de dezenove acadêmicos de prestígio da América do Norte, Europa e Japão que em seu livro *Limits to Competition* convocam as grandes potências econômicas para trabalharem juntas a fim de atenderem as necessidades de toda a população do mundo.

**universo e restaurar para nós a imagem de Deus que está inscrita em todo o ser humano desde os tempos da criação.** A humanidade tem com frequência ignorado, coberto e distorcido a soberania de Deus, que criou o universo inteiro e preside a história. Os seres humanos têm a ilusão de que as forças condutoras do universo estão na ciência, na economia ou na política.

Não, este não é o caso em absoluto. Enquanto não reconhecermos a soberania de Deus, é impossível parar o ciclo de exploração e opressão que é levado a cabo pelas criaturas sobre seus semelhantes.

Quando Deus criou o universo, os humanos foram criados como seres belos e nobres à imagem de Deus, para que amassem, respeitassem e cuidassem uns dos outros. Entretanto, a humanidade destruiu suas relações com Deus, com o ambiente natural e mesmo com os seus semelhantes humanos.

Agora é confiada à Igreja a missão urgente de reconhecer a soberania de Deus e de renovar a imagem de Deus para os outros. Desta forma seremos capazes de manter a ordem da criação de Deus.

**Segundo, a igreja deve ensinar a verdade de que o mundo é uma comunidade e os cidadãos globais são uma família.** “Globalização” e “aldeia global” são termos que têm sido usados há bastante tempo, com o significado de “unidade”, transcendendo as barreiras do tempo e do espaço. Ao contrário, neste mundo globalizado, os ricos estão ficando mais ricos e os pobres mais pobres, aumentando ainda mais a distância entre os felizes e os infelizes.

A igreja deve proclamar e nos convencer de que o mundo é um lugar de salvação criado por Deus, e que os cidadãos globais devem se unir como irmãos e irmãs perante Deus. Na perspectiva da igreja, a globalização transforma o mundo em um lugar onde as pessoas e as culturas de diferentes histórias dão-se as mãos e se fortalecem para caminhar rumo a um futuro melhor, como determinado por Deus.

**Terceiro, a igreja deveria provocar mudanças no mundo através do ensino da Palavra de Deus.** Muitos lêem a Bíblia simplesmente para esclarecimento pessoal. A Bíblia, contudo, fornece orientação e ensinamentos importantes para melhorar a economia global, que está sem rumo.

O Ano do Jubileu no Antigo Testamento é um dos exemplos notáveis de igualdade e justiça econômica encontrados na Palavra de Deus. Em Israel, quando chega o Ano do Jubileu, ou Ano da Graça de Deus, a cada 50 anos aproximadamente, todas as coisas são automaticamente devolvidas, sem qualquer ônus, ao seu primeiro dono, e uma vez mais, há um novo começo para tudo. Em certo sentido, esta é uma garantia legal suprema de proteção da propriedade pessoal e, ao mesmo tempo, uma lei contra a acumulação ilimitada, para prevenir problemas sociais que surgem da concentração de poder e riqueza nas mãos de uns poucos indivíduos.

Da mesma forma, o jubileu pretendia capacitar um pessoa que tinha perdido

tudo para começar de novo. Isto funciona também para fazer aqueles que possuem bens materiais ajudar outros a lograr este novo começo. Esta lei é tanto para aqueles que desejam garantir liberdade e libertação para os pobres como para aqueles que vão receber e gozar a felicidade daquela liberdade e libertação. Resumindo, o Ano do Jubileu é uma graça de Deus que garante um começo novo e igual para todo membro da comunidade.

Descobrir e proclamar a justiça econômica que, na Palavra de Deus, foi apresentada para os pobres e fracos é uma missão das mais críticas para a igreja de hoje.

---

*Quarto, a igreja precisa formular esquemas institucionais e medidas sistemáticas para lidar com o desnorteante rumo da economia global.*

---

Já no encontro da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR) em Debrecen, Hungria, em 1997, a AMIR declarou o *status confessiones*, através do qual todas as igrejas locais e globais fariam esforços combinados para alcançar a justiça econômica e a preservação da ecologia. Em 1998, o encontro do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Harare, Zimbábue, provocou a criação de medidas específicas para checar as novas ondas de globalização econômica neoliberal como uma tarefa prioritária, e agora está promovendo campanhas cristãs contra o mamonismo, através do movimento Jubileu 2000.

Movimentos mundiais conjuntos promovidos por igrejas deveriam ser encorajados para, mais uma vez, recuperar a justiça econômica e salvar a ecologia e a humanidade de uma destruição temerária. O evangelho convoca nossa igreja a assumir o papel profético como mensageira de Deus, bem como a cumprir sua missão exclusiva pela partilha e suspensão do fardo do pobre e do fraco. Somente quando estiver guarnecida com um forte sentimento de responsabilidade coletiva e medidas substanciais, a igreja terá êxito para levar adiante a justiça de Deus e a igualdade neste mundo.

Para encerrar, gostaria de citar alguns textos bíblicos relevantes:

“Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene” (Am 5.24).

“... para que em ti não haja pobre; pois o Senhor, teu Deus, te abençoará abundantemente na terra que te dá por herança, para a possuíres, se apenas ouvires, atentamente, a voz do Senhor, teu Deus, para cuidares em cumprir todos estes mandamentos que hoje te ordeno” (Dt. 15.4-5).

## Questões para reflexão

1. Yong Kyu Kang afirma que a "globalização econômica neoliberal se tornou agora a ideologia dominante de nossos dias." Que justificativa você pode dar para esta afirmação? Até que ponto você acha que ela é verdadeira? Explique.
2. Quais as afirmações sobre globalização parecem mais reais para vocês? O autor levanta idéias novas? O que você viu, leu ou experimentou que confirma ou contradiz algumas das suas afirmações?
3. O autor dá quatro diretrizes claras para a igreja lidar com os problemas da globalização. Qual delas seria a mais apropriada para sua igreja local? Explique porque você concorda ou discorda quanto a serem elas apropriadas para a igreja.

O poder do cérebro dos seres humanos é muito mais valioso para a economia tecnológica. A tecnologia é inútil sem pessoas que possam usá-la plenamente. Logo, o mundo dos negócios deve investir mais do que nunca em educação e treinamento para usar tecnologia.

*Dr. Emerson Kapaz, engenheiro civil brasileiro e deputado federal.*

Há uma nova possibilidade de comunicação e conhecimento globais e, conseqüentemente, de cidadania internacional – uma nova forma de pensar sobre a globalização... Mas nós vamos procurar maneiras de nos organizar para resistir aos efeitos negativos da globalização.

*Dr. Carlos Guilherme Mota, professor de história na Universidade Mackenzie, São Paulo.*

---

# **SOBRE O SOFRIMENTO DO POVO CAUSADO PELA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA: A COMISSÃO DIACONAL E A TAREFA DA IGREJA**

---



**Tae Sun Lyu**



***Tae Sun Lyu** – Igreja Presbiteriana da Coréia (PCK). O Rev. Tae Sun Lyu titulou-se M. Div. e Th. M. no Seminário Presbiteriano de Seul. Desde 1997, é o secretário executivo do Departamento de Serviços Sociais e Testemunho da PCK. O Sr. Lyu também atuou como diretor do Conselho Ecumênico da Juventude na Coréia (1983-1994), secretário do Comitê de Direitos Humanos do Conselho Nacional de Igrejas da Coréia (1985-1987) e pastor da Igreja Presbiteriana de Sandol de (1994-1997).*

## **O significado do diálogo**

Os representantes das igrejas reformadas do Brasil (IPI e IPU), dos Estados Unidos (PC-USA) e da Coréia (PCK e PROK) que participaram dos diálogos em Seul, Seattle e São Paulo sobre o tema “A Fé Reformada e a Economia Global” concordaram em fortalecer a cooperação e a solidariedade ao abordar as questões da injustiça econômica mundial resultante do processo de globalização econômica.

Com a séria crise econômica no final de 1997, a Igreja Presbiteriana da Coréia (PCK) examinou o assunto e reconheceu que os problemas econômicos estão relacionados com a fé, produzindo uma declaração na 83ª Assembléia em 1988: *Afirmção de Fé da Igreja para a Superação da Atual Crise Econômica*. Alinhada com esta declaração, a igreja coreana tem feito todo o esforço para ajudar os desempregados e suas famílias durante os últimos dois anos.

Nos diálogos que aconteceram em Seattle e São Paulo, os participantes coreanos compartilharam suas experiências com os participantes dos Estados Unidos e do Brasil e reconheceram aspectos mais amplos dos problemas da globalização.

## **A causa da crise na economia coreana**

*A Afirmação de Fé da Igreja para a Superação da Atual Crise Econômica* ressaltava três razões para a crise: primeira, a corrupção espiritual e moral do povo coreano; segundo, políticas e práticas errôneas do governo coreano e terceiro, mudanças bruscas no sistema econômico mundial e na ordem monetária internacional. A crise piorou através da sinergia destes três fatores.

O diálogo enfocou o problema do sistema econômico global, não somente por causa do tema, “A Fé Reformada e a Economia Global”, mas como uma forma de explorar a necessidade de reforma do sistema econômico global de hoje, estreitar a crescente distância entre ricos e pobres em nível global e resolver os problemas relativos ao sofrimento do povo.

## **A realidade do sofrimento do povo**

O povo coreano sofre uma enorme crise desde o fim de 1997. Um número enorme de empresas faliram. Na vulnerável rede social da sociedade coreana, muitas pessoas não possuem meios para subsistir e o número de estudantes com fome está aumentando. Muitas famílias foram divididas e seus membros foram espalhados. Alguns ficaram sem casa. Outros escolheram o suicídio como fuga. Em desespero, alguns tragicamente se suicidaram com a família.

No Brasil, encontramos sofrimento grave e semelhante em uma realidade ainda mais ampla. Em São Paulo, a maior cidade da América do Sul, com 11 milhões de habitantes, arranha-céus se alinham nas ruas. Ainda assim, atrás dos edifícios encontramos vastas áreas de favelas, que pareciam sem fim. Alguns sem-teto criaram casas em prédios desocupados, outros vivem e dormem nas ruas. No campo, há muitos proprietários que possuem vastas áreas agrícolas, que permanecem improdutivas e em desuso. Camponeses que desesperadamente precisam de usar a terra para sustentar suas vidas tornaram algumas áreas produtivas, participando do movimento pela reforma agrária, alguns ao custo de suas próprias vidas. Creio que esta situação não é mais do que um pequeno exemplo do sofrimento do povo em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

## **Insensibilidade da igreja e dos cristãos para com o sofrimento do povo**

---

*Com que nossas igrejas e os cristãos percebem a realidade do sofrimento do povo em todo o mundo?*

---

Encontramos cristãos que partilham o sofrimento do povo e trabalham para este na Coréia, nos Estados Unidos e no Brasil. Deveríamos, contudo, confessar e nos arrepender do fato de a igreja e os cristãos serem muito insensíveis ao sofrimento dos que estão próximos de nós. Será que a parábola do homem rico que negligencia a Lázaro não conta a nossa história? Nós deveríamos ser guiados pela sensibilidade de Cristo, que podia, a partir de um simples toque, falar da natureza do sofrimento da mulher que estava com uma hemorragia havia doze anos. Este é o ponto de partida para a *diaconia*, o serviço ao próximo sofredor.

## **A primeira tarefa *diaconal* da igreja e dos cristãos: alternativas e solidariedade para a reforma do sistema econômico global**

A responsabilidade das igrejas e dos cristãos em lidar com os problemas criados pelo processo da globalização é grande. De acordo com John Stott, a fé verdadeira traz em si o amor e o amor verdadeiro produz serviço. Hoje, face à nossa situação injusta, deveríamos proclamar a vontade de Deus revelada através da Bíblia e em Cristo.

As forças que defendem a globalização econômica enfatizam as demandas das empresas supranacionais para que as mesmas alcancem lucros altos. Elas também justificam o grande distanciamento entre ricos e pobres, que está aumentando mundialmente. Elas ignoram ainda os direitos dos trabalhadores e as necessidades do povo. As forças que lucram com a globalização insistem que não há alternativas. Contudo, sabemos que sua insistência é falsa. O desejo descontrolado e a insensibilidade, o amor a si mesmos e ao dinheiro as fazem ignorar o sofrimento do povo (ver 2 Tim 3.1-3).

Logo, nosso serviço mais importante é o de proclamar a palavra de Deus, a verdade, com espírito profético diante do mundo e despertar uma consciência adormecida com relação aos intentos da vontade de Deus. Os participantes, que durante a jornada pelo menos vislumbraram a vida dos *minjung* (os pobres e sem casa) à sombra da globalização, confirmaram que todos os cristãos devem fazer esforços comuns para reformar este sistema global injusto.

Esta é a tarefa não só das igrejas reformadas em nossos três países, mas de todas as igrejas em todo o mundo.

## **A segunda tarefa *diaconal* da igreja e dos cristãos: partilhar o sofrimento do povo e assistir em seu auto-sustento**

Os participantes concordaram que a reforma fundamental do sistema econômico global é uma tarefa central da igreja. Esta, contudo, não é um tarefa de curto prazo, mas um compromisso a longo prazo. Agora mesmo, nossos próximos vivem em desespero e privação; milhões estão morrendo. Logo a tarefa mais urgente é dar apoio espiritual e assistência material para atender suas necessidades.

Seria hipocrisia tentar reformar o sistema econômico global sem dar apoio concreto e urgente às pessoas que sofrem as consequências deste sistema.

Deus ofereceu o maná aos israelitas após o êxodo. Eles ajuntaram-no para sua alimentação. Este é o testemunho da Bíblia: “como está escrito: o que muito colheu, não teve demais; e o que pouco, não teve falta” (2 Cor 8.15, Ex 16.18).

O que Deus nos concede hoje é propriedade sua, que nos é confiada para uma boa administração.

---

*Logo, se há algum faminto e nu em alguma parte do mundo que vive ao lado de uma riqueza extravagante em outras partes, é uma situação insustentável de pecado perante Deus.*

---

Nossas igrejas deveriam conceder uma ajuda urgente aos pobres e fracos e fazer o melhor para aumentar sua esperança. Muitos *minjung* na Coreia e no Brasil estão ficando fora da rede de segurança social. As igrejas e cristãos deveriam prover um apoio sustentável. Um número grande de *minjung* brasileiros que se reuniram em um grande encontro de uma igreja pentecostal nos deu um bom exemplo de quantos pobres estão buscando desesperadamente ajuda material e espiritual.

Quando as igrejas e os cristãos evitam as faces dos *minjung*, eles também desviam seu olhar da igreja. Ao ajudar as pessoas, deveríamos pensar cuidadosamente em mais uma coisa para nos movermos da ajuda urgente direta para o fortalecimento de programas de auto-sustento, que são ainda mais importantes do que a ajuda direta. Também podemos pensar em apoiar projetos comuns, cruzando fronteiras nacionais, através da partilha de nossas experiências de missão junto aos *minjung*.

## **A reforma estrutural da igreja para a diaconia**

A idéia de reforma estrutural da igreja que fortalece a *diakonia* para mim não resultou desta jornada. É uma idéia que tenho há muito tempo. O problema que enfrentamos é que a idéia não se espalhou em todas as igrejas locais e entre todos os cristãos. Logo, uma das nossas tarefas é encorajar todas as igrejas e cristãos a confessar que as questões econômicas são questões de fé. Devemos transformar as finanças, as organizações, as instalações e a educação da igreja em entidades voltadas para a *diakonia* para evitarmos ser o rico que negligencia o Lázaro. Esta transformação é necessária para desenvolver uma rede diaconal de igrejas de alcance local, nacional e global.

## Finalizando

O diálogo se ajusta ao processo de reconhecimento, educação e confissão (*processus confessionis*) relacionando a injustiça econômica e a destruição ecológica, foi iniciado pelo 23º Conselho Geral da AMIR em Dezembro de 1997, em Debrecen. Em consonância com a reflexão teológica, espero que o diálogo seja uma oportunidade importante para as igrejas reformadas da Coréia, dos Estados Unidos e do Brasil aumentarem a unidade e a solidariedade para trabalharmos rumo a uma ordem econômica justa e para cuidarmos das pessoas que choram sob as engrenagens da globalização econômica.

Finalmente, espero através do diálogo fortalecer a cooperação da missão e da diaconia entre as igrejas coreanas e sul-americanas. À vista de uma enorme favela em São Paulo, pensei que um novo modelo de missão, baseado na partilha das experiências da missão social da igreja coreana, pode se tornar necessária.

## Questões para reflexão

1. Esta reflexão ajuda a olhar o impacto da economia global de uma nova maneira? Se sim, como?
2. Você concorda que as igrejas têm um papel ao abordar tanto as questões da política econômica oficial quanto da assistência direta ao pobre? Discuta o que isto poderia significar para sua igreja local.
3. Que evidência há em sua comunidade, estado e região do “crescente distanciamento entre ricos e pobres”? Qual o papel que as igrejas (e sua igreja, em particular) podem desempenhar ao abordar este problema?

Não há valor ético; somente ganância... Esta questão é um problema de poder. Mais dinheiro é sinônimo de mais poder. Precisamos pensar em alternativas para equilibrar deveres e direitos. Devemos encontrar formas de erradicar a pobreza e a miséria.

*Josué da Silva Mello, líder de igreja brasileira e participante do diálogo*

A igreja, neste momento, não tem respostas, mas temos a vontade para mudar.

*Israel Batista, economista, teólogo e membro do secretariado geral do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI), em fala no Brasil.*

---

## A ECONOMIA GLOBAL E A TERRA

---



Em cada país, os participantes do diálogo ouviram sobre a importância da terra e seu uso para o bem-estar das pessoas. Nos Estados Unidos, ouviram que 75% dos recursos naturais estão em terras controladas por indígenas e souberam das lutas dos índios americanos para manter sua terra face às pressões das corporações. Um dos palestrantes percebeu que um passo importante foi dado em 1997 quando as igrejas em Seattle assumiram o compromisso de estar do lado dos indígenas. Conseqüentemente, as igrejas desempenharam um papel importante na redução da exploração de terra e das pessoas. Os participantes do diálogo também debateram com executivos de corporações multinacionais sobre suas decisões de como usar a terra em outras partes do mundo (para o cultivo de café ou madeira).

**Da Zona Desmilitarizada, turistas olham o campo deserto na Coréia do Norte.**

Na Coréia o foco principal em torno do problema da terra foi político: a agonia que sentem todos os coreanos com relação à divisão de seu país. Para ajudar o grupo de participantes do diálogo a entender isso, os anfitriões coreanos planejaram uma viagem à Zona Desmilitarizada





Dois soldados guardam a terra; a mesa, onde as negociações para o fim da guerra da Coreia aconteceram, fica na linha divisória entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. O soldado uniformizado está na Coreia do Norte e outro, na Coreia do Sul. Abaixo, participantes do Encontro na Coreia

(DMZ) em Panmunjum, no começo da semana. Após uma viagem de duas horas, o grupo viu a densa área urbana de Seul dar espaço à ricas áreas agrícolas, e então, à medida em que se aproximava da DMZ, a uma terra vazia e desolada que não tem sido cultivada desde o fim da guerra da Coreia, há quarenta anos atrás.



# OS GIGANTES GLOBAIS



Para a maioria das pessoas, o elemento predominante da globalização é a forte presença das grandes organizações multinacionais em todos os países. Tanto na Coreia quanto nos Estados Unidos, os participantes do diálogo puderam visitar grande corporações e ouvir histórias triunfantes de sucesso; no Brasil, o grupo, para onde ia, viu cartazes, anúncios de TV e a presença de produtos internacionais em todo lugar.

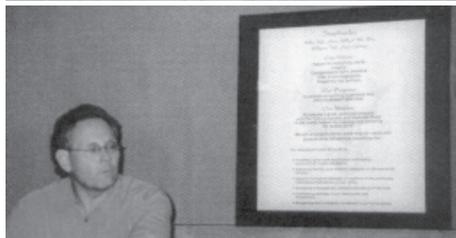
*“A confrontação econômica substituiu o confronto ideológico no cenário mundial.”*

(Seon-Won Park, Coreia do Sul)

Outra reunião teve lugar em austeros escritórios de uma central sindical, onde uma faixa que protestava contra o FMI proclamava a oposição dos sindicatos às condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional.

Coca-cola era freqüentemente servida, até mesmo durante uma refeição tradicional coreana.





No porto de Tacoma, tecnologicamente um dos mais avançados do mundo, o grupo viu o eficiente movimento de carga para o mundo inteiro. Um dos grandes e mais novos terminais era de propriedade da Hyundai, da Coreia.

Em muitos gabinetes das corporações americanas, os participantes viram a declaração de missão da empresa exposta de forma destacada. Enquanto os norte-americanos não se surpreendiam com isto, os brasileiros perceberam que os negócios estavam assumindo um papel reservado às igrejas. (Dave Olson da Starbucks com a declaração de missão ao fundo)

A Universidade Mackenzie, no centro de São Paulo, tem um currículo extenso que reflete as necessidades da economia global.

O SPEEA (sindicato dos engenheiros) estava em greve durante a visita dos participantes do diálogo. O grupo conversou com os administradores e também com os grevistas.

## E OS QUE “FICARAM PARA TRÁS”?



Em cada país, os participantes do diálogo visitaram programas que procuram ajudar pessoas a lidarem com o problema crítico do desemprego, da perda de moradia e assuntos afins. Estes programas eram algumas vezes patrocinados por igrejas, outras vezes por grupos políticos e outras ainda pelo próprio povo.

Na Coreia, o pessoal que trabalha nos diversos abrigos para os sem-teto falou sobre o aumento dramático na demanda por serviços sociais desde a crise financeira de 1997. A Igreja do Galileu, com um abrigo para vinte e cinco homens sem-teto, tem ajudado a iniciar moradias coletivas e agora oferece treinamento para trabalho. A Missão da Igreja de Seul junto aos *minjung* (pobres) inclui um ministério com operários, mulheres e crianças. Um abrigo de mulheres que serve a muitas vítimas da mudança econômica – as desempregadas, as abusadas e as que se tornaram viúvas por causa de suicídio – indicava que, devido à separação de suas famílias que estão na Coreia do Norte, o abrigo é o único lugar de ajuda.

A Igreja do Galileu abriga uma barbearia no domingo à tarde para novos imigrantes, a maioria do sudeste da Ásia, que vêm à Coreia em busca de emprego. A imigração dos que buscam um trabalho é um novo elemento da globalização.



Em Seattle um centro para os sem-teto, próximo ao mercado (Pike Market), apresentou os serviços oferecidos aos que ficaram para trás por causa da revolução tecnológica. Um criativo centro infantil habilitava jovens pais para trabalhar. Estes ministérios sociais podem perder seu espaço por causa da valorização de status da vizinhança. Terra, poder, dinheiro e poder político aí são as questões subjacentes.

No Brasil, uma **cooperativa de moradia** é um verdadeiro empreendimento conjunto, com organizadores políticos, um financiador responsável para dar andamento ao projeto, o governo doando a terra e assistência técnica e cada família contribuindo com 16 horas de trabalho por semana para construir sua própria unidade. O movimento de moradia é parte de um movimento maior que atua para influenciar a política pública e para lidar com questões de economia global. Sendo um **empreendimento de emprego**, a CORPEL, é uma cooperativa de reciclagem que tem garantido a seus membros uma renda regular, orgulho pelo seu trabalho e uma chance de melhorar sua quota, ao eliminar o intermediário entre os coletores e os compradores. Fundado por grupos de igrejas do Reino Unido, a CORPEL dá treinamento de trabalho, ensina responsabilidade e alfabetiza.

Elona Street-Stewart e um anfitrião local conversam com garotas em um abrigo para mulheres. Desde a crise econômica de 1997 muitos ministérios adicionais foram desenvolvidos junto aos sem-teto para atender as necessidades de pessoas outrora bem empregadas que, de repente, ficaram sem emprego e sem casa





Este prédio de cinco andares é parte de uma cooperativa de moradia planejada por 280 famílias na periferia de São Paulo e onde já moram 160 famílias.



Este casal, ambos membros da CORPEL, explicou de forma eloqüente como a cooperativa transformou suas vidas ao dar-lhes dignidade e esperança.

Trabalhadores e suprimentos para a construção em cooperativa.

Os participantes do diálogo sentados nas cadeiras disponíveis em frente às pilhas de materiais prontos para estocagem e reciclagem na CORPEL.



# A IGREJA EM SOLIDARIEDADE



Em cada país, os participantes do diálogo puderam ver o trabalho de igrejas locais e nacionais trabalhando em conjunto pelas vítimas da globalização.

Na **Coréia**, além de ouvir sobre ministérios específicos a indivíduos, os participantes do diálogo se uniram a uma manifestação nacional: uma corrente humana que se estendia por toda a Coréia do Sul até a DMZ, simbolizando o desejo de unificação das duas Coréias. Foi muito comovente ver rostos brasileiros e americanos se misturando aos coreanos.



Os delegados participam de um culto em uma das muitas grandes igrejas presbiterianas em Seul.

Membros da delegação se uniram na cadeia humana pela reunificação da Coréia.



Nos **Estados Unidos** um painel com líderes de igrejas tratou do testemunho da igreja em solidariedade com os pobres no protesto durante a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, poucos meses antes da visita.



Em uma reunião no centro de conferência LOMA, líderes de igrejas dos Estados Unidos discutem os temas da globalização, na visão dos participantes dos protestos na reunião da OMC.

Jan Cate, presidente da Church Women United (Mulheres da Igreja Unidas) do estado de Washington, aparece em sua roupa de tartaruga, usada no protesto contra a OMC contra a matança de tartarugas pelas redes de pescadores de camarão.



No **Brasil**, quando os líderes de igrejas participaram de um painel com economistas, lideranças do governo e homens de negócio para examinar os temas da globalização, os participantes do diálogo ouviram sobre as lutas pelos direitos humanos e condições de trabalho razoáveis. Além disto, testemunharam o trabalho com e em nome de pessoas sem teto, no campo e na cidade. Outra resposta ao desespero de muitos é a da Igreja Pentecostal que o grupo visitou, onde milhares pareciam fazer um estardalhaço com a simples mensagem de que Cristo pode curá-los.



Os participantes do diálogo se encontram com os líderes de uma cooperativa em um centro de apoio no qual aprendem que a educação do cidadão se concentra em temas básicos, como obter um recibo pelo aluguel pago (para não ser despejado).

A presença de políticos brasileiros e do Rev. Guilhermino Cunha, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (2000), na Universidade Mackenzie, enriqueceu o diálogo entre economistas, educadores e o grupo.

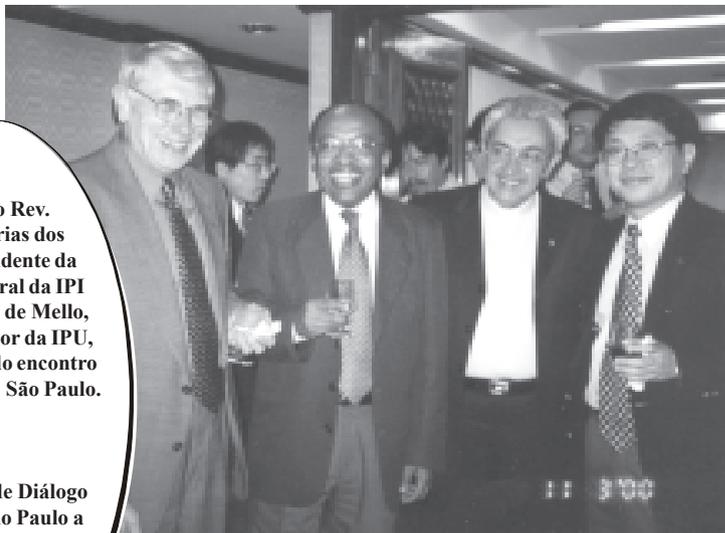
## A ECONOMIA GLOBAL E A TERRA



No Brasil, por cinco séculos a maior parte das terras pertenceu a muito poucas pessoas que frequentemente as deixam sem uso. Recentemente, alguns dos despossuídos reclamaram algumas destas terras e as transformaram em fazendas produtivas para o sustento da vida com dignidade.

No Brasil, o Rev. Leontino Farias dos Santos, presidente da Assembléia Geral da IPI, e o Rev. Josué de Mello, moderador da IPU, participaram do encontro em São Paulo.

O grupo de Diálogo visitou em São Paulo a Associação Evangélica Beneficente (AEB).





Os participantes do diálogo visitaram um cooperativa de trabalhadores sem terra em Itapeva, município em São Paulo.



Estes ricos campos foram cultivados pela “cooperativa de trabalhadores sem terra” em Itapeva, onde nos últimos quinze anos 350 famílias desenvolveram fazendas produtivas e 45 acres sustentam 350 famílias.

O gado é parte da produção agrícola diversificada em Itapeva.



Crianças voltam da escola nas terras da cooperativa. Atrás delas se vê a casa de uma família. Todas são construídas pelas próprias famílias.

Os  
participantes  
do diálogo  
receberam as boas  
vindas na Samsung,  
Coréia, por meio de  
um cartaz de alta  
tecnologia.



---

# REFLEXÕES AMERICANAS

---



---

# O IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NOS TRÊS PAÍSES

---



Elona Street-Stewart



**Elona Street-Stewart** – Igreja Presbiteriana - Estados Unidos PC(USA). Presbítera. A sra. Street-Stewart trabalha como membro dos programas de Ministérios Étnico e Racial e de Fortalecimento da Comunidade no Sínodo dos Lagos e Pradarias. Seu diversificado trabalho em educação inclui cinco anos com a Iniciativa das Crianças do Condado de St. Paul/Ramsey, presidindo a Comissão de Pais para Educação Indígena e dando apoio à educação de seus quatro filhos, com idades de 13 a 23 anos. Ela também é membro da diretoria do Conselho de Igrejas da região de St. Paul, do Departamento de Trabalhos Indígenas e Amigos da Biblioteca.

Começa com a terra. A história da globalização começou há séculos atrás, com o primeiro contato entre povos indígenas e comerciantes estrangeiros. O impacto desta atividade econômica surge sempre de baixo e nossas experiências, caminhando pelo solo de três países, confirmou isto. Nas Américas, desde que as potências econômicas começaram a cruzar o oceano, há 500 anos, a conseqüência para os povos indígenas foi devastadora. Eles foram os primeiros a pagar pela globalização com a morte de milhões por causa de escravidão e doenças trazidas pelos exploradores globais em busca de recursos e lucro. Como sua subsistência dependia do apoio da comunidade em equilíbrio com outras formas de vida na terra, os povos indígenas nunca pensaram em propriedade individual ou posse de pedaços de terra. O custo subsequente foi a perda de terra e de cultura. Hoje, a terra ainda está no centro dos seus problemas.

Ouvimos falar que a identidade dos povos indígenas está firmada em uma linhagem geográfica. Tempo, língua, parentesco, espiritualidade são realidades a partir da história da criação, de como ser um povo de um lugar determinado. Ainda assim, eles permanecem praticamente invisíveis. Vimos sua presença de forma mais reconhecível em nomes de lugares – *Tacoma, Seattle, Dakota, Minnesota* – enquanto, na maioria das vezes, sua realidade era discutida por causa de interesses históricos ou antropológicos.

Eles sempre foram comerciantes, mas o “posto de comércio” após o contato, se tornou uma indústria em expansão. Desde então, a diversidade de recursos dispo-

níveis para sustentar uma forma de vida do passado declinou, eliminando a auto-suficiência comunitária diante da produção comercial para mercados distantes. Os elementos básicos de sobrevivência foram eliminados, reduzindo o seu território e tornando sua viabilidade econômica muito frágil. A introdução de força militar resultou em alocação forçada, violência e abuso de direitos humanos. Os nativos eram vistos como obstáculos ao avanço da civilização e à obtenção de riqueza. Sua extinção era um objetivo econômico. Os diferentes conceitos de guerra, comércio, reciprocidade, aliança e soberania criaram uma enorme divisão de visões de mundo. No presente momento, fala-se de um choque inicial de valores.

De diversas maneiras, as companhias de comércio, proprietários de terra e investidores se tornaram tão invasivos e poderosos que os povos indígenas se transformaram em penhor de guerra nas estratégias de comércio de potências longínquas. Tanto na Ásia quanto nas Américas, indivíduos e companhias privadas eram agentes de governos coloniais, extraindo recursos de um lugar e enviando-os a outro para a produção.

---

*Infelizmente, a dominação técnica perpetuou a exploração e a dependência cresceu a partir da desigualdade.*

---

Eventualmente, os nativos foram incorporados pela colonização que avançava sobre a Ásia, África e as Américas. Geralmente, na medida em que crescia o assentamento imigrante, o posto de comércio se tornou a presença física das potências mundiais, consumada com bandeiras nacionais plantadas em solo indígena. Como uma indígena, posso na verdade ver os arranha-céus das corporações como as fortalezas de postos de comércio atuais. Espelhando o passado, a globalização aumenta a frequência de empreendimentos por consumidores estrangeiros em busca de terras, fronteiras econômicas, na febre do ouro biotécnico e retiros de imersão cultural dos dias de hoje.

Ouvindo as histórias de uma reivindicação de terra bem sucedida em uma tribo em Tacoma, percebi que a experiência contemporânea envolve um constante cruzamento de experiências do passado e do presente.

Os povos indígenas ainda estão por um fio entre as relações tradicionais e as modernas. A globalização fragmentou sua identidade: eles são economicamente pobres, embora ricos em valores culturais, constitucionalmente reconhecidos como nações soberanas, mas dependentes de assistência governamental. Da perspectiva cultural, o impacto no indivíduo não é tão significativo como na soberania da tribo ou nação. A identidade tribal é, conseqüentemente, a identidade preferida pelos indígenas para representar suas questões no mercado global de recursos naturais.

---

*Em todo lugar que estivemos, a máxima era a mesma: os povos indígenas buscam estar próximos à terra. Eles não procuram ser os primeiros, ter o máximo ou ser os maiores.*

---

Vimos para investigar como eles encaram as forças econômicas e políticas forjadas pelos investimentos modernos, acordos comerciais e a expansão de desenvolvimento comercial em áreas de reserva. Mesmo quando se fixam em áreas urbanas em números recorde (pelo menos 60% da população indígena americana vive fora das reservas; no Brasil, 50% dos indígenas vivem em áreas que se constituem menos de 2% das terras indígenas) e aumentam os vínculos com o mundo exterior, ainda assim, eles têm a terra como referência. A mensagem que eles querem que a comunidade religiosa ouça é que isto constitui uma harmonia espiritual. Quando a terra é desrespeitada, o bem-estar das pessoas é destruído.

Contudo, qualquer extinção antecipada de povos indígenas é ilusória. Enquanto a harmonia tradicional entre terra, vida e orientações sagradas está em perigo, o novo habitat social é crescentemente diversificado por alianças políticas nacionais e internacionais, vitórias bem sucedidas nos tribunais e o uso de tecnologia, pesquisa e comunicação pelo povo comum. Seu número está crescendo e uma nova identidade como povo indígena do mundo está emergindo.

Há uma polaridade da pressão econômica direcionada aos povos indígenas. Simultaneamente, os indígenas sofrem e exercem esta pressão. Na fricção entre estes dois contextos, é gerada a resistência. Vimos isto mais claramente definido em Seattle na descrição dos protestos contra a OMC. Procuramos mais informação com base em atividades que acontecem nas Américas do Norte e do Sul, na África e na Austrália, mas ficamos desapontados porque as principais apresentações não abordaram questões indígenas e ambientais como sendo críticas para a economia global.

O centro das agendas políticas manifestadas por grupos indígenas está em manter sociedades com estilos de vida culturalmente apropriados e definir fronteiras em seus próprios termos por grau de contato, com o direito de exercer poderes inerentes de auto-governo. Embora situações variem de continente para continente (reservas na América são comunidades de terceiro mundo em nações do primeiro mundo), os seguintes princípios são expressos com mais frequência:

1. Os acordos deveriam proteger seu singular direito à terra, água e vida selvagem.

2. Deve haver um reconhecimento e proteção dos direitos para continuar a prática nativa de sustento, incluindo a capacidade de produzir, consumir ou comercializar alimento tradicional e tecidos.
3. Deve haver o direito de manter os valores culturais e a língua.
4. O tratado/acordo deveria dar apoio em questões de transferência de propriedade para a jurisdição nacional ou estadual, se ela assegura uma proteção maior da soberania indígena.
5. Os povos indígenas devem participar no desenvolvimento de políticas nacionais que afetem a mudança no uso da terra para o desenvolvimento comercial e áreas recreacionais.
6. Os povos indígenas se opõem ao patenteamento de fontes de vida – sementes, células e genes – como sendo uma injustiça espiritual.
7. Eles buscam remuneração pela pesquisa biotécnica em seu território.
8. Eles buscam status de igualdade como participantes na análise do impacto sócio-ambiental nos acordos internacionais de comércio.
9. Suas políticas advogam a proibição de qualquer alocação involuntária de pessoas.
10. Os povos indígenas buscam educação no que se refere à soberania, direitos constitucionais e responsabilidade de custódia.

Para os povos indígenas, a questão mais urgente para o futuro é ter um fórum separado para suas próprias questões, porque ninguém mais pode falar por eles. Eles têm sido tratados como objetos por toda a história e, na medida em que recuperam seus costumes tradicionais, é importante que eles mesmos tomem providências e relatem sobre o impacto da globalização econômica. Os indígenas têm sido excluídos dos atuais debates sobre comércio e intercâmbio comercial e devem ser reconhecidos como um partido legítimo em ações de defesa destes direitos.

Na medida em que o mundo se torna menor e mais populoso, os povos indígenas serão a voz de um desenvolvimento alternativo e de uma tecnologia baseados em relações equilibradas e não em lucro e competição.

## Questões para Reflexão

A globalização tem o potencial de aumentar a interdependência humana e de produzir uma riqueza maior... Mas por que isto [o aumento da distribuição de renda] não está acontecendo? Basicamente, este é um problema de diferenciais em educação. (...) A idéia de um plano de desenvolvimento nacional é importante e deve ser desenvolvida para ser inserida na economia global.

*Emerson Kapaz, engenheiro civil e deputado federal brasileiro.*

Por que há tão pouca discussão sobre exclusão e meio ambiente em debates sobre a globalização? Qual é a visão de mundo dos que convivem com estes problemas?

*Dr. Jung Mo Sung, teólogo católico de origem coreana, falando em português em um simpósio na Universidade Mackenzie, São Paulo.*

1. Foi esta a primeira vez que você pensou no impacto da globalização sobre os povos indígenas? Se foi, por que será? Se não, por que estas questões chamaram sua atenção?
2. Por que as questões-chave para os indígenas são muitas vezes enquadradas dentro das questões ambientais? Isto perpetua o estereótipo de que eles são apenas uma parte da paisagem, como outros recursos naturais? Explique sua resposta.
3. Com o crescimento da globalização econômica, os indígenas seriam capazes de exercer sua soberania e viver em comunidades culturalmente específicas? O que você pensa sobre o impacto que isto teria na comunidade majoritária?
4. Que ação a igreja pode realizar para apoiar as preocupações dos indígenas em sua reivindicação por terra? A igreja deveria se envolver com isto? Por que, sim ou por que não?

---

# ECONOMIA GLOBAL – LIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

---



Heidi Hadsell do Nascimento



*Heidi Hadsell do Nascimento – Igreja Presbiteriana (EUA). A revda. Dra. Heidi Hadsell do Nascimento atualmente trabalha como diretora do Instituto Ecumênico Bossey, Cêligny, Suíça, e recentemente foi nomeada presidente do Seminário Hartford, em Hartford, Connecticut. Em 1988, trabalhou no Seminário Teológico McCormick, onde atuou como professora de ética social e reitora da faculdade. Como estudiosa da ética social, entre suas áreas de interesse especial se encontra a reflexão ética sobre temas econômicos, especialmente nas relações entre norte e sul. A Dra. Hadsell viveu e ensinou por quase dez anos no Brasil. Ela é original de Berkeley, Califórnia.*

Em uma época caracterizada por uma vida econômica que ultrapassou as fronteiras nacionais e que tem um alcance cada vez mais global, a educação teológica deve se tornar intencionalmente mais internacional e mais ecumênica. A vida econômica global é parte do contexto do ministério pastoral local nos Estados Unidos, na Coréia, no Brasil e em toda parte, e a informação e reflexão sobre a economia global devem estar incluídas no currículo. A relevância da economia global se estende a todo o currículo de educação teológica e, de modo algum, está limitada apenas às áreas diretamente relacionadas com a pesquisa e a reflexão pertinentes a questões colocadas pela economia global.

## Elementos para ponderação

---

*É evidente que a vida das igrejas locais e das comunidades em todo o mundo está sendo re-estruturada pela dinâmica da economia global.*

---

Esta dinâmica, embora poderosa e difundida, não é facilmente discernida em contextos locais, a menos que a pessoa seja treinada para isto. Se uma pessoa não aprendeu a pensar a respeito da economia global e das formas pelas quais ela

molda as economias locais, ela não pode reconhecer o seu papel nesse nível. Os efeitos da economia global podem se manifestar em desemprego, na medida em que o trabalho se desloca para outras regiões e nações. Os efeitos podem se manifestar também nas taxas de juros para empreendimentos que precisam emprestar dinheiro, na popularidade de determinados produtos, na necessidade de certos tipos de educação para se entrar no mercado de trabalho e assim por diante. Esses efeitos têm muitos desdobramentos e, com frequência, não são tão óbvios, como os exemplos que citei acima. Os pastores precisam ser treinados para entender os efeitos em larga escala das forças econômicas sobre as comunidades locais a fim compreender as vidas de suas ovelhas. Eles também precisam entender estas forças para ajudá-las a compreender suas vidas do ponto de vista econômico, já que muito das formas de vida e escolhas dos habitantes de uma localidade é configurado por forças globais, não plenamente percebidas ou compreendidas. Finalmente, sem tal conhecimento, os pastores estarão menos equipados para ajudar suas ovelhas a agir ou fazer escolhas precisas e bem informadas, tanto individuais quanto coletivas.

Mesmo quando é bem compreendida a influência da dinâmica global sobre as estruturas da vida local, a reflexão teológica e ética podem facilmente confundir uma avaliação moral dos efeitos locais desta dinâmica com a avaliação moral dos próprios processos globais. A menos que haja cuidado ao se avaliar a economia global com base em seus efeitos locais, pode-se chegar a um tipo de lógica que resulte em uma moral grosseira, equivalente à antiga frase “o que é bom para a General Motors é bom para os Estados Unidos.” Ou seja, se nossa economia local está se beneficiando da dinâmica econômica global, deve ser bom para todos. Em uma economia global complexa, uma avaliação global adequada não pode estar baseada apenas em observação local. Na verdade, pessoas em todo o mundo sofrem os efeitos de uma economia global que funciona de tal forma que os Estados Unidos e outros países ricos são os beneficiados. Em uma economia global deste tipo, não se pode concluir que os resultados morais sejam neutros.

Por tais razões, é essencial que educadores teológicos se comuniquem através das fronteiras nacionais e comunitárias. Uma reflexão internacional comum e a partilha de informações sobre as dinâmicas da economia global, que atingem cada país e comunidades de forma diferente, vão ajudar a corrigir a natureza provinciana e centrada em interesses próprios da reflexão moral e teológica elaborada como resposta à experiência de apenas uma igreja ou comunidade. Ajudará também os estudantes de teologia a entender de forma mais completa e concreta a exigência ética de amar o próximo como a si mesmos.

Enquanto muitas dinâmicas da economia global atingem comunidades, regiões e países de forma diferente, existem também aquelas que parecem ser comuns a muitos países. O crescimento do consumismo egocêntrico é, por exemplo, comum a muitas culturas.

---

*É como se ao redor do mundo, milhões de cidadãos e seus líderes chegassem à conclusão que a economia de mercado é que define a vida humana e que no fim das contas devemos todos concordar com o pressuposto do mercado de que somos o que consumimos.*

---

Esta lógica guiada pelo mercado, conectada de muitas maneiras com as dinâmicas da globalização, merece uma reflexão e uma análise comuns que ultrapasse as fronteiras nacionais, denominacionais e até religiosas, na medida em que procuramos encontrar o seu significado e desenvolver respostas apropriadas para ela.

---

*Nenhuma pessoa de fé pode deixar que esta lógica e auto-compreensão sejam a última palavra para definir o significado da vida humana.*

---

A tentativa de entender e responder aponta claramente para a necessidade da educação teológica hoje ampliar seu diálogo a fim de incluir não apenas aqueles que pertencem à sua própria tradição, mas os de outras tradições cristãs e lugares e, certamente, pessoas de outras convicções religiosas.

A dinâmica econômica global tem sido e continua a ser influente na transformação das relações tradicionais entre as igrejas. Hoje, por exemplo, os ministros das cidades frequentemente têm muito mais em comum com outros além das fronteiras nacionais e internacionais do que com as igrejas de sua denominação, em subúrbios ou áreas rurais. A educação teológica pode construir sobre estas afinidades e pontos comuns naturais para que os estudantes de muitos lugares possam aprender de um ministério efetivo em lugares que outrora pareciam muito distantes e diferentes. Evidentemente que os pastores têm muito a ensinar uns aos outros e muito a ganhar ao partilhar criatividade e energia para suas tarefas muitas vezes desencorajadoras. Tais experiências de aprendizado transnacional e transcultural enriquecem a compreensão do ministério em situações locais bem como nossa compreensão usual da missão da igreja.

Embora as dinâmicas econômicas globais muitas vezes nos aproximam mais, elas também atuam com frequência de forma oposta, lançando-nos para mais longe, à parte. Em um mundo que, pela interação global, se tornou pequeno, todos nós precisamos viver próximo a pessoas que parecem muito diferentes de nós e nos comprometer com elas. Na verdade, a diferença – sua existência e o que fazemos com ela – é um tema ético de grande importância para o século XXI. Assim, as experiências das igrejas se multiplicam bem como suas abordagens do ministério e dos temas de reflexão teológica. As igrejas cristãs na Ásia, por exem-

plo, pensam sobre o que significa ser cristão em um contexto em que muitas vezes são uma pequena minoria religiosa. Os protestantes brasileiros refletem sobre como incluir a cultura brasileira na identidade protestante. Enquanto isso, muitas igrejas norte-americanas procuram definir e acentuar os limites entre cultura e cristianismo. A reflexão em comum sobre experiências específicas em uma mesma tradição é criticamente importante e muito relevante para estudantes de teologia que estão no processo de apropriar esta tradição. O que é isto que nos une em meio às dinâmicas globais que parecem nos separar? Como a experiência de uma parte da igreja afeta a identidade de todo o corpo? O que significa a reivindicação moral de uma parte da igreja em um contexto específico sobre o restante da igreja?

Embora as forças e dinâmicas econômicas sejam centrais ao forjar nossas vidas no século XXI, a educação teológica não pode esquecer outros atores que podem ser também importantes parceiros de diálogo. Encontra-se, por exemplo, em todo o mundo, o crescimento de um movimento de base internacional que entende e trabalha efetivamente por meio de alianças e ação internacionais. Isto ficou claro em Seattle e nos protestos que aconteceram durante a reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC), em novembro de 1999. Isto é evidente também em outros eventos, tais como os que envolveram as deliberações sobre a extradição do ex-presidente e ditador Augusto Pinochet. A internacionalização de muitos movimentos locais de base é parte do contexto do ministério local. De fato a igreja, ela mesma local e global em seu alcance, é, como parte de seu testemunho ao mundo, muitas vezes, parte integral de tais movimentos de base.

---

*A educação teológica não necessita apenas pensar mais internacionalmente, mas necessita ser mais internacional também.*

---

Em educação teológica não há ou não deveria haver mais centro e periferia. Os estudantes e professores da América do Norte e da Europa têm tanto a aprender com estudos na Coreia e no Brasil ou em qualquer lugar, quanto aqueles estudantes ou professores que vão para os Estados Unidos. Em cada caso, a pessoa que está entre outras da mesma tradição, mas vem de um lugar e cultura diferentes, aprende a pensar a partir desta tradição de diferentes maneiras. Desse modo, ele ou ela aprende sobre novos aspectos e potencialidades daquela tradição, como também sobre os limites do seu próprio entendimento dela.

O benefício mais importante de um estudo internacional para os indivíduos envolvidos e para a vida de nossas igrejas é que, com o tempo, as amizades estabelecem raízes e, na medida em que isto acontece, é criado um espaço que não existia antes. Ele não é nem meu nem seu, é nosso. Isto capacita para um distanciamento comum do lar, um esforço comum em entender o outro, uma tentativa comum de abrir-se ao questionamento do pensamento e da situação próprios. Esta reflexão, baseada em amizade, pode ser importante na análise da dinâmi-

ca econômica global. Então pode-se, por exemplo, começar a reavaliar a dinâmica econômica global não só à luz da experiência própria, mas da do outro também. Por exemplo, o que é benéfico em termos de finanças globais e dinâmicas comerciais para uma comunidade nos Estados Unidos pode não ser igualmente benéfico para uma comunidade no Brasil podendo ser, de fato, claramente prejudicial para ela. Os cristãos não podem escapar do imperativo de pensar ética e precisamente sobre tais dinâmicas e situações. As amizades e as relações durante a faculdade somam à complexidade e integridade de nossas respostas. No ministério, como em qualquer outra parte da vida, seja ética, teologia, economia, cultura e assim por diante, tudo vem misturado na pessoa ou nas pessoas, e não são separados em disciplinas bem definidas e esferas discretas de ação. No Brasil ouve-se políticos que pensam teologicamente; na Coréia ouve-se um economista refletir sobre a cultura; nos Estados Unidos uma executiva expressa valores morais pessoais. Vê-se e ouve-se estes atores expressarem grande paixão e interesse no assunto à mão, com uma consciência aguçada de tudo que está em jogo e visões fortes sobre onde a igreja deveria estar em suas sociedades. A educação teológica deve ensinar estudantes a serem parceiros dignos e informados no diálogo com esses atores, na medida em que nos empenhamos em uma busca comum por um futuro humano justo e sustentável.

Parte desse preparo está em ensinar os estudantes a pensar através de linhas disciplinares sobre assuntos tradicionais de educação teológica e a estender seus pensamentos a áreas como a economia, que nem sempre tem constituído parte do seu currículo tradicional. Parte da preparação está em ensinar os estudantes a ler os pressupostos econômicos, políticos e sociais de uma dada época, entrelaçados com textos teológicos clássicos, e convidá-los a trazer à tona seus próprios pressupostos e, importante, se envolver intencionalmente com o pensamento do século XXI – ciência, economia, pensamento político, ciências humanas – em diálogo. Muito freqüentemente, mesmo o pensamento teológico contemporâneo é implicitamente moldado por pressupostos não averiguados, não do século XXI, mas do século XIX ou XVI. Parece, muitas vezes, que os ancestrais teológicos que mais reverenciamos em sua época se engajaram exatamente nos tipos de diálogo que nós mesmos hoje não ousamos nos engajar.

Nossa falta de vontade em estar abertos a novos diálogos através das disciplinas e com novos atores históricos não reflete bem nossa herança reformada, cuja insistência é que não somos apenas reformados, mas estamos sempre nos reformando. Nem nossa falta de coragem é um bom presságio para a preparação de novas gerações de mulheres e homens chamados a conduzir as igrejas em um mundo complexo, globalmente interativo e mudando rapidamente.

## Questões para Reflexão

A ética precisa ser atualizada. No Mackenzie, estamos repensando o conceito de formação universitária e redefinindo nossos programas de graduação.

*Dr. Carlos Guilherme Mota,  
professor de história no  
Mackenzie.*

A busca pelo infinito significa encontrar Deus, não obter bens. Esta espiritualidade precisa ser incorporada tanto à sociedade quanto à economia. Esta é a tarefa evangelística. Devemos introduzir na sociedade a graça e a misericórdia de Deus. A competição é necessária no mercado, mas a graça e a compaixão também o são.

*Líder de igreja do  
Brasil.*

1. Como a vida e o ministério da igreja têm sido afetados pela economia global? Pense em três formas significativas que mostram como as questões que sua igreja enfrenta hoje são diferentes das de 1980. Examine cuidadosamente estas questões e discuta o papel da economia global em cada uma delas.
2. Os seminários teológicos deveriam ter a responsabilidade de preparar pastores para levar as congregações a tratar das questões de globalização econômica? Se acha que sim, que tipos de cursos isto implicaria? Tais cursos seriam úteis tanto para educação permanente como para os cursos de graduação?
3. Você concorda com a autora quando esta afirma que oportunidades educacionais internacionais são importantes? Como tal experiência influenciaria a vida de sua igreja e o ministério no país de origem de um pastor?
4. No mundo de hoje, quando tantos fazem viagens internacionais, como a igreja pode ajudar as pessoas a interpretar suas experiências para fortalecer a própria igreja e sua missão?

---

# A IGREJA GLOBAL ENCONTRA A ECONOMIA GLOBAL

---



Peter Arpad Sulyok



*Peter Arpad Sulyok – Igreja Presbiteriana (EUA). O Rev. Peter Arpad Sulyok trabalha como coordenador da Política de Testemunho Social da PC(USA). Como parte destas responsabilidades, ele coordenou o pessoal da força de trabalho da PC(USA) que desenvolveu a declaração política Esperança para um Futuro Global. Trabalhou anteriormente como pastor de igreja local. O Rev. Sulyok é graduado pelo Seminário de Princeton na área de ética cristã. Ele e sua esposa, Jeanine, têm três filhos.*

*A Última Imperatriz* – após delirantes apresentações em Nova Iorque e Los Angeles e antecipando sua abertura em Londres – esteve em cartaz no Centro de Artes da Casa de Ópera em Seul e eu tive a oportunidade de assistir. Que maneira de penetrar em uma representação sobre a história e a cultura da Coreia! Que paralelos com as penetrantes forças da globalização de hoje!

Chosun – a “Terra do Silêncio Matinal” – experimentava o colapso do sistema feudal tradicional assim como o imperialismo mundial via nela a porta de entrada para o Oriente. Japão, China, Rússia, Alemanha, França e a América se acotovelavam para ocupar esta posição. Retratada muitas vezes como a Evita da Coreia, a rainha Min (da Dinastia Chosun do século XIX) luta para fazer o que é melhor para Chosun, procurando conduzir seu país ao mundo moderno sem a perda da integridade, embora perdendo sua própria vida em meio a forças muito potentes para serem vencidas. Enquanto o povo de Chosun se aflige, lamentando seu assassinato, o fantasma da rainha Min se junta a eles, comprometendo-se a lutar pela nação contra todos os perigos futuros.

A Terra do Silêncio Matinal está sendo perturbada de novo, enquanto o processo de globalização atinge não somente a península coreana, mas também os Estados Unidos, o Brasil e todo canto e recanto no mundo inteiro. A globalização econômica, que envolve o movimento rápido de pessoas (incluindo a nós mesmos), dinheiro, cultura, informação e tecnologia, motivada na maioria das vezes pela maximização do lucro no mercado econômico, oferece tanto perigos quanto

promessas. Os elos globais e as múltiplas conexões vão aumentar ou diminuir a pobreza, o emprego, os direitos humanos e os riscos ao meio ambiente? O tempo dará as respostas para estas perguntas, quer haja perigo ou esperança na oferta e para quem será, embora os sinais lá fora apontem a direção que as tendências globalizantes estão tomando.

Em meio aos potenciais perigos e promessas, qual é – da perspectiva reformada – o papel da igreja nesta situação emergente? Viajar com membros das igrejas da Coréia, dos Estados Unidos e do Brasil convenceu-me da urgência que a igreja tem de olhar para estes sinais, ouvir as vozes que apontam para o que está acontecendo e fornecer uma análise crítica para interpretação. Afirmo que a igreja deve, com maior vigor e integridade, assumir esta tarefa sem fim: discernir o que é que Deus está fazendo para dar forma a um mundo mais justo e humano e engajar cada pessoa em um trabalho conjunto, para fazer isso. Mesmo assim, um perigo está à espreita nas sombras que se movem rapidamente, modeladas pela paisagem da globalização, em constante mudança.

O perigo de tornar-se um empecilho na história, apegando-se nostalgicamente a algumas imagens ideais de tempos passados e imaginando que eles ainda estão presentes, lamentando de forma confusa a passagem daquilo que já passou, está sempre presente na igreja. Este perigo existiu no tempo do reformador João Calvino, quando uma mudança política, econômica, cultural e social aconteciam. Não obstante, em meio às complexidades e ambigüidades morais do seu tempo, Calvino manteve uma abertura e confiança em Deus que lhe deram forças para, enquanto o pleno conhecimento dos tempos estava indefinido, distinguir a direção a ser tomada.

---

*Logo, o discernimento necessário para a igreja nestes tempos de rápida globalização se caracteriza pela abertura para descobrir uma nova compreensão do que significa ser igreja e confiar que Deus mostrará o caminho.*

---

## **O Desafio de Discernimento Engaja os Bancos das Igrejas**

Nem a responsabilidade e nem o luxo do discernimento podem ser deixados para a hierarquia da liderança ou para os órgãos que governam a igreja, muito embora eles sejam grandemente responsáveis por uma liderança criativa e catalizadora para o fortalecimento de ministérios que se empenham com a justiça. O desafio do discernimento começa nos bancos das igrejas – com a confissão da cumplicidade acrítica com as forças da globalização econômica que tentam e permitem uma aceitação fácil da injustiça, da perda de liberdades para alguns e dos riscos ao meio ambiente para todos – porque muitas vezes, aqueles dentre nós que

estão sentados nestes bancos, se beneficiam dessas mesmas forças que escravizam e enfraquecem outros. Lembremo-nos que a justiça não é algo fácil para a igreja, algo para o indivíduo apenas concordar. A ansiedade com relação à segurança econômica e o seu insaciável consumismo, pode facilmente levar ao medo e à ganância que, descontrolados, vão nos acomodar a um ambiente poluído. Podemos confessar isto pessoal e corporativamente, porque nossas instituições – das nossas igrejas até as corporações multinacionais – sofrem do mesmo temor ansioso e ganância. Como a igreja, que está incluída como parte do problema, partilha as boas novas? O discernimento começa com cada um de nós na medida em que concordamos quanto aos modos de obter benefício pessoal derivado das poderosas forças da globalização que, não sendo controladas, podem trazer danos ao nosso lar, a terra.

Ao viajar da Coreia pelos Estados Unidos para o Brasil, todo o tempo vendo, ouvindo e interpretando com os olhos e ouvidos da fé, a vida, sob variados aspectos culturais e político-econômicos, entre as três delegações surgiu uma realidade que colocou diante de nós uma exigência: a de que

---

*para partilhar a fé com cada um através fronteiras nacionais e denominacionais, precisamos entender, através do diálogo, como é interpretada a ação e a obra de Deus em cada lugar, para nos apropriar desta compreensão de forma significativa.*

---

O discernimento se move do banco da igreja para a reflexão sobre a ação de Deus na história a fim realizar os seus propósitos. Todos nós que viajamos e aprendemos juntos, partilhamos a história do propósito de Deus para a humanidade como foi revelada nos eventos bíblicos e proclamada em nossa vida de adoração diária, quando confessamos nossa esperança no cumprimento da vinda de Cristo, em quem encontramos motivação para buscar justiça e transformação social.

Nosso encontro evangelístico é motivado e envolve o discernimento de que Deus está agindo para realizar os seus justos propósitos no mundo. No contexto da globalização, nos três continentes, vimos evidências de que a globalização exclui uma parte do povo enquanto garante grandes lucros a uma minoria. Imensos fluxos de capital podem mover-se rapidamente para criar indústria e prosperidade em um ano, e fome e falência social no outro, na medida em que a busca por lucros maiores se dirige para a próxima localidade. Se foi um lar para mulheres e crianças excluídas e abusadas em Seul, um centro social e de saúde para idosos em Seattle ou o movimento dos trabalhadores sem terra em São Paulo, as ações de Deus na história foram interpretadas como sendo o Espírito trabalhando para incluir os que estão abandonados. Cada parada de nossa visita ofereceu novos vislumbres dos dolorosos efeitos da globalização sobre o povo de cada país, levan-

do-nos a perguntar: “Quando uma parte da igreja experimenta os dolorosos efeitos da globalização, como comunicar essa angústia para levar à justiça e transformação social?” Não foi difícil afirmar que quando viajamos em busca de um mundo melhor, em que não haja excluídos, viajamos com Deus.

## **Estamos Relacionados Uns com os Outros**

“Este é o meu corpo, partido por vós”. Estas palavras da instituição da ceia assumem um profundo significado quando as vivenciamos em outras línguas e culturas. O significado de estar em comunhão se estende ao corpo de Cristo para incluir nossas próprias igrejas locais em oração e trabalho, onde quer que estejam, ao mesmo tempo em que se estende para além das fronteiras nacionais em uma celebração pública da boa aliança de Deus com todo o seu povo. Deus escolheu o seu povo para estar em relação uns com os outros. Nossa experiência é a de que estamos relacionados uns com os outros.

Como coreanos, norte-americanos e brasileiros, descobrimos que nossa identidade é mais do que nacional e mais do que estarmos ligados somente por nossas denominações:

---

*a fé passa a ser experimentada como confiança nesta relação que se estende além de nós mesmos e é maior do que qualquer coisa que trazemos conosco.*

---

A igreja, em sua natureza ampliada, está em condição de ser o que mais se aproxima de uma comunidade de cuidado global que o mundo pode conhecer. É uma afinidade por meio da qual seus membros se relacionam uns com os outros como “irmãs” e “irmãos” e partilham de uma preocupação por quem está incluído e excluído devido aos efeitos da injustiça econômica e da degradação ecológica. Com esta posição no mundo, a igreja assume uma responsabilidade a mais. A fé não é só algo que acontece conosco, mas que vê o mundo de uma nova forma e a nós mesmos com vigor renovado, nesta nova relação com o próximo.

O grau de profundidade com que vivenciamos a confiança nesta relação pode ser medido pelo grau de responsabilidade que temos para com os outros, quando as histórias dos perigos e promessas são partilhadas e as necessidades aparecem. O problema do poder emerge enquanto ponderamos o que significa ser responsáveis em nossa relação com partes distantes do corpo de Cristo, especialmente quando uma parte está sofrendo e a outra está em condições de se expressar à vontade sobre isso. Certamente estamos conscientes da falha do cristianismo em transformar o mundo ou mesmo criar uma igreja perfeita. Aonde vamos para buscar uma igreja perfeita? Aonde vamos para solucionar o problema do poder e focalizar a responsabilidade? O que aprendemos com a cruz?

As maravilhas da tecnologia e da comunicação em nosso mundo globalizado permitem que as comunidades da igreja (como também outras comunidades) se interpenetrem e desafiem umas às outras mais rápida e facilmente do que em qualquer período da história. Quando há uma perseguição no Timor Leste, um e-mail que testemunha estes fatos pode instantaneamente ser transmitido. A igreja pode garantir acesso a conversações entre pobres e ricos, entre as comunidades étnica e racialmente minoritárias e as majoritárias, entre os sem poder e os poderosos. Deve-se dar atenção aos gritos de dor, bem como às análises sociais profundas, e a compreensão das estruturas políticas e econômicas deve acompanhar o pensamento. Por causa da natureza global da igreja, ela está em condições de apoiar um diálogo honesto sobre a redenção de Cristo e sua fidelidade no mundo. A partir do testemunho das pessoas comuns da igreja até a manifestação pública de órgãos governamentais, aqueles que têm poder estão em condições de expressar as preocupações dos que não têm voz ou acesso àqueles que têm poder. A responsabilidade com relação ao clamor dos que estão sofrendo vai refletir o poder como fidelidade e justiça.

## **Uma Conexão mais Profunda de Uns com os Outros é a Ordem do Dia**

As três semanas juntos em diálogo sobre nossa fé reformada e a economia global possibilitaram apenas o início de um esboço sobre as grandes complexidades de se viver juntos em um planeta pequeno. O tempo não nos permitiu vivenciar e refletir sobre como a economia global afeta as pessoas em toda a terra, e como podemos tomar conta do meio ambiente de forma mais sábia. Muito do nosso tempo se concentrou no que se requer para alcançar condições econômicas moralmente equitativas para o povo de cada nação. Se aprendemos alguma coisa no tempo em que estivemos juntos, foi sobre a profunda complexidade das questões e a necessidade da igreja se posicionar. Devemos escolher de que lado estamos, pois testemunhamos injustiça e sofrimento imensos em nossos quintais e nos quintais de nossos vizinhos. A questão fundamental hoje é compreender o problema ético. Pode ser que a nossa igreja não tenha uma solução final para todo o sistema, mas podemos reconhecer e utilizar a sua capacidade de desafiar a injustiça quando e onde quer que ela ocorra. E isso pode ser suficiente. A injustiça e o sofrimento colocam em perigo nosso planeta como um habitat para as gerações futuras e devem acabar.

O arrependimento é uma palavra confortadora, especialmente quando se é confrontado com a compreensão das igrejas parceiras, com os clamores e necessidades do mundo e, acima de tudo, com as demandas e as realidades do evangelho ativo no mundo. Esta é a realidade da igreja na qual vivemos e nos movemos e temos a nossa existência, sendo fiéis.

---

*A fidelidade requer que aprofundemos nosso sentido da vida juntos – nossa solidariedade para com o outro, ao contrário do confronto com ele – para atingirmos o objetivo que é aquela conexão mais profunda com cada um e que está na ordem do dia.*

---

Conexão significa comunicar os sofrimentos uns aos outros e ouvir, para então clamar por justiça quando necessário, chamando a atenção dos que têm poder (ou que têm acesso aos que estão no poder) para a responsabilidade de um testemunho que faça a diferença. A missão é a essência da própria igreja: ou nós temos uma mensagem de Deus para o mundo ou temos um empreendimento duvidoso.

Em nossas visitas e conversas, afirmamos que o cristianismo oferece uma alternativa esperançosa e saudável para o consumismo materialista, o individualismo solitário e o desespero moral que testemunhamos nos três continentes e que foram ampliados pela globalização econômica. Com Calvino, queremos reivindicar que a economia é uma estrutura social para o corpo de Cristo – ou professamos o corpo de Cristo ou professamos qualquer outra coisa! O cristianismo pode oferecer responsabilidade a partir de baixo, com a qual as pessoas nas bases, nas igrejas locais, mais próximas aos clamores das vítimas excluídas das promessas da globalização, chamem a atenção dos responsáveis por este sofrimento. Oferecemos a visão de uma igreja que trabalha em parceria e partilha a responsabilidade mútua em discernir a injustiça econômica, a degradação ambiental, a perda dos direitos humanos e chama a atenção dos que têm responsabilidade, reivindicando que aqueles que causam dano ao seu próprio povo ou a outro, bem como ao meio ambiente, carecem de uma teologia que ensine que eles não têm liberdade para danificar o que pertence a Deus.

## Questões para Reflexão

1. Pense no desafio que o autor apresenta: discernir o que Deus está fazendo para criar um mundo mais justo e humano e engajar cada um em um trabalho conjunto para que seja assim. Quais são as atividades, eventos ou projetos de sua comunidade que parecem qualificados como formas pelas quais Deus está utilizando as pessoas para criar um mundo mais justo e mais humano?
2. Como você avalia o custo para os outros dos benefícios que você recebe da globalização? Você pode começar fazendo uma lista dos benefícios que você reconhece, tentando rastrear como cada um chegou a você.
3. Quais experiências os membros da sua igreja, como indivíduos ou através de contatos missionários ou com membros internacionais convidados, têm que aumentou a sua consciência acerca dos diversos impactos da economia global?
4. O autor afirma: "A questão fundamental hoje é compreender o problema ético." Como você define especificamente o "problema ético" da globalização? O que pode fazer a sua congregação para tentar compreender isto?
5. O desejo de segurança econômica e bens de consumo e o medo de não ser "bem sucedido" constituem preocupações comuns dos cidadãos no mundo moderno. Como podem nossas igrejas ajudar a colocar essas preocupações em perspectiva adequada para ajudar a nos transformar em cidadãos responsáveis no mundo global?

Na China, o objetivo das companhias não é bater nas crianças que trabalham em suas fábricas, mas apresentar lucro. O fator mais importante para as companhias é a remuneração. Os administradores recebem números e a ordem de alcançá-los através dos meios que forem necessários. Isto significa cortar custos, mais horas, cortar benefícios e empregos.

*Faith Wilder Grothaus, um consultor de negócios americano.*

Estes princípios de alguma forma estão em conflito com o modelo e o objetivo corporativo de se criar valor acionário como o mais alto objetivo... Deve haver um equilíbrio de interesses para quatro grupos: países, empregadores, consumidores e acionistas." (Dito após ouvir os dez princípios da companhia que pareciam totalmente idealistas).

*Ron Bergelink, diretor de programas internacionais da Divisão Comercial de Aviação da Boeing, Seattle.*



---

# **REFLEXÕES BRASILEIRAS**

---



---

# O MOVIMENTO DOS SEM-TERRA: SOBREVIVÊNCIA E DESAFIOS

---

Eduardo Galasso Faria



*Eduardo Galasso Faria – Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI). O Rev. Eduardo Galasso Faria é professor de História do Pensamento Cristão desde 1977, bem como de Teologia, Hermenêutica e Liturgia. “Envolvido com a formação de estudantes de teologia, tenho procurado despertar a consciência social como testemunho de Jesus Cristo em uma sociedade em que 25% da população está excluída das decisões políticas, vivendo abaixo do nível de pobreza. A teologia dialética de Karl Barth e a Teologia da Libertação Latino-Americana tiveram grande influência sobre mim.” O Rev. Galasso também é encarregado das Publicações João Calvino, do Seminário Teológico de São Paulo.*

As três semanas vividas pelo grupo de estudos sobre “A Igreja Reformada e a Globalização – um Diálogo” foram bastante ricas, e delas quero destacar a experiência que tivemos com a visita feita a um Assentamento Rural dos Sem-Terra, no interior de São Paulo, entre 10 e 16 de março de 2000. Examinada de perto e em uma perspectiva mais ampla, acredito que ela possa mostrar:

- a) em primeiro lugar, como em situações humanas marcadas pela realidade do desemprego, da falta de moradia e da pobreza, pessoas em situação de exclusão social, quase sem perspectivas de saída, puderam se articular de forma criativa, solidária e desafiadora, a fim de preservar a vida e enriquecê-la, rejeitando um suposto destino que lhes foi imposto;
- b) em segundo lugar, como uma experiência desse tipo, muitas vezes tratada como suspeita pela mídia do país, ao ser examinada à luz de nossa tradição reformada e, em especial dos escritos de João Calvino, pode abrir perspectivas elucidativas de solução com relação aos sérios problemas que têm sido agravados em tempos de globalização da economia.

Minha intenção é verificar os dados sobre o que considero um movimento de luta pela sobrevivência e dignidade entre os excluídos para notar como, ao ser analisada em profundidade, essa experiência pode, em certa medida, coincidir com aquilo que, dentro do pensamento reformado acerca da propriedade e o uso das riquezas, a partir do testemunho bíblico, aponta para sinais do evangelho como vida abundante já no presente.

## Assentamento dos Sem-terra

Nossa visita foi planejada com a finalidade de conhecermos uma área rural no município de Itapeva, no interior do estado de São Paulo, na região sudeste do Brasil, que acomoda 350 famílias de agricultores que receberam, cada uma, a pequena área de 7,5 alqueires de terra para produzir e ali viver. Na verdade, esse é um assentamento já estabilizado, que iniciou sua luta pela terra há 17 anos atrás e que, juntamente com outros 1.500 no país, abriga cerca de 150.000 famílias de agricultores pobres.

Antes de prosseguir, seria bom ter uma visão geral da difícil situação econômica que o país vem atravessando. Os dados mostram que atualmente 57 milhões de brasileiros (35% da população) vivem na condição de pobreza (renda per capita inferior a US\$ 40). O Brasil, conforme relatório de 1999 das Nações Unidas (PNUD) é o país que apresenta “maior concentração de renda entre 174 nações.” Sua taxa de desemprego nas regiões metropolitanas é de 8,72%, ou seja, 6,5 milhões de pessoas em um total de 75,2 milhões de sua população economicamente ativa. As grandes propriedades rurais constituem 45% de toda a sua área (IBGE, 1996), sendo o segundo país do mundo em concentração da propriedade da terra. Dado significativo é o fato de que essa concentração fundiária aumentou nos últimos trinta anos, uma vez que em 1970 constituía apenas 39,5%. A luta pela posse da terra e pela reforma agrária é antiga. Por uma série de razões, a legislação brasileira desde o século passado até hoje favoreceu a acumulação de terra nas mãos dos grandes proprietários.

A questão da redistribuição da terra tornou-se aguda nos últimos 50 anos e, por isso foi organizado, na década de 70, pelo governo brasileiro, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Por outro lado, foi nos anos 80, após quase vinte anos de ditadura militar, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), com o apoio de sindicalistas, políticos de esquerda e da Igreja Católica, se organizou. Desde então, passou a reunir os agricultores pobres, fazendo as primeiras invasões de terras improdutivas para pressionar o Governo, a fim de que realizasse a reforma agrária. O movimento passou a cuidar também do assentamento das famílias e criar cooperativas. Após preparar o levantamento das terras improdutivas em melhores condições para serem ocupadas, provoca a invasão e, então, desafia o Governo para negociá-las com financiamentos. Depois de algum tempo de ocupação e trabalho, o resultado é, sem dúvida, a melhoria na condição e na qualidade de vida dessas famílias.

Também os grandes proprietários se organizaram através da União Democrática Ruralista (UDR) e isso agravou um clima de tensão entre os dois grupos. A Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica, informa que em 1998 ocorreram no país mais de 1.100 conflitos pela posse da terra. Em 599 invasões foram envolvidas 76.482 famílias, tendo sido assassinados 47 dos sem terra.<sup>(1)</sup>

<sup>1</sup> *Almanaque Abril*. S. Paulo, Editora Abril, 2000.

Com o processo de redemocratização da política brasileira em 1985, o Governo começou a promover assentamentos de famílias pobres e, embora o número dos assentados tenha aumentado significativamente nos anos de 1995-98, sua ação é muito lenta. Os gastos governamentais com a reforma agrária bem como com a ação social têm sofrido cortes nos últimos anos. Existem 4,5 milhões de trabalhadores sem terra no país, enquanto o Governo se propõe a assentar 280.000 famílias. Muitas vezes, as negociações do Governo para comprar as terras dos fazendeiros que, antes dos trabalhadores, haviam ocupado as terras, são feitas em condições que favorecem aqueles. De modo geral, o planejamento agrícola do país tem estado mais voltado para a exportação, a fim de atender ao mercado mundial. A proposta atual do Governo (Novo Mundo Rural) é para que o povo, através do Banco Mundial, faça empréstimos para adquirir terras, o que parece praticamente impossível.

Diante desse quadro, o MST procura pressionar o Governo com novas invasões que por certo, serão ampliadas neste ano 2.000. O objetivo das invasões é realizar a reforma agrária invadindo terras particulares improdutivas que não cumprem sua função social, como estabelece a Constituição brasileira. Essa luta conta em seu histórico com acontecimentos que se tornaram notórios, como os 19 sem terra mortos no Massacre de Carajás, no norte do país (1996) e uma Marcha para Brasília, que, em 1997, chamou a atenção do país para a questão agrária. É provável que a luta pela reforma agrária represente hoje a principal forma dos trabalhadores brasileiros buscarem a democracia e o desenvolvimento do país.

## **Nossa Herança Reformada**

Pensei em relacionar o que vimos e discutimos em nossa visita com os ensinamentos da tradição presbiteriana/reformada. Como ela poderia nos ajudar a compreender as coisas que estávamos presenciando? Embora no mundo em que vivemos o poder da mídia, que muitas vezes está atrelada ao interesse dos poderosos, costume formar nossa opinião sobre os mais diversos assuntos, seria bom examinar como essa tradição tem tratado, em outras situações históricas, temas como o da propriedade, da origem e distribuição da riqueza e a questão maior, que está por trás de todas as outras e que trata dos efeitos da pobreza e da miséria na vida dos seres humanos.

Tratando de questões acerca da propriedade, pobreza e riqueza, uso dos bens materiais e confrontando-as com o relato bíblico, nosso mestre e reformador João Calvino pôde perceber e mostrar como os bens e a fortuna, na verdade, têm sua origem na abundância da graça de Deus para conosco. Essa maravilhosa constatação, entretanto, não o impediu de nos alertar, especialmente, para a forma como devemos usá-los. Como nos ensina o professor André Biéler, teólogo, economista e profundo conhecedor do pensamento do nosso reformador, se os bens materiais são sinais da graça de Deus, “é mister que eles sejam abundantemente derramados sobre todos os homens, sem exceção.”<sup>(2)</sup>

<sup>2</sup> André Biéler. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. S. Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 426.

---

*Na verdade, diz Calvino, é o pecado que destrói a harmonia econômica da criação e desorganiza a vida da sociedade, através do egoísmo, da cobiça, etc.*

---

Ao comentar o Salmo 37.21, ele menciona as consequências que podem advir dessa avareza: “Ainda que os infieis tenham bens a rodo, todavia, tão insaciável é a sua avareza que outra coisa não fazem senão por toda parte mais locupletarem-se, como piratas, sem terem nunca o de que satisfazerem-se. Entretanto, aos seus Deus dá não apenas de que atender as suas necessidades regulares, mas também de que ajudar ao próximo.”<sup>3</sup> Ou então, comentando 2 *Coríntios* 8.15: “Eis porque aqueles que possuem riquezas, seja que as tenham por direito de sucessão, seja que as tenham adquirido por sua diligência ou labor, dêem-se conta de que a abundância não se destina à intemperança ou dissolução, pelo contrário, é-o para ir-se ao encontro da necessidade dos irmãos.”

Calvino considera os ricos como despenseiros de Deus junto àqueles que têm menos. Considera-os ministros dos pobres. Procurando as razões para explicar a existência do pobre, conclui que ele é “vítima do pecado coletivo dos homens” ou “vítima social da anarquia que invade o coração humano e de suas repercussões econômicas”. Quando ajudamos a alguém, não é “o reconhecimento pelo bem que (Deus) nos faz,” mas “é como se a misericórdia de que usamos para com nossos irmãos a Ele próprio se endereçasse”( *Sermão sobre Deuteronomio* 15.11-15).

Por outro lado, prejudicar o pobre é “atentar contra o próprio Deus”, já que o seu ofício “é tomar a causa dos pobres”( *Comentário ao Salmo* 140.13). A repartição dos bens econômicos deve ser feita conforme a distribuição do maná no deserto, quando “a ninguém faltou para seu sustento” ( *Comentário de Êxodo* 16.13-16). Haveria riqueza entre os homens, se os ricos não se apropriassem da terra, da moradia e de outros bens dos pobres. Avançando mais, Calvino diz, de forma contundente, que, ao ver o próximo desfalecer sem procurar socorrê-lo, os ricos estão agindo “como assassinos” ( *Sermão sobre Mateus* 3.9-10).

No que se refere à compreensão acerca da propriedade, Calvino afirma que “Deus é o Senhor do universo”. Ele “é soberano mestre e senhor de tudo. Pense, portanto, cada um que é despenseiro de Deus em tudo aquilo que possui.” Também essa propriedade, que é dádiva sua, não deve ser improdutiva. Ela é a nós concedida “a fim de que produza ganho e lucro” e sua virtude consiste em “produzir fruto” ( *Comentário a Mateus* 25.13). Assim, fica claro que o direito à propriedade está condicionado ao serviço à comunidade.

Quanto à missão do Estado, bem ao contrário do que é apregoado hoje no mundo globalizado e pelo pensamento liberal, que abomina a intervenção estatal na economia, ela tem a ver com a responsabilidade pela vida social, a fim de que

---

<sup>3</sup> As citações de Calvino neste e nos demais parágrafos estão em *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, pp. 426-428,439,444,449,464, 496 e 497.

sejam evitados os abusos que o homem lhe impõe. Como o homem, por iniciativa própria, não faz a distribuição da riqueza, ensina Calvino que cabe ao Estado estabelecer uma ordem jurídica que assegure a propriedade privada de uns, bem como a parte dos bens a que todos têm direito.

É certo que Calvino se insurge contra qualquer idéia de abolição da propriedade, mas esta deve sempre servir à comunidade, pois, em seu entendimento, a propriedade é relativa. Daí a contemporaneidade de suas palavras sobre o ano sabático e o jubileu entre os israelitas. No maior de todos os sábados, o povo e a comunidade “deveriam nutrir fraternidade mútua, tanto assim como se fossem todos de uma só família. E porque Deus uma vez os libertara, para que fossem sempre livres, esta maneira de ver foi excelente para nutrir entre eles um estado médio que impedia que umas poucas pessoas tudo açambarcassem para oprimir a massa. Uma vez que, pois, se aos ricos fosse permitido aumentar sempre suas posses, teriam dominado de maneira tirânica, freou Deus todo poder excessivo mediante esta lei.” (*Comentário a Deuteronômio* 15.1). E ainda, “Por este meio proveu Deus à necessidade pública, veio em ajuda aos pobres para que não fosse oprimida a sua liberdade...” (*Comentário a Levítico* 25.8).

Por outro lado, se preferirmos falar do que Calvino praticou em sua estada em Genebra, suas palavras poderão adquirir um sentido muito mais pleno. E, como sabemos, para ele, a cidade, através de suas leis e administração, deveria espelhar, o quanto possível, o reino de Deus na terra.

## **Conclusão**

Importa continuar com o relato do que vimos e ouvimos em nossa visita. Na história do assentamento de Itapeva, os trabalhadores relatam o que fazem e como tem sido a sua história. A terra por eles invadida havia sido ocupada antes por

uma companhia holandesa e o Governo precisou negociar com ela para que eles ali pudessem se estabelecer.

Vimos as casas, a terra sendo preparada, as plantações, os animais. À chegada, uma rádio comunitária fazia transmissões. Uma pequena farmácia nos foi mostrada. Vários remédios são fabricados ali mesmo, a partir de plantas medicinais. Eles são mais baratos e mostram o esforço realizado para se desenvolver uma medicina alternativa.

Com a Confederação das Cooperativas da Reforma Agrária, criada em 1992, os assentamentos compram implementos agrícolas e estabelecem pequenas agro-indústrias. Por meio da cooperativa, cuida-se da produção, crédito e comercialização dos produtos.

O MST cuida também da educação de 95.000 crianças e, através de 5 escolas itinerantes, acompanha as dificuldades apresentadas pelas crianças que mudam dos acampamentos, acompanhando os pais.

Em nossa conversa com as mulheres, que em geral têm papel de destaque na liderança das comunidades, ouvimos depoimentos entusiasmados, apesar das durezas enfrentadas pelas famílias – morar debaixo dos barracos de lona, enfrentar o sofrimento com as prisões de familiares, etc. Mas, como disseram, “as prisões levam à luta e dão garra, e aí vem a coragem.” Elas queriam nos mostrar, com muito orgulho, os filhos e as casas que conseguiram construir (Nazaré). Falaram que o lema era ocupar-resistir-produzir. Ocupar e não invadir. “Ocupar é lembrar o Governo que existimos. Ficar na beira da estrada não resolve. Ocupar é se organizar e buscar algo que é da gente e que ninguém está utilizando.” “Ocupar é produzir não apenas arroz, mas vitórias e principalmente uma nova sociedade”(Márcia). Para uma outra delas, “Deus foi um revolucionário que andou pelo mundo e cada militante tem um pouco dele. Ele está conduzindo o povo para a terra prometida.”

## Questões para Reflexão

O Brasil, como outros países, nasceu em uma economia globalizada. A própria palavra “Brasil” vem do pau-brasil que era exportado. Logo, Brasil significa “exportar”... Nós possuímos uma área agrícola duas vezes maior que a da China, mas produzimos menos alimento para o consumo interno.

*Aloísio Mercadante Oliva,  
deputado federal.*

O programa de privatização do governo corta verbas dos programas de reforma agrária e o governo pressiona os grandes produtores agrícolas para atingir uma economia de escala, a fim de exportar. Tal política não estimula a pequena produção. A distribuição de renda implica em distribuição de terra. Concentração de renda e de terra equivale a concentração política.

*Porta-voz de uma  
cooperativa agrícola.*

1. Você conhece algum grupo de pessoas despossuídas como os sem-terra acima, que foram capazes de assumir o controle de suas próprias vidas? Qual o papel que a igreja deveria desempenhar com relação às atividades políticas necessárias para garantir o sustento (neste caso, a terra) dos despossuídos?
2. Você acha que continua válida hoje a crença de Calvino de que o estado deveria aceitar a responsabilidade de cuidar para que ninguém abuse economicamente ou de outra forma qualquer dos outros? Se você acha que sim, quais as mudanças que as igrejas deveriam estar pleiteando em nossa sociedade para estar em conformidade com os princípios de Calvino?
3. Você acha que a afirmação de Calvino de que “haveria riqueza entre os homens, se os ricos não se apropriassem da terra, da moradia e de outros bens dos pobres” se aplica aos dias de hoje? Se você concorda, o que as igrejas deveriam estar fazendo?
4. Discuta a afirmação de que “a propriedade deve servir sempre à comunidade” e pense no fato de que, com grande frequência, ela não é observada. Se esta fosse a regra geral em nossa sociedade, que mudanças deveriam ocorrer em sua comunidade?

---

# O IMPACTO DA ECONOMIA GLOBALIZADA NOS TRÊS PAÍSES: UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA

---

• • • •  
Rev. Clayton Leal da Silva



*Clayton Leal da Silva – Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. O Rev. Clayton possui mestrado em Ciências da Religião e é presidente da Secretaria de Educação Teológica da IPI, professor de liturgia e ecumenismo no Centro Ecumênico de Formação e Atualização em Liturgia e Música (CELMU) e é pastor da Igreja Presbiteriana Central de Botucatu. É casado e tem filhos gêmeos.*

O mundo já não é mais o mesmo como foi o dos nossos pais. Embora continue do mesmo tamanho, as distâncias ficaram pequenas por causa dos avanços tecnológicos. O planeta se tornou uma aldeia global. Ainda que os países continuem quase que os mesmos e a configuração política e militar não tenha sofrido grandes mudanças, com exceção do bloco comunista, os agentes de poder e força que comandam o nosso planeta estão em processo de mudança rápida. Estão passando das mãos de governos democráticos ou não para as mãos das grandes corporações que detêm o domínio do mercado financeiro do mundo.

Nas últimas eleições tanto nos países mais ricos quanto nos mais pobres do planeta, ficou evidente a submissão de partidos e candidatos à força do dinheiro das grandes corporações. Hoje, pela força da mídia, comprada a peso de ouro, a maioria da população elege o candidato que se submete aos interesses macroeconômicos de setores poderosos da sociedade. Esta é uma realidade nos três países visitados.

---

*Outro fato, que pode ser considerando semelhante, “mutatis mutandis”, é que a concentração de renda está aumentando sensivelmente a distância entre os mais ricos e mais pobres. O que se convencionou chamar de classe média, parece estar condenada a desaparecer.*

---

Nesta economia globalizada, está aumentando a injustiça na distribuição de renda, os ricos estão ficando milionários e os pobres estão ficando miseráveis. O processo da globalização pode estar criando uma sociedade insustentável.

Embora as fronteiras geográficas continuem existindo e em alguns lugares, muito bem vigiadas, como se pode constatar nos Estados Unidos na fronteira com o México, por causa da invasão de imigrantes ilegais, e na Coreia do Sul, por causa dos conflitos militares com a Coreia do Norte, para o capital financeiro, nesta economia globalizada, especialmente para os países mais pobres, as fronteiras nacionais estão desaparecendo completamente. O Brasil é um exemplo típico desta situação. A Coreia, “mutatis mutandis”, também. Por sua vez, os Estados Unidos, atualmente a maior força econômica do planeta, embora force outros países a eliminarem as suas fronteiras nacionais no setor econômico, quando lhe interessa, demarca muito bem as suas fronteiras internas, protegendo-as de qualquer tentativa de abertura. Esta é uma das grandes diferenças que se pode constatar nos três países. O Brasil e a Coreia são países cujas fronteiras econômicas deixaram de existir, de portas abertas ao capital e às empresas internacionais. Nos Estados Unidos, a situação é outra e severas restrições são impostas a produtos de outros países, com os quais as indústrias norte-americanas não conseguem competir, constituindo, assim, um país de portas fechadas.

Outra grande diferença entre os três países é que tanto o Brasil quanto a Coreia do Sul têm de organizar a economia interna debaixo de forte interferência de organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que, na verdade, ditam as regras econômicas que devem vigorar. Já os Estados Unidos organizam sua economia livre da interferência destes organismos internacionais, parecendo até mesmo comandá-los, fazendo com que suas restrições econômicas impostas a outros países possam estar a serviço do desenvolvimento da sua própria economia interna e externa.

---

*Às vezes, a presença das empresas norte-americanas é tão forte e as vantagens que levam são tão evidentes que se pode pensar em globalização como um eufemismo para americanização.*

---

Entre o Brasil e a Coréia do Sul, as semelhanças do que está acontecendo após a última crise econômica podem ser detectadas nos seguintes aspectos:

1. profunda crise econômica e um aparente período de recuperação, anunciado pelo governo, mas não sentido pelo povo;
2. a maioria das empresas está trabalhando na dependência de investimentos estrangeiros; na verdade, estão nas mãos destes grandes investidores internacionais, que podem, da noite para o dia, de acordo com os seus interesses, quebrar estas empresas, pela simples transferência de investimentos;
3. a maioria das pequenas empresas, responsáveis por milhões de empregos, foram à falência, durante e após a crise, e nunca mais voltarão a ativa, se persistirem as atuais condições políticas e econômicas. No Brasil, em torno de 55% dos trabalhadores estão fora da economia organizada, não recolhem impostos, não recebem nenhum benefício estatal e vivem numa economia de subsistência;
4. o desemprego está se tornando um gravíssimo problema social, que tem desmantelado as famílias e as estruturas da sociedade. No Brasil, a juventude está sem nenhum projeto viável de vida, não restando outras alternativas a não ser o caminho do vício, das drogas, da violência e do fundamentalismo religioso. Na Coréia do Sul, fiquei atônito ao ver pessoas que, ao perderem os seus empregos, não retornam aos seus lares e passam a viver nas ruas, por se sentirem envergonhadas e acharem que perderam a dignidade por não estarem mais empregados;
5. todos os governos, ao anunciarem as severas medidas econômicas impostas pelo Fundo Monetário Internacional ou outros organismos, pedem ao povo que tenha paciência e faça mais um pouco de sacrifício em favor do país. A palavra sacrifício é empregada corretamente neste caso porque, na verdade, quem está sendo sacrificado neste processo de globalização da economia é realmente o povo mais simples e já explorado ao extremo. No Brasil, em torno de 44 milhões de pessoas sobrevivem com menos de US\$ 1.5 por dia;
6. privatização das empresas e do setor público. No Brasil, mais de 76% do setor público já foi privatizado, a situação social do povo continua piorando e o índice de desemprego crescendo. As empresas privatizadas não têm projetos voltados à necessidade de sobrevivência do povo e nem de preservação ambiental, mas tão somente à ampliação do capital financeiro, colocando assim em risco não só a sobrevivência da sociedade local, mas, também, a própria sustentabilidade do planeta;

7. o Fundo Monetário Internacional exige crescimento financeiro, mas não fornece as condições para que tal crescimento possa ser alcançado. O marketing da globalização tem mascarado suas verdadeiras intenções e conseqüências, mantendo assim, entre a população brasileira, um excesso de otimismo quanto a seus efeitos. Numa pesquisa recente do Instituto Datafolha, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 23/4/2000, ficou demonstrado que 60% dos entrevistados pensam que o Brasil se tornará no futuro uma superpotência econômica. Na opinião dos entrevistados, os Estados Unidos, ocupam o primeiro lugar como país no qual o Brasil deve se espelhar para construir o seu futuro. Por sua vez, na Coréia, este otimismo de que o país venha a ser uma economia igual à dos Estados Unidos parece ter arrefecido depois da última crise financeira e da intervenção do Fundo Monetário Internacional.

De tudo o que pôde ser visto, e das palestras e visitas feitas nestes três países, ficou evidente que o impacto da globalização na economia dos países, especialmente, os mais pobres, apesar dos seus aspectos positivos, é injusto e excludente. E o que move os grandes conglomerados econômicos do planeta é a busca do lucro a qualquer custo e do domínio do mercado. Globaliza-se produtos, mas centraliza-se tecnologia, lucros e investimentos.

## Questões para Reflexão

1. O autor afirma que, no Brasil, aproximadamente 44 milhões de pessoas sobrevivem com menos de US\$ 1.50 por dia. É possível que alguém viva com dignidade com tais salários? Que ações as igrejas poderiam empreender para ajudá-las?
2. Quais são as conseqüências prováveis para o futuro do planeta se a riqueza está cada vez mais concentrada nas mãos daqueles que já são ricos, aumentando o número de pessoas pobres?
3. A maioria dos economistas e políticos considera que o processo de globalização econômica é irreversível. Você concorda com isso? Existem maneiras das igrejas (local, nacional e internacionalmente) trabalharem para dar uma forma mais humana à globalização, permitindo que mais pessoas vivam com dignidade?
4. Como cristãos somos chamados a participar da organização da vida em nosso planeta. A igreja deveria deixar o controle da economia exclusivamente nas mãos dos economistas e administradores de grandes corporações? Você acredita que existam ações específicas que as igrejas deveriam desenvolver?

O mercado vende o desejo e cria a ilusão da prosperidade. Ele cria uma cultura de violência através da ilusão de que um garoto brasileiro pode ter as mesmas coisas que os garotos de países ricos... A globalização cria desejos inatingíveis e isto gera violência.

*Rev. Clayton Leal da Silva*

*O mundo passa por uma grande explosão populacional. Mais de 200.000 pessoas são acrescentadas a cada dia. No entanto, uma criança norte-americana vai consumir 20 vezes mais que uma criança indiana. Isto não é sustentável. Não podemos imaginar 10 ou 15 Estados Unidos hoje.*

*Dr. Luiz Antônio Jóia,  
engenheiro civil e  
deputado federal.*

---

# A CULTURA DA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA EM TRÊS PAÍSES

---



Ulisses Louzada Mantovani



*Ulisses Louzada Mantovani – Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU). Presbítero, Ulisses Louzada Mantovani é um ex-estagiário do Conselho Mundial de Igrejas(CMI) que ajudou a organizar os cultos da 8ª Assembléia do CMI. Ele é graduado do Ciclo Universitário em Estudos Ecumênicos no Instituto Ecumênico de Bossey, Suíça. Possui mestrado em Ciências da Religião do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Universidade Metodista do Estado de São Paulo, SP, e é membro da Igreja Presbiteriana Unida de Campo Grande, em Cariacica, ES.*

Quando ouvi falar sobre o tema deste seminário itinerante, logo pensei: “será que vamos ficar três semanas falando só sobre economia?” Eu já havia assistido a alguns debates sobre o tema e a economia era colocada sempre no centro de todas as discussões. Parece que a globalização trata de um tema meramente econômico sem implicações políticas, ideológicas, comportamentais ou culturais. Eu penso de forma diferente. Em minha opinião, todos estes aspectos fazem parte da globalização, mesmo se estivermos pensando na globalização econômica. Daí a preocupação em ressaltar a cultura da globalização econômica. O que vem a ser, pois, esta cultura da globalização econômica? Para responder a esta pergunta é preciso que se saiba primeiro o significado da palavra “cultura”.

Um livro imenso poderia ser escrito só para responder a esta pergunta, mas como este não é o objetivo deste artigo, vou deixar que Frederico Mayor responda. No prefácio do Relatório da UNESCO sobre a Cultura Mundial – 1998, ele afirma que a cultura dá forma a nossa visão do mundo. A cultura é o elemento que nos ajuda a entender o mundo e a realidade que nos cerca. A cultura fala sobre o ambiente à nossa volta antes que nós mesmos falemos sobre este ambiente. A partir desta visão de mundo, formada pela cultura, nós interagimos com a realidade, a natureza e as pessoas.

Daí podemos tirar um elemento da nossa reflexão sobre a cultura da globalização econômica. Este primeiro ponto está relacionado com a hierarquia em que foram colocados os diferentes aspectos da vida. No topo está a economia e abaixo estão a política, a ideologia, a cultura, etc. Atualmente, tudo se move em torno dos capri-

chos da economia.

Na Coréia do Sul e no Brasil, falou-se muito no fim da autonomia nacional. Os dois países se vêem refêns do FMI que impõe as políticas a serem adotadas pelos respectivos governos. A prioridade destes dois governos se voltou para a estabilização e a reestruturação econômica, e as suas conseqüências foram, entre outras, o desemprego, cortes em gastos sociais e perdas salariais.

Os participantes do seminário tiveram a oportunidade de participar de um dos atos relativos à independência da Coréia. Fomos todos nos juntar ao povo coreano na lembrança daqueles que lutaram pela liberdade daquele país. No caminho para o local do evento, reparei em muitas coisas. Havia pessoas em trajes típicos, policiais armados e pessoas carregando faixas escritas em caracteres coreanos. Nestas faixas também pude notar a interferência de três letras do alfabeto ocidental. Estas letras eram F, M e I. Isto traduzia uma rejeição a esta cultura que põe a economia no topo de tudo e dá muito mais valor aos entusiasmantes indicadores econômicos e desconsidera os desempregados e sem teto, frutos desta situação.

No Brasil, vimos a experiência de pessoas cujo único objetivo era o de ter o seu pedaço de chão para trabalhar e viver. Isto aconteceu em Itapeva, SP, durante a visita a um dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Esta organização luta para que a reforma agrária transforme o Brasil. O MST acredita que a distribuição da renda nacional tenha de necessariamente passar por uma justa distribuição das terras brasileiras. De acordo com liderança daquele assentamento, o governo brasileiro também quer distribuir terras. Esta distribuição, no entanto, teria como beneficiários as agroindústrias internacionais. Mais uma vez, a apresentação de bons indicadores econômicos se torna mais importante do que a transformação de desempregados e outros excluídos da sociedade em donos de sua terra e seu destino.

O mesmo foi verificado na realidade norte-americana. Durante a nossa permanência em Seattle e os debates que aconteceram durante todo o seminário, ficamos sabendo que até mesmo a mais forte economia do planeta sofre com os efeitos da globalização econômica e a sua cultura. Todos nós temos ouvido falar sobre a exuberância do crescimento econômico norte-americano e imaginamos que tudo vai muito bem naquele país. Os indicadores econômicos escondem uma outra realidade que ninguém imaginaria ver nos Estados Unidos da América. Na sua apresentação sobre a perspectiva indígena da globalização, Elona Street-Stewart nos falou da realidade vividas pelos índios norte-americanos. Parecia que estávamos todos ouvindo falar de dados sociais de países da África, Oriente Médio ou América Latina. Ao colocar a economia no centro de tudo, a globalização econômica exclui aqueles de pouca importância para a força da economia.

Há ainda um outro elemento muito importante na cultura da globalização econômica. Estou me referindo ao pensamento que afirma a inevitabilidade deste processo. Em outras palavras, não há outra alternativa. Se quisermos sobreviver no mundo de hoje, devemos fazer parte desta economia globalizada. Isto foi o que ouvimos de empresários e representantes de governo, principalmente na Coréia.

Parece que vivemos um momento de estagnação total no que se refere à possibilidades de novos rumos. Assim, a economia impõe suas normas, rumos e o sacrifício dos mais fracos da nossa sociedade.

Contra esta mentalidade de que a globalização é um processo irreversível, surgiram vários movimentos que visam propor alternativas a esse processo. Já citamos o MST, mas há outros como o movimento do Jubileu 2000. Este último tem por objetivo alcançar o perdão incondicional das dívidas externas dos países mais pobres do mundo. Este fato seria bastante não só para uma mudança nas relações internacionais, uma vez que estas nações não seriam obrigadas a continuar adotando políticas econômicas prejudiciais a seus povos. Livres do peso das suas dívidas externas, estes governos poderiam se dedicar a políticas sociais e, assim, contribuir com a melhoria da qualidade de vida das populações mais empobrecidas do mundo.

Além disto, não podemos deixar de esquecer as palavras de Faith Wilder Grothaus, um consultor de empresas de Seattle. Através delas tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da cultura das grandes corporações e de seus executivos. Ouvimos um relato sobre um ambiente formado por pessoas que querem obter mais e mais resultados. Pessoas movidas por ganância, mas também pelo medo. Nas grandes corporações, o medo também existe. Não me refiro a uma fobia ou paranóia sem qualquer explicações, mas um medo de ser superado pelo concorrente, de se perder o espaço conquistado no mercado.

Nas visitas que fizemos às grandes corporações, ouvimos muitas palavras como missão, visão e valores.

---

*Toda empresa tem uma missão a cumprir; uma visão de mundo e valores a zelar. O que parece soar como um vocabulário de uma igreja, instituição religiosa ou entidade da sociedade civil passou a ser incorporado por empresas.*

---

Assim, elas passam a assumir tarefas que vão além da obtenção de lucros cada vez mais elevados. Busca-se dar agora um espírito ao que era somente um conjunto de prédios poluidores com executivos engravatados e operários sujos. É necessário que a empresa também tenha uma “espiritualidade” própria verificada no novo vocabulário destas corporações. Não basta vender mais papel, café ou aviões comerciais; é preciso estar presente na vida das pessoas, dominar seus espíritos, invadir seus corpos para que elas aceitem a presença destas corporações de forma positiva.

---

*Nossos sonhos e desejos são manipulados de acordo com o mercado. Este, por sua vez, não procura nos convencer, mas sim nos seduzir.*

---

Vivemos em um ambiente econômico dominado por símbolos. O carro do ano, o tênis da moda, a cerveja e outros produtos do nosso dia-a-dia são recheados de símbolos que julgamos parte da nossa vida. Como disse o teólogo católico Jung Mo Sung, “quem compra um carro de US\$ 100.000,00 não quer comprar um carro.” Não é a toa que muitas empresas contratam atletas, atores ou cantores para estrelarem suas campanhas publicitárias. Eles também são símbolos de sucesso, juventude, força, charme, etc. No mundo de hoje, quem não gostaria de usar um produto com o aval de um Ronaldo ou de um Michael Jordan? Afinal de contas, os dois são fenômenos em cada um de seus respectivos esportes. Os sonhos de todas as pessoas é o de se tronar um vencedor, mesmo que isto seja através do uso de uma camisa, refrigerante, xampu ou outro produto que estes vencedores do nosso tempo recomendam.

Depois desta breve análise, resta-nos fazer algumas perguntas. Afinal de contas, como afirmava Paulo em Rm 12.1-2, devemos lutar pela transformação do mundo em que vivemos, mesmo que o curso da realidade pareça estar previamente traçado e sem possibilidades de mudanças? Precisamos ter coragem para indicar novos rumos. Para isto, entretanto, é preciso que nos questionemos primeiro.

## Questões para Reflexão

Por que um rico quer um carro de \$ 100.000,00 quando um por \$ 20.000,00 faz a mesma coisa?

Consumo tem a ver com algo mais do que necessidade... A Europa e a América do Norte produzem desejos e não somente produtos... O capitalismo indica uma forma de ser mais, não apenas de ter mais... O capitalismo cria um desejo ilimitado por um consumo ilimitado... De que vale ter dinheiro se não se pode criar inveja em outras pessoas?

*Dr. Jung Mo Sung, um teólogo católico brasileiro de origem coreana, falando em português na Universidade Mackenzie, São Paulo.*

As empresas querem trabalhadores flexíveis, que não sejam especializados em apenas uma função, mas que entendam várias áreas... Criatividade e flexibilidade são a essência da revolução da globalização.

Os brasileiros nascem criativos e flexíveis. Só se precisa investir nisto.

*Dr. Emerson Kapaz, engenheiro civil brasileiro e deputado federal.*

1. Quais valores formam a cultura da globalização econômica? Como cristãos reformados, o que temos a dizer sobre este tema.
2. A igreja poderia ser uma comunidade que indica novas possibilidades para o mundo "lá fora"? A maneira que experimentamos a vida comunitária em nossas igrejas pode ser vista como um modelo para a sociedade "lá fora"? Que mudanças devemos fazer para ser este modelo?
3. Quais visões e sonhos deveriam nortear as nossas vidas de cristãos reformados? Como podemos transmitir estes sonhos efetivamente a uma cultura com valores e visões diferentes?

---

# O JUBILEU E A DÍVIDA EXTERNA

---



Josué da Silva Melo



**Josué da Silva Melo** – Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) O Rev. Josué da Silva Melo foi moderador do Conselho Coordenador da IPU (1999-2001) e é atualmente o seu vice-moderador. Atuou como pastor nas igrejas de Feira de Santana e Governador Mangabeira, como presidente do Presbitério de Salvador, como presidente do Sínodo Bahia/Sergipe e como presidente da Confederação da Mocidade Presbiteriana (CMP). É mestre em educação e ciência política. O professor Josué é titular de Ciências Políticas na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e é presidente do Instituto Nacional de Educação e Desenvolvimento (INED). Além disto, ele é o ex-presidente da Academia Feirense de Literatura e fundador e diretor da Associação Feirense de Assistência Social e do Serviço de Integração do Migrante (1967-1991). Ele é casado com a Professora Tecla Dias Oliveira Mello.

Em Israel, o Jubileu era celebrado a cada 50 anos. O capítulo 25 de Levítico, os capítulos 21 a 23 de Êxodo e o capítulo 15 de Deuteronômio descrevem as celebrações dos anos sabáticos, a legislação e comemoração do Jubileu, destacando o que representavam para o povo de Deus.

De sete em sete anos, celebrava-se o ano sabático. Ano de repouso para as pessoas e para a terra, durante o qual não se podia semear, nem colher. Ao completar sete vezes sete anos, dava-se início ao jubileu. A festa era maior, a celebração mais intensa, com significado profundamente marcante para a família israelita. Era o momento da plenitude, o *kairós* de Deus invadindo o tempo humano. Comemorações de fé nas intervenções de Deus na história e na vida do seu povo. Tempo de cancelamento de dívidas, de perdão mútuo, de descanso da terra, de libertação para os escravos, de socorro e alívio para os pobres.

## Situação Sócio-econômica

A tradição do Jubileu estava profundamente enraizada na situação sócio-econômica de Israel. Era o ano sagrado da libertação, no qual os israelitas que haviam se tornado escravos por contingência social voltavam a gozar de liberdade. As terras que haviam sido vendidas por necessidades econômicas eram restituídas

aos antigos proprietários (Lv 25. 10). A celebração estava centrada na família e na terra. Era o grande momento, quando Israel redescobria sua fisionomia original, voltava à juventude e se revigorava, desfazendo-se do peso de relações que acentuavam as diferenças entre seus filhos, resgatando o sentido da família como núcleo básico da sociedade e libertando-se do trágico risco de ver seus filhos divididos entre ricos e miseráveis, livres e escravos, felizes e excluídos.

## **A Terra**

A celebração do Jubileu era uma oportunidade especial de lembrar que “a terra é de Deus” (Lv 25.23). Ela não será para sempre daquele que a compra. O sentido é mais de uma herança inalienável e não de uma propriedade. Nela somos estrangeiros e hóspedes, habitando por um pouco de tempo, embora usufruindo do status e da dignidade que a terra nos confere. Até por isto, esta tem que ser tratada com respeito e responsabilidade.

No ano sabático, como no jubileu, o trabalho na terra era interrompido. Não se podia semear, nem colher. Com sua própria força, ela produzia alimento para todos. Era Deus chamando o homem a romper com a lógica da acumulação e da ganância. É preciso parar. A terra e o homem precisam de repouso para continuarem saudáveis e fecundos e reconhecerem a generosidade divina, a gratuidade da criação e a soberania “do Senhor dos céus e da terra” que oferece melhor qualidade de vida para todos os aspectos da vida do seu povo. “A terra vai produzir suas colheitas e haverá bastante comida para todos e todos viverão em segurança.” (Lv 25. 19).

O Jubileu está diretamente relacionado com a história e a vida presente de Israel. De modo geral, representava quatro grandes bênçãos: o perdão das dívidas, a lembrança da soberania de Deus sobre o povo e sobre a terra, a liberdade para os escravos e o cuidado de Deus com os pobres. “Que ninguém explore os outros. Se um israelita ficar pobre e não puder sustentar-se, tome conta dele. Não faça dele um escravo. Pois foi Deus que tirou a todos da servidão.” (Lv 25.35)

## **Jesus Cristo no Jubileu**

---

*O Jubileu era também uma celebração escatológica, uma explosão de esperança em um tempo novo, o vislumbrar de uma sociedade onde todos fossem livres e pudessem viver da herança recebida do Senhor.*

---

Os profetas autênticos sabiam que esse novo tempo estava começando como “as sementes que germinam no jardim” (Is 61. 11).

O dia novo chega quando outro filho de Israel, na sinagoga de Nazaré, em pleno dia de sábado, abrindo o livro do profeta Isaías, proclama: “O Senhor me deu o Seu Espírito. Ele me escolheu para levar a Boa Notícia aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos cativos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo.” (Lc 4. 18-19). Depois fechou o livro e disse: “Hoje se cumpriu essa passagem das Escrituras que vocês acabaram de ouvir.” (Lc 4. 21).

Vale observar que, na missão de Jesus Cristo, a mensagem do Jubileu se cumpre plenamente. Com Jesus Cristo temos o tempo da graça do Senhor. Ele prega contra o acúmulo de tesouros na terra (Mt 6. 19-24), incentiva as pessoas a ajudarem-se mutuamente assumindo o outro como próximo (Lc 10. 29), oferece o seu perdão àqueles que nele acreditam, ensina que os que forem perdoados também devem perdoar (Mt 6. 14) e que em seu reino todos são livres, filhos do mesmo Pai e chamados a viver como irmãos.

Sabe-se o significado da celebração do Jubileu na vida e na história do povo de Israel e na comunidade cristã, porquanto Jesus Cristo é a plenitude do Jubileu para toda a humanidade. O que significa, no entanto, celebrar o Jubileu no ano 2000? Como celebrá-lo com intensidade, devoção e reflexão e entender sua relação com o mundo atual, com a sociedade no limiar do século 21, atentando para os desafios e exigências do projeto de Deus em nossos tempos?

Ao longo dos últimos cinco mil anos muita coisa mudou. Das celebrações dos anos sabáticos e do Jubileu registradas pelos autores do Pentateuco até os nossos dias, muita história foi construída. Uma caminhada permeada com os rastros do sangue do Cordeiro, sempre de lutas e esperanças, de ameaças e incertezas, porém de determinação “de fazer novas todas as coisas” e propiciar a todos “a vida – e vida em abundância, vida completa” (Jo 10. 10).

## **O Jubileu 2000**

O Jubileu 2000 deve ser refletido à luz do projeto de Deus para toda a humanidade. O Israel de Deus deixa de ser apenas um pequeno povo localizado numa micro região do oriente e torna-se um povo planetário, verdadeiramente globalizado. Como no Jubileu Levítico, a fé cristã está igualmente enraizada nas condições sociais e econômicas, nas relações de justiça e na qualidade de vida dos filhos de Deus, nesses novos tempos.

Lamentavelmente a vida humana continua ameaçada. Dados recentes divulgados pelo Banco Mundial revelam que, nesse final de século, o mundo ficou mais pobre. Estima-se que 1,5 bilhões de pessoas estejam na faixa de miséria, vivendo com menos de um dólar por dia. Legião que aumenta a razão de cem milhões por ano em todo o planeta<sup>1</sup>. Somente na América Latina são 200 milhões de pobres,

---

<sup>1</sup> Relatório do Banco Mundial, junho 1999.

cerca de 30% da população, tentando sobreviver apesar dos péssimos e adversos indicadores de qualidade de vida.

No Brasil não é diferente. No país campeão mundial de concentração de renda, de desigualdade social, um quarto de sua população – cerca de 40 milhões de pessoas – vive abaixo da linha de pobreza absoluta, morando na zona rural ou nas periferias urbanas sem saneamento básico, muitos sem moradia, com elevadas taxas de desemprego, de analfabetismo, de mortalidade infantil, excluídos, portanto, dos direitos à própria cidadania.

## **A globalização da Economia**

Há que se apontar a globalização da economia e o endividamento externo dos países pobres e dependentes como as causas maiores da pobreza no mundo.

---

*O processo de globalização da economia tem se mostrado extremamente contraditório, injusto e excludente, concentrando riqueza e excluindo as pessoas.*

---

A força que o movimenta é a desenfreada busca de maximização dos lucros, submetendo tudo e todos à lei selvagem do Livre Mercado. A ONU, em seu Relatório sobre o Desenvolvimento Humano – 1998, assinala que a globalização é a grande responsável pela concentração de renda, pois, nos últimos 20 anos, os países ricos ficaram mais ricos, e os pobres mais pobres. Os sinais são evidentes: a redução das tarifas de importação beneficiam os produtos exportados pelos países mais ricos que ainda subsidiam os produtos agrícolas, criando barreiras comerciais para os países emergentes e inviabilizando as exportações por parte dos países pobres e dependentes, caracterizando-se como uma nova forma de colonização.

A lógica da globalização da economia globalizada parece clara: fortalecer a economia dos fortes e tornar as nações pobres cada vez mais pobres e dependentes. Os Estados Nacionais se fragilizam e perdem sua capacidade de comando diante das grandes corporações econômicas que atuam mundialmente. O resultado está estampado na frieza dos números. Enquanto o hemisfério Norte, com 20% da população se apropria de 85% da riqueza mundial, o hemisfério Sul (onde se situam os países pobres e emergentes) com 80% da população mundial fica com apenas 15% da riqueza. Segundo ainda o relatório do Banco Mundial, os 20% mais ricos do planeta concentram 70% da renda gerada, enquanto os 20% mais empobrecidos sobrevivem com menos de 1% da renda, formando, assim, “a sociedade dos 20 e dos 80”, para usar a denominação de Hans-Peter e Harald Shumann.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MARTIM, Hans Peter & SHUMMAN, Harald – *A Armadilha Globalização*, Editora Globo, São Paulo, 1999.

Ao contrário do que se apregoava no início da década de 90, os países em desenvolvimento só perderam com a globalização da economia. Esta é também a conclusão da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), reunida em Bangcoc, fevereiro de 2000: “Os países pobres até agora nada ganharam com o livre trânsito de mercadorias e capitais pelo mundo. Pelo contrário, só perderam. Enquanto os Tigres Asiáticos, a Rússia e o Brasil agonizavam diante da fuga maciça de capitais, os Estados Unidos não pararam de crescer e a Europa avançou no seu projeto de integração. A crise acabou beneficiando as economias industrializadas, liquidando os progressos econômicos e sociais dos países em desenvolvimento, deixando em seu rastro empresas falidas, desemprego e a queda na qualidade dos serviços público, como saneamento básico e educação<sup>3</sup>.”

O entendimento da ONU, do Banco Mundial e outras agências internacionais de desenvolvimento não é diferente. Dados são colocados dando conta de que a globalização vem contribuindo para a redução de renda, em especial nos países não desenvolvidos. Ao invés de melhorar as condições de vida, o processo de globalização as enfraqueceu, contribuindo para ampliar o número dos excluídos. Pertinentes são as declarações do novo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Horst Koehler, publicadas em jornais brasileiros, reconhecendo a necessidade de revisão da política de globalização, pois “é preciso atentar para o fato, diz ele, de que não é possível que uma parte do mundo esteja ficando cada vez mais rica e outra esteja recebendo apenas uma parte dessa prosperidade.”<sup>4</sup>

Em verdade, a globalização econômica produz um falso progresso. A produtividade, lastreada em inovações técnicas e nos princípios da racionalização, cresce com maior rapidez do que a economia pode absorver. A consequência é um crescimento que não gera emprego, nem distribuição de renda e passa pelas pessoas como “máquina de moer carne”, aniquilando a solidariedade social e as perspectivas de construção do futuro.<sup>5</sup>

Nessa perversa lógica da economia globalizada estão as raízes da desigualdade social, da pobreza, do *apartheid* e da exclusão social, na qual interesses privados – e de poucos – prevalecem sobre a garantia de condições mínimas de sobrevivência para a maioria da população. O aumento do desemprego, a queda do poder aquisitivo dos salários e o crescimento da exclusão social e da violência formam o triste cenário do final do século e do milênio. Um jeito velho de caminhar na contra-mão da história e da sagrada tradição do Jubileu.

---

<sup>3</sup> Jornal Correio Brasiliense, 06/02/2000

<sup>4</sup> WALKER, Verene – Correio Brasiliense, 06/02/2000

<sup>5</sup> WARREN, Ilse Scherrer – *Cidadania Sem Fronteiras*, ed. Hucitec, São Paulo, 1999.

## A Dívida Externa

A situação se agrava com o recurso da Dívida Externa. As dívidas contraídas ao longo do século XX pelos países pobres e dependentes, com um maior acúmulo nos últimos 50 anos, constituem-se em um dos mais perversos instrumentos de destruição da vida, da cidadania e da expansão da pobreza. Agem como poderosos predadores que corroem as entranhas das economias nacionais, estagnando os processos de desenvolvimento e empobrecendo as populações.

Sabe-se que a exigência de pagamento da dívida externa e dos seus serviços, na forma de entendimentos internacionais acordados, tem reduzido em muito os investimentos no desenvolvimento econômico sustentado, bem como dizimado os recursos públicos destinados aos programas sociais, inviabilizando a realização de projetos de longo alcance e tolhendo as possibilidades de construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. Avaliações efetivadas pelo Banco Mundial assinalam que os Estados emergentes aplicam hoje na área social 60% menos por habitante que em 1970.

O que se pode fazer? Urge repensar a dívida. Buscar, como Igreja Cristã, Reformada e Presbiteriana, em sua dimensão local, mundial e ecumênica, um novo e audacioso posicionamento. A dívida deve ser questionada sob vários aspectos, mormente sob o prisma da ética cristã, pois enquanto máquinas param, empregos desaparecem, a miséria e a exclusão aumentam, o pagamento de juros e amortizações aos credores são honrados com rigorosa pontualidade. Mesmo que seja às custas do sacrifício da população indefesa, da depredação do patrimônio público e da estagnação econômica nacional.

Além, evidentemente, de ser uma clara violação ao Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, fixado pela ONU em 16/12/1966, quando reconhece “o direito de cada Nação à autodeterminação, ao desenvolvimento econômico bem como à livre disposição de suas riquezas e recursos naturais, e que, em caso algum, poderá um povo ser privado dos seus próprios meios de subsistência”. Pode-se afirmar, portanto, que a dívida externa do Brasil e dos 42 países pobres e dependentes é injusta e insustentável ética, jurídica e politicamente, porquanto fora constituída fora dos marcos legais, sem consulta à sociedade, por ter favorecido quase exclusivamente as elites em detrimento da maioria da população e por ferir a soberania nacional.

Vale acreditar que a dívida externa, responsável pela exclusão e pela pobreza, também pode ser um poderoso instrumento a serviço de sua erradicação. Sem desobedecer a complexidade do tema, é preciso buscar soluções libertadoras. Neste sentido, há de se aprender as lições do Jubileu Israelita. Lá o perdão das dívidas estava comprometido com o ressurgimento de novas relações que gerassem liberdade, justiça, solidariedade e melhoria das condições de vida, em especial para os mais pobres. Aqui também a simples redução da dívida, ou mesmo o seu perdão, não atende ao espírito do Jubileu. Certamente seria bom para os Estados Unidos, mas não interessa às populações da África, da Ásia e da América Latina. Mesmo porque os recursos perdoados ou economizados com um possível “cancelamento” da dívida poderiam não ser priorizados e aplicados corretamente.

## **Proposta**

A proposta defendida pela Igreja Presbiteriana Unida do Brasil e por outras instituições sociais e ecumênicas é do cancelamento condicionado. Os recursos advindos da dívida externas seriam alocados a um Fundo de Investimento Social, gerenciado por uma Comissão Mista e Autônoma, constituída por representantes dos credores e devedores, supervisionada por agências ecumênicas e por organizações representativas da sociedade civil. O fundamental é que os recursos oriundos da dívida fiquem nos próprios países para o financiamento de projetos de desenvolvimento sustentado, de programas de geração de emprego, de produção de renda, de melhoria das condições de saneamento, de saúde e de educação popular, de combate à fome, de redução do déficit habitacional, de erradicação do analfabetismo e da pobreza.

Uma proposta evidentemente de mão dupla. A erradicação ou redução da pobreza é como a libertação dos escravos. Gera liberdade, produção e vida. Se por um lado propicia as condições para o desenvolvimento sustentado dos países devedores, por outro, assegura a estabilidade dos países ricos e credores, a construção de um futuro com dignidade e paz, com mais justiça e vida para todos.

Parece-me ser este o sentido mais legítimo do Jubileu sagrado: perdão e libertação, solidariedade e condições de vida plena para todos, perdão condicionado à criação de novas relações em busca da plena realização do Reino de Deus. Por isto, o Jubileu cristão é o grande sinal da graça e da vida.

Falar sobre  
o Jubileu  
provoca alguma  
ansiedade.  
Cancelamento de  
dívidas  
sem a garantia de que  
seus benefícios irão mudar a  
vida das pessoas nos países  
poderia, na verdade, ser pior  
do que a situação atual.

*Afirmção feita por um palestrante nos  
Estados Unidos.*

Entre 1995 e 1998, o Brasil  
pagou US\$ 141 bilhões do  
principal e dos juros da  
sua dívida internacional.  
Mesmo assim, durante este mesmo  
período, a dívida cresceu US\$ 147  
bilhões.

*Valter Pomar, do programa Jubileu 2000  
no Brasil.*

Nas corporações, vemos o poder  
do dinheiro. A igreja e as  
pessoas comuns precisam  
ponderar como  
contrabalançar o poder do  
dinheiro.

*Bruce Kenedy, executivo e  
membro da Igreja  
Presbiteriana dos  
Estados Unidos –  
PC(USA).*

## Questões para Reflexão

1. Você concorda que o conceito do Jubileu bíblico deveria ser aplicado à situação das nações em dívida? Por quê ou por quê não? Como tal objetivo pode ser alcançado?
2. O autor afirma que a colonização econômica é um fato hoje e que os Estados Nacionais estão delegando alguns dos seus legítimos poderes para interesses econômicos em países ricos. O que você tem visto, lido ou vivido afirma ou nega isto?
3. Você pode pensar em formas de vivência que tenham sofrido algum impacto da globalização e que estejam de acordo com a afirmação do autor? Se sua resposta for negativa, qual tem sido sua experiência?

---

# APÊNDICES

---



---

# APÊNDICE A

---

## Questões para Aprofundar a Discussão

Durante o curso do diálogo nas três semanas, houve muitas discussões informais e planejadas nas quais os participantes debateram complexas questões envolvendo sua fé reformada com a compreensão da economia global. Para todos os que estão interessados em explorar mais a questão, estão incluídas indagações adicionais, entre as que foram levantadas pelos participantes do diálogo.

1. Como deveria ser a espiritualidade reformada no contexto da globalização?
2. Como a igreja pode contribuir para fortalecer a sociedade civil à luz da globalização?
3. As questões ambientais são preocupações vitais para a igreja?
4. Como estabelecemos a diferença entre a economia internacional e a economia global?
5. Quais as grandes questões relativas à terra que estão relacionadas com a globalização econômica?
6. Como nós, cristãos reformados de diferentes países, podemos responder juntos à globalização?
7. Como os cristãos podem continuar um diálogo internacional sobre questões da economia global?
8. Por que tantos têm uma fé inabalável no mercado livre?
9. Quais são os valores éticos por detrás da globalização? Que valores podemos acrescentar a ela?
10. Como Deus está usando a globalização para prosseguir sua obra de uma nova maneira?
11. Um dos apresentadores disse que a “globalização envolve fragmentação e integração.” Você concorda? Quais os exemplos que você observou destas duas situações?
12. Como testemunhamos a Jesus Cristo em meio a tantas contradições?

---

# APÊNDICE B

---

## Parceiros do Diálogo

### Participantes Coreanos

**Keun Soo Hong** – pastor titular da Igreja Hyangrin, Seul; Igreja Presbiteriana na República da Coreia (PROK).

**Yong Kyu Kang** – pastor titular da Igreja Hanil, Seul; Igreja Presbiteriana na República da Coreia (PROK).

**Tae Sun Lyu** – secretário executivo do Departamento de Serviços Sociais e Testemunho da PCK; Igreja Presbiteriana na Coreia (PCK).

**Sung Bihn Yim** – professor universitário da Faculdade Presbiteriana e Seminário Teológico, Seul; Igreja Presbiteriana na Coreia (PCK).

### Participantes Americanos

**Heidi Hadsell do Nascimento** – diretora do Instituto Ecumênico Bossey, Suíça; Igreja Presbiteriana (EUA).

**Bruce Kennedy** \* – ex-presidente e CEO da Alaska Airlines; Igreja Presbiteriana (EUA).

**Elona Street-Stewart** – trabalha no programa de Ministérios Racial e Étnico e Fortalecimento Comunitário, Sínodo dos Lagos e das Pradarias; Igreja Presbiteriana (EUA).

**Peter Arpad Sulyok** – coordenador da Política Social e Testemunho da Igreja Presbiteriana (EUA); Igreja Presbiteriana (EUA).

---

\* O Sr. Kennedy ficou doente durante a viagem e não pôde completar o diálogo.

## Participantes Brasileiros

**Eduardo Galasso Faria** – professor de História do Pensamento Cristão/Teologia/Hermenêutica no Seminário Teológico de São Paulo, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI).

**Josué da Silva Mello** – moderador do conselho coordenador da IPU, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU).

**Ulisses Louzada Mantovani** – ex-estagiário do Conselho Mundial de Igrejas; Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU).

**Clayton Leal da Silva** – Pastor da Igreja Presbiteriana Independente Central de Botucatu, Brasil; Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI).

## Pessoal da Igreja Presbiteriana, PC(USA)

**Kathy Reeves** – coordenadora do diálogo, associada do Programa Ecumênico de Facilitação da Divisão de Ministérios Mundiais, PC (USA).

**Jean S. Stoner** – facilitadora do diálogo e consultora da PC(USA).

**Insik Kim** – coordenador da parte coreana do diálogo e coordenador para o Leste da Ásia e Pacífico, PC(USA).

**Jovelino Ramos** – coordenador da PC(USA) para o diálogo no Brasil; ex-diretor associado para os Ministérios Racial e Étnicos e Justiça Social, PC(USA).

**Seong-Won Park** – trabalha na Aliança Mundial de Igrejas Reformadas em Genebra, Suíça; secretário executivo do Departamento de Cooperação e Testemunho da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR).

**Walter Owensby** – assessor para o diálogo, associado para Questões Internacionais no Escritório em Washington, PC(USA).

---

# APÊNDICE C

---

## Divisão de Ministérios Mundiais

### Parceria Ecumênica, Relatório Nº 26

#### Resposta a uma Proposta

Proposta 97-60 dirigida à Divisão de Ministérios Mundiais para facilitar um diálogo entre líderes de igrejas do Brasil, Coréia do Sul e dos Estados Unidos, com relação a questões de justiça social na economia global emergente.

#### Fundamento

O escritório do Programa Ecumênico de Facilitação facilitou o diálogo entre os líderes das Igrejas Presbiteriana Independente do Brasil, Presbiteriana Unida do Brasil, Presbiteriana na Coréia, Presbiteriana na República da Coréia e Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA) de 26 de fevereiro a 16 de março de 2000.

A cada grupo nacional foi solicitado o envio de quatro líderes de igrejas que tinham nível de conhecimento para abordar questões relativas à globalização e à justiça social durante o diálogo de três semanas que aconteceu em Seul, Coréia; Seattle/Tacoma, Washington; São Paulo, Brasil.

Seguindo o modelo do *processus confessionis* – processo de reconhecimento, educação, confissão e ação – da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, os participantes do diálogo se encontraram com líderes de igrejas e executivos em cada país assim como educadores. Eles visitaram igrejas que estão envolvidas com o atendimento das necessidades dos pobres e visitaram corporações multinacionais que participam da economia global. Ouviram sobre as políticas nacionais de cada país que, diariamente, afetam as realidades econômicas na vida dos cidadãos nos países visitados. Dialogaram entre si durante as três semanas da jornada transcontinental.

Os participantes do diálogo emitiram uma *DECLARAÇÃO COLETIVA* que emergiu de suas experiências. Ela está à disposição dos que a solicitarem.

Uma publicação que vai incluir os artigos com as reflexões de cada participante junto com suas perguntas para conduzir discussões sobre as questões da globalização também serão publicados para uso nas igrejas locais de todas as igrejas participantes no diálogo e após o mesmo.

Jenny Stoner trabalhou como facilitadora do diálogo e consultora e continua a trabalhar pela edição dos artigos de reflexão para publicação.

# Caderno de *O Estandarte*

Publicação especial em comemoração ao aniversário da IPI do Brasil  
Julho de 2004



## ASSESSORIA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

Rev. Gerson Correia de Lacerda (*relator*)  
Rev. Eduardo Galasso Faria  
Presb. Nilson Zanella  
Reuel Matos de Oliveira  
Dorothy Maia

## Diretor e Editor:

Rev. Gerson Correia de Lacerda

## Jornalista responsável:

Dr. Uassyr Ferreira  
Reg. MT 6220 - SJPEP 65381  
Matr. Sind. nº 12763

## Redação:

Rua Amaral Gurgel, 452 - Sobreloja  
CEP 01221-000 - São Paulo-SP  
Fone/fax: (011)3258-1422 / 3258-7967  
E-mail: [estandarte@ipib.org](mailto:estandarte@ipib.org)  
Expediente: 2ª a 6ª, das 9 às 18 hs.

## Editora Pendão Real

Eduardo Magalhães  
(*Gerente Administrativo*)

Albério José Siqueira  
(*Atendimento e Cadastro*)

**Exemplar avulso:** R\$ 5,00

**Depósito no Bradesco**

**Agência 095-7 C/C 151.212-9**

## A Fé Reformada e a Globalização - Vozes da Coréia, EUA e Brasil, 2004.

Traduzido de *Voices from Korea, U.S.A., and Brazil*, Presbyterian Church (USA), 2001. Escritório de Parceria Ecumenica

**Editora:** Jean S. Stoner

**Tradução:** Ulisses Mantovani

**Revisão:** Eduardo Galasso Faria,  
Gerson Correia de Lacerda

## Coordenação da edição em

**português:** Eduardo Galasso Faria

**Capa, projeto gráfico e editoração  
eletrônica:** Sheila de Amorim Souza

**Fotos:** Jenny Stoner, Kathy Reeves e  
Eduardo Galasso Faria

**Tiragem:** 7.000 exemplares.

**Impressão:** Gráfica Potyguara(11) 6969-4077

*Artigos assinados não representam necessariamente a opinião da IPI do Brasil, nem da própria direção do jornal. Matérias enviadas sem solicitação da Redação só serão publicadas a critério da diretoria. Os originais não são devolvidos.*

# *A Fé Reformada e a Globalização*

*VOZES DA CORÉIA, ESTADOS UNIDOS E BRASIL*

*Nos meses de fevereiro e março de 2000, doze delegados mais um grupo de apoio, representando cinco igrejas presbiterianas/reformadas da Coréia, Estados Unidos e Brasil, se dedicaram, durante três semanas, a um seminário de estudos que os levou de Seul, na Coréia, a Seattle e Tacoma, nos Estados Unidos, até São Paulo. O grupo estava respondendo à convocação da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA) para participar de um diálogo entre líderes de igrejas em três países, a fim de compreender as forças que dirigem a nova economia globalizada, seu efeito sobre a vida das pessoas nas bases e o papel da igreja para promover mudanças que beneficiem a todos.*

*O presente texto apresenta reflexões a partir das experiências ocorridas durante esta jornada transcontinental. Os participantes se reuniram com representantes de ricos e pobres: educadores, líderes do mundo de negócios e das igrejas, sindicatos e militantes sociais. Eles visitaram corporações multinacionais e conheceram projetos de igrejas dirigidos às necessidades dos pobres. Em cada país eles examinaram os rumos políticos que afetam a vida diária dos cidadãos.*

*Entre as questões levantadas, que precisam ser aprofundadas, estão:*

- *Quais são os valores éticos que se encontram por trás da globalização?*
- *Como os cristãos reformados, de países diferentes, podem responder à globalização?*
- *Qual deveria ser a natureza da espiritualidade reformada no contexto da globalização?*

*Questões para reflexão após cada texto servem para estimular a discussão na igreja, à medida que ponderamos acerca das reivindicações de justiça para um mundo em transformação.*

*“A fé cristã não pode se sentir tranquila em qualquer ordem econômica que, com indiferença, combine, ao mesmo tempo, pobreza e grande riqueza.”*

*Walter Owensby*